

Tiago e as obras

Tiago afirma que a fé que a pessoa nutre em Deus, sem ser fazedor da obra (que é crer em Cristo), jamais poderá salvar. Ele enfatiza que a fé (crer em Deus) que essa pessoa afirma ter, ou seja, uma fé sem obras (sem crer em Cristo), não pode salvar.

Tiago e as obras

“Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2:26).

Introdução

A má compreensão da abordagem de Tiago invariavelmente leva muitos leitores a entender que ‘boas obras’ está relacionada a alguma ação que beneficie o próximo.

O objetivo deste artigo é demonstrar sucintamente que ‘obras’ na epístola de Tiago trata da essência do evangelho, e não de ações caridosas.

Qual é a fé que salva?

Ao perguntar: ‘Qual é a fé que salva?’, os interpretes se preocupam em descobrir se Tiago contradiz o apóstolo Paulo, ou em como conciliar Romanos 3, verso 28 com Tiago 2, verso 24. Entretanto, o correto é ler a epístola considerando o contexto em que os termos ‘fé’ e ‘obras’ foram empregados, independentemente das considerações do apóstolo Paulo.

Se o leitor da epístola de Tiago compreender a exposição, não será necessário tentar conciliar Tiago com a exposição do apóstolo Paulo, vez que devemos partir do pressuposto de que não há divergência de ideias entre eles.

Comparações e questionamentos acerca das epístolas paulinas à vista do exposto por Tiago só devem ser feitos após compreender cabalmente o texto da epístola de Tiago.

Obras

Lançar como pressuposto se é possível acreditar em alguém que se diz eletricista, mas que não consegue trocar uma lâmpada, ou se alguém diz ser motorista, mas não consegue estacionar um veículo, ou que alguém se diz matemático, mas não sabe o resultado de uma simples operação matemática, etc., não deve ser a base para analisar a abordagem de Tiago acerca das obras.

Ao indagar o fato de alguém dizer que tem fé, Tiago não estava analisando se essa pessoa pratica boas ações. Isto porque, uma pessoa que troca uma lâmpada pode indicar que é um eletricista, mas praticar boas ações não possui relação com a questão levantada por Tiago.

Os escribas e fariseus eram considerados pelos homens como sendo justos pelas ações que praticavam, mas eram reprovados por Deus (Mt 23:28). Boas ações não são indicativas de que alguém é salvo, verdade que se verifica na censura que Jesus emitiu acerca dos fariseus, pois sabiam dar boas dádivas aos seus semelhantes, porém, eram maus diante de Deus.

“Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mt 7:11);

“Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11:13).

A disposição de alguém em realizar boas ações não é prova de fé, pois é próprio aos homens dar boas dádivas aos seus semelhantes:

“E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? Ou, também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?” (Lc 11:11 -12).

O que Tiago demonstra em sua epístola é que a fé alegada por seus interlocutores

era réproba, e não que deveriam praticar boas ações para evidenciar o mérito da fé que professavam.

O problema

“Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2:14).

A pergunta elaborada por Tiago não visava estimular os seus ouvintes as práticas de civilidade, antes questionar se tal fé era de fato proveitosa. A questão é se a tal fé pode salvar, e não se é necessário praticar boas ações.

Considerando que o termo ‘fé’ no verso tem o sentido de crer, acreditar, confiar, temos que questionar qual é o objeto dessa fé, e não se esse alguém pratica boas ações. Que proveito há em alguém alegar que crê, se não crê que Jesus é o Cristo? Que proveito há em crer no impossível, ou em milagres, ou nos anjos, etc?

A questão foi formulada acerca do se crê, pois não basta crer que Deus é um só, se não executar a obra da lei perfeita da liberdade (evangelho):

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito” (Tg 1:25).

Tiago está questionando o fato de alguém dizer que crê em Deus, mas não realiza o que Ele determina (Tg 1:22). É possível a alguém ser salvo simplesmente por que diz que acredita em Deus, mas não põe por obra o que Ele determinou através do mandamento anunciado pelos apóstolos? Tal crença é sem proveito algum!

“Mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” (Tt 1:3).

O mandamento de Deus exarado no evangelho é de que o homem creia em Cristo Jesus (1 Jo 3:23). Não há proveito em dizer que tem fé em Deus, se não tiver a obra exigida por Ele. Dizer que crê em Deus sem executar a obra de Deus, não produz salvação.

De que obra Tiago está tratando? Da obra da fé, ou seja, crer no enviado de Deus!
(2 Ts 1:11)

“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6:29).

Perceba que a questão que Tiago está tratando não tem em vista bom comportamento, boas ações, etc. O que está sendo abordado é o fato de alguns judeus convertidos dizerem que criam em Deus, mas que não obedeciam ao mandamento de Deus: crer em Cristo.

Esses são aqueles que, segundo o apóstolo Paulo a Tito, diziam ‘conhecer’ a Deus, mas que não criam em Cristo.

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16);

“Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1Jo 2:4);

Negar com as obras é o mesmo que não guardar os seus mandamentos.

Tiago não estava questionando quem dizia ter fé em Cristo, antes questiona quem dizia ter fé em Deus e não criam em Cristo. É por isso que Jesus alertou os seus discípulos de que quem diz que tem fé (crê) em Deus, também precisa crer n’Ele (Jo 14:1).

A [abordagem de Tiago](#) tem em vista a linguagem utilizada pelos dos profetas e que era compreensível aos seus interlocutores, cristão convertidos dentre os judeus:

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra” (Ezequiel 33 : 31 -32).

Não basta ser ouvinte, pois aquele que ouve a palavra e não obedece, ou seja, não põe por obra, não passa de um ouvinte esquecido (Tg 1:23). O homem tem que ser

cumpridor da palavra, e não se enganar com falso discurso como: 'eu creio em Deus' (Tg 1:22). Quem diz crer em Deus e não crê em Cristo está fiado em um falso discurso.

Se alguém diz ter fé, que tenha fé no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho Jesus Cristo. Quem diz que tem fé, ou seja, que diz que crê em Deus, que creia que Jesus é o Cristo, porque se não crê em Cristo, tem Deus por mentiroso.

“Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu” (1Jo 5:10).

É um equívoco entender a abordagem de Tiago como se ele estivesse recriminando quem defende a ideia de que somente a fé em Cristo Jesus é suficiente para salvação. A fé em Cristo Jesus jamais pode ser denominada de 'fé somente', pois o evangelho é poder de Deus para salvação.

Ao dizer: 'qual é o proveito, se alguém disser que tem fé ', Tiago estava recriminando os cristãos convertidos dentre os judeus que defendiam o posicionamento de somente ter fé em Deus, esquecendo-se da instrução de Jesus: crede também em mim!

Tiago afirma que a fé que a pessoa nutre em Deus, sem ser fazedor da obra (que é crer em Cristo), jamais poderá salvar. Ele está dizendo que a fé (crer em Deus) que essa pessoa afirma ter, ou seja, uma fé sem obras (sem crer em Cristo), não pode salvar. Ora, a fé em Cristo é a obra exigida para salvação, o que é completamente diferente de alguém dizer que tem fé em Deus somente.

De outra banda, quando o apóstolo Paulo defende que pelas obras ninguém será salvo, as obras que ele faz referência são as da lei (Gl 2:16). As obras que não salvam são as obras da lei, diferente do que Tiago propõe que é a 'obra da fé', que é crer em Cristo (2 Ts 1:11).

Entender que o problema dos irmãos destinatários da epístola de Tiago não era a ortodoxia (doutrina correta), mas a ortopraxia (prática correta), é posicionamento completamente equivocado^[1]. Na verdade, o que é abordado por Tiago é a questão da doutrina correta: crer que Jesus é o Cristo, e não somente dizer que tem fé em Deus.

Da mesma forma que alguns diziam ter fé que há um só Deus, os demônios também compartilham dessa crença e estremeceem, porém, é inócua tal crença pelo fato de não ter um mandamento. O que salva é a obediência ao mandamento de Deus: crer em Cristo, e não crer que Deus existe.

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremeceem” (Tg 2:19).

A abordagem de Tiago não tem em vista questões de cunho comportamental (ortopraxia), pois os exemplos apresentados não visa obras de caridade, como dar alimento aos necessitados, e sim demonstrar que, da mesma forma que é inócuo despedir quem precisa de alimento e vestimenta sem a provisão necessária, também é inócuo dizer que tem fé em Deus, se não crê que Jesus é o Cristo (Tg 2:15 -17).

“E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma” (Tg 2:15 -17).

A prova da fé de quem diz que tem fé em Deus é crer em Cristo, pois a simples alegação de que tem fé em Deus, nada evidencia. Oferecer o único filho em sacrifício evidenciou a crença de Abraão em Deus, pois ele executou a obra exigida por Deus. A crença de Abraão sempre resultou em plena obediência, e por isso mesmo tal crença foi lhe imputada como justiça (Gn 15:6).

Neste mesmo sentido Raabe, que apesar dos riscos, recebeu os espias em sua casa, pela convicção de que *“Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra”* (Js 2:11), demonstrou a sua fé em Deus escondendo os espias.

Descartar que a apreensão intelectual de crença em Cristo Jesus não é o que salva é depor contra a verdade das Escrituras, que diz:

“Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10:8 -9).

Diferente da fé em Cristo, a ‘fé’ dos demônios não resulta de um mandamento

com promessa, e sim, de um saber. A confissão da unidade de Deus pelos judeus segue o mesmo diapasão dos demônios, pois não tinham em vista um mandamento.

Sem o mandamento não há salvação, mesmo quando se crê na existência de Deus!

“Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente. Deste um mandamento que me salva, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza” (Sl 71:3).

Aceitar a verdade do evangelho como verdadeira significa crer no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho, e para salvação é o que Deus exige do homem. Tal confiança em Deus por intermédio de Cristo é uma entrega plena a Deus.

[1] “Por toda a epístola de Tiago fica claro que o problema dos irmãos destinatários não era a ortodoxia (doutrina correta), mas a ortopraxia (prática correta). Eles não tinham problemas com o “crer”, mas com o “fazer”. É um desafio para todos nós, que enfatizamos tanto a salvação pela fé em Cristo Jesus, e constantemente nos esquecemos que nossas obras serão julgadas. No encerramento desta lição, vale reler 2Coríntios 5.10: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.” Pr. José Humberto de Oliveira, estudo publicado originalmente pela Editora Cristã Evangélica, na revista “Tiago: a Fé em Ação”.

Quatro questões no evangelho que os cristãos são partes ativas

Esses são quatro processos nos quais os cristãos figuram como parte ativa: ANDAR, AGRADAR, FRUTIFICAR E CRESCER.

Quatro questões no evangelho que os cristãos são partes ativas

O apóstolo Paulo sempre rogava a Deus, pelos cristãos, em razão de algo que eles ainda não haviam alcançado na sua plenitude: conhecimento da sua vontade. Esse mesmo pedido é feito em outras cartas (Ef 1:17; Fp 1:9), o que demonstra o quão importante é ser pleno do conhecimento da vontade de Deus.

“Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual” (Cl 1:9)

Plenos do conhecimento

Por que o apóstolo dos gentios rogou a Deus para que os cristãos fossem ‘plenos’ do conhecimento da vontade de Deus? Qual o objetivo de eles obterem este conhecimento? Por que a sabedoria e a inteligência devem ser ‘espirituais’?

Deus criou o homem com aptidão natural de aprender e compreender, e através destas mesmas faculdades Deus quer que os crentes em Cristo sejam plenos do Seu conhecimento. O termo grego πληρωω (pleroo) traduzido por ‘cheios’, dependendo do contexto, possui a ideia de ‘plenitude’, ‘pleno’, ‘completo’, o que excluiu a ideia de gradativo, que é próprio ao termo ‘cheio’.

Entretanto, só é possível ao homem ser pleno do conhecimento da vontade de Deus através da sabedoria e inteligência ‘espiritual’. A ‘sabedoria’ e a ‘inteligência’ classificadas como espiritual refere-se à [verdade do evangelho](#), que em última análise é espírito e vida (Jo 6:63).

“O qual nos declarou também a vossa caridade no espírito” (Cl 1:8).

O ‘amor’, ou a ‘caridade’ no espírito que consta do verso 8, do capítulo 1 da epístola aos Colossenses’ é o mesmo que ‘obediência ao evangelho’. O evangelho é espírito (Ap 19:10). O homem torna-se um com o Pai e o Filho ao obedecer a

verdade do evangelho, e através do mesmo evangelho alcança o pleno conhecimento da vontade de Deus.

Ao classificar a inteligência e a sabedoria como sendo espiritual, o apóstolo Paulo assim o faz para diferenciar o evangelho da tradição dos homens que é segundo os rudimentos do mundo (Cl 2:8).

Se o cristão 'prosseguir em conhecer' a Cristo alcançará a plenitude da inteligência espiritual (Os 6:3), pois, em Cristo está escondido todos os tesouros da sabedoria e da ciência (Cl 2:3), e assim será 'enriquecido da plenitude da inteligência' (Cl 2:2).

Enquanto os judaizantes consideravam a lei como 'ciência' e 'verdade' (Rm 2:20), é Cristo quem revela aos homens todos os tesouros da sabedoria e da ciência, pois Cristo é o cumprimento da lei (Mt 5:17 -18). Diferentemente da lei, o evangelho faz dos homens filhos de Deus, e por isso mesmo o evangelho é poder de Deus para salvação dos que creem. Todos os homens tem capacidade de aprenderem de Deus, porém, se buscarem conhecer a Deus através de mandamentos de homens, filosofias, doutrinas várias e estranhas, isto lhes será impossível. Mas, se o homem beber da água que faz uma fonte que jorra para a vida eterna, este aprendeu de Deus, pois só no evangelho há conhecimento de Deus (Mt 11:29).

Quando lemos o capítulo 2 da primeira carta aos Corintos, verifica-se que o apóstolo dos gentios apresenta o evangelho como 'poder de Deus', 'espírito e poder', 'sabedoria oculta em mistérios', etc.

O apóstolo Paulo evangelizava certo de que estava anunciando o 'poder de Deus' aos homens sem qualquer tipo de mistura, para que a crença dos cristãos não tivesse por base a persuasão que decorre do mandamento de homens, e sim a sabedoria de Deus oculta aos antigos em mistérios: o evangelho.

“...não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria (...) a minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana (...) Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens...” (1Co 2:1-5).

O cristão por ser de novo gerado segundo Deus através da semente incorruptível, que é o evangelho, torna-se um (conhece) com o Pai e o Filho, é deve se 'vestir do novo', ou seja, se renovar no entendimento.

“... vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Cl 3:10).

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2).

‘Renovar’, ‘transformar’, ‘ser cheio do conhecimento’, ‘vestir-se’ refere-se as mesmas questões pertinentes ao novo homem. Após fazer a vontade de Deus, crendo em Cristo, o novo homem precisa reconhecer^[1] a vontade de Deus como ‘boa, agradável e perfeita’ (Rm 12:2), e assim andar dignamente diante de Deus, agradando-lhe em tudo.

“Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1:10).

Varão perfeito

Estar ‘pleno’ do conhecimento da vontade de Deus concede as condições necessárias para que os cristãos possam:

1. andar dignamente diante do Senhor;
2. agradar a Deus em tudo;
3. para frutificarem em toda a boa obra, e;
4. crescer no conhecimento de Deus.

Esses são quatro processos nos quais os cristãos figuram como parte ativa: ANDAR, AGRADAR, FRUTIFICAR E CRESCER.

O cristão deve andar dignamente diante do Senhor, e assim O agradará em tudo, ou seja, será perfeito (Gn 17:1). “Andar” nesse verso refere-se à conduta do cristão, e a base desse andar tem por parâmetro a palavra de Deus (2Sm 22:11). A questão abordada não é de cunho moralizante, antes que o cristão tem que se conformar à verdade do evangelho.

“Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais

num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho” (Fl 1:27).

Como andar agradando a Deus? a) tendo todos os cristãos o mesmo modo de pensar (Fl 2:2); b) nada deve ser feito por contenda ou vanglória (Fl 2:3); considerar os outros como superiores a si mesmo (Fl 2:4). Só consegue andar agradando a Deus em tudo aquele cristão que discerne (compreende) o corpo do Senhor, ou seja, que compreende que: a) é indispensável para a unidade do corpo reter à palavra da vida (Fl 2:16); b) que cada cristão em particular é membro do corpo, portanto, não pode haver contenda e nem disputas; c) se todos são filhos de Abraão, ou seja, não há servo ou livre, macho ou fêmea, rico ou pobre, judeu ou grego (Gl 3:28 -29), a regra de ouro é considerar o outro como maior.

Ao crer em Cristo como o enviado de Deus, o homem faz a obra de Deus (Jo 6:29), e assim é de novo criado por Deus em verdadeira justiça e santidade (Ef 4:24). É imprescindível ser criado em Cristo Jesus, pois sem Cristo, a fé manifesta, é impossível agradar a Deus (Hb 11:6; Gl 3:23). A nova criatura é obra de Deus preparada em Cristo, e os cristãos devem andar segundo as boas obras: permanecer crendo em Cristo, o que é essencial para que o cristão possa ‘frutificar’ e ‘crescer’ no conhecimento de Deus.

“Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5);

“Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome” (Hb 13:15).

Na epístola aos Efésios 2, verso 10, o apóstolo Paulo demonstrou que os cristãos são feitura de Deus, criados em Cristo Jesus para as boas obras, sendo que as boas obras foram preparadas por Deus para que os cristãos andassem nelas. As “boas obras” se referem a crer naquele que Deus enviou e perseverar nos seus ensinamentos, visto que a obra de Deus está vinculada a Sua palavra. Sem as boas novas do Evangelho não há “boa obra”.

Quando o homem crê em Cristo, a obra de Deus em Cristo é realizada: uma nova criatura. Quando se anuncia as palavras de Deus, conforme as Escrituras, a obra de Deus é realizada nos que creem. Tanto ‘a obra de Deus’ quanto às ‘boas obras’ são provenientes de Deus, por intermédio de Cristo.

A obra é de Deus, e Deus ‘aperfeiçoa’ os que creem para fazerem a Sua vontade.

“Vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por meio de Jesus Cristo, ao qual seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hebreus 13:21; 1 Co 3:9).

O ‘aperfeiçoamento’ do cristão se dá através do ensino e compreensão da Palavra, o mesmo que ‘crescer no conhecimento’.

“E ele mesmo deu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4:11-13).

A obra não se fundamenta no comportamento, mas, sim, na palavra do Evangelho; contudo, o comportamento constitui-se ornamento à doutrina do Evangelho (Tt 2:10). Através do pleno conhecimento da vontade de Deus os cristãos andam dignamente conforme o evangelho, agradando a Deus e frutificando em toda a boa obra (Ef 2:10).

O crescimento do cristão ocorre no conhecimento, uma vez que já alcançou a maioria em Cristo: já é idôneo e participante da herança dos santos na luz (Cl 1:12). No entanto, o cristão deve amoldar o seu comportamento à verdade do evangelho, e assim andar como filhos da Luz (Ef 5:8).

“Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo” (Fp 1:27).

À medida que o crente vai renovando seu entendimento, automaticamente o seu comportamento se transforma, e assim portar-se de modo digno do evangelho diante de todos os homens. Ao discernir (compreender) o Corpo do Senhor, o crente em Cristo não causará escândalo algum aos que estão de fora, e assim possam crer na verdade do evangelho, e nem aos que são membros do Corpo de Cristo.

Ao portar-se de modo digno do evangelho o crente está oferecendo um culto racional, um verdadeiro sacrifício ‘vivo, santo e agradável a Deus’ (Rm 12:1-2).

Em Colossenses 3, versos 8 à 11, temos o modo pelo qual o crente rende um culto racional:

“Mas agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; Onde não há grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos” (Cl 3:8 -11).

O apóstolo Paulo convoca os cristãos a experimentarem um novo patamar na conduta cristã. Ao discernirem o Corpo do Senhor, ou seja, a igreja, de que não há no corpo de Cristo grego ou judeu, circuncisão ou incircuncisão, bárbaro ou cita, servo ou livre, etc., antes entender que Cristo é tudo em todos, e que por isso mesmo todos os membros do corpo são descendentes de Abraão, estavam vestidos do novo homem que se renova para o conhecimento (Gl 3:26).

Antes de crer em Cristo, todos os cristãos andavam segundo o curso do mundo, mas agora, tem o dever de se desfazer de tudo que era pertinente ao velho homem que foi crucificado com Cristo: ira, cólera, malícia, etc. O cristão deve se desfazer de tudo que era pertinente à velha criatura. O velho homem foi morto na cruz de Cristo, e não mais vive, mas Cristo vive naqueles que foram de novo gerados (Gl 2:20), portanto, agora como novas criaturas devem se desfazer das coisas que pertenciam ao velho homem.

Faltar com a verdade é um comportamento desprezível tanto para crentes quanto para não crentes, ou judeus e gentios, ou senhores e servos, ou homens e mulheres, etc., e se o cristão quer se portar de modo a não causar escândalo, a mentira, como ato ou hábito, não combina com o cristão.

Que o cristão não deve mentir ou ter o habito da mentira é indiscutível, porém, ao falar da ‘mentira’ que o cristão deve se desfazer, o apóstolo Paulo está utilizando de uma figura que faz referencia ao que pertinente ao velho homem, contrapondo com a verdade, que é pertinente ao novo homem.

“Não mintais uns aos outros, pois já vos despistes do velho homem com os seus feitos” (Cl 3:9).

Não faltar com a verdade como ato ou habito deve ser o objetivo de todos os

cristãos para com todos os homens, assim como a equidade e a harmonia (Rm 12:18; Fl 4:5), entretanto, o apóstolo trata de uma questão própria aos cristãos: não mintais uns aos outros.

Quem faz distinção ou acepção de pessoas em Cristo não anda [conforme o evangelho](#) e mente ao outro (Cl 4:9 -11). Na verdade, é mentiroso, pois segue a concepção do seu coração enganoso (Jr 23:26), e não fala a verdade ao seu companheiro (Jr 23:30; Zc 8:16).

O cristão JÁ se despiu do velho homem quando batizado em Cristo e JÁ se vestiu de Cristo quando ressurgiu com Cristo (Cl 3:1), portanto, em Cristo não há mais judeu, grego, servo, livre, macho, fêmea, etc.

[“Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”](#) (Gl 3:27).

Este novo homem pode ser renovar pelo conhecimento no seu entendimento, segundo o que o apóstolo Paulo falou aos cristãos Romanos:

[“E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”](#) (Rm 12:2).

A transformação que os filhos de Deus ainda estão sendo submetidos é quanto ao entendimento, e isto sim, é um processo, pois o objetivo de Deus é que ‘constatemos’ que a Sua vontade é boa, agradável e perfeita.

Esse deve ser o cuidado de todos os cristãos, assim como Cristo (Fl 2:5):

[“Tendo purificado as vossas almas na obediência à verdade, que leva ao amor fraternal não fingido, amai-vos ardentemente uns aos outros de coração”](#) (1 Pe 1:22).

Amor fraternal

O fato de estar em Cristo, é condição essencial e suficiente para o cristão se lançar ao amor fraternal não fingido. O que faz com que o amor não seja fingido é a obediência à verdade do Evangelho. Nesse sentido, os apóstolos passam a

ordenar que os cristãos sejam cordatos e cheios de cuidado uns para com os outros, de modo que o exercício do ministério, que é o cuidado para com os membros do Corpo, seja um serviço ao Senhor (Rm 12:7,8; Fp 2:4).

“Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12:10);

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo” (Fp 2:3);

“Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus” (Ef 5:21).

Com relação aos irmãos, caso não seja possível preferi-lo em honra, a recomendação é para que suportem uns aos outros em amor: “Com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros” (Ef 4:2), pois o serviço é pelo amor, ou seja, em obediência a Cristo.

“Corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com gozo” (Cl 1:11).

Para agradar a Deus em tudo, os cristãos deviam contar com ‘toda a fortaleza’ que há em Cristo, a força da Sua glória. Além da força proveniente do conhecimento que há no evangelho, que é poder de Deus, cada cristão podia contar com a paciência e longanimidade de Deus, pois Ele é longânime e paciente com aqueles que foram recebidos por filhos, mesmo quando tropeçam.

O que falta aos cristãos é a perfeita varonilidade, ou seja, à medida da estatura da plenitude de Cristo. Sendo Deus paciente e longânime, o cristão deve andar dignamente perante Ele, pois tem toda a fortaleza segundo a força da sua glória: o evangelho. Na carta aos cristãos em Éfeso, o apóstolo também faz referência ao poder de Deus:

“E qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder” (Ef 1:19).

Jussara Crispim

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparoto

[1] “1381 δοκιμάζω dokimazo de 1384; TDNT - 2:255,181; v 1) testar, examinar, provar, verificar (ver se uma coisa é genuína ou não), como metais 2) reconhecer como genuíno depois de exame, aprovar, julgar valioso” Dicionário Bíblico Strong.

Deus endurece a quem quer?

Deus não fica impassível diante de um coração contrito (Sl 51:17; Sl 34:18; Is 57:15), de modo que Ele demonstra misericórdia aos que O obedecem. Deus ama os que O amam (Dt 30:20; Pv 8:17), pois, guardar o mandamento, é o amor de Deus.

Deus endurece a quem quer?

“Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer.” (Rm 9:18)

Introdução

Como compreender a conclusão do apóstolo Paulo: “*Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer*”, que teve por base a passagem do Êxodo, em referência à palavra de Deus, anunciada a Faraó? (Rm 9:18)

“Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.” (Rm 9:17)

Unilateralmente, Deus salva a quem quer e condena a quem quer? O apóstolo Paulo estava tratando da salvação da humanidade, ao concluir que Deus endurece a quem quer?

Esse exercício é necessário por causa de ‘como lemos’ as Escrituras! Certa vez, um doutor da lei questionou Jesus, acerca do direito à vida eterna e Jesus respondeu:

“E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lê?” (Lc 10:26)

Há uma grande diferença entre o que está escrito e como se interpreta. O doutor da lei sabia o que estava escrito, porém, ao tentar justificar a si mesmo, demonstrou que desconhecia quem era o seu próximo. (Lc 10:29).

Como esse doutor da lei poderia ler, compreender e ensinar acerca da lei, se desconhecia quem era o seu próximo? Como alcançar a justiça da lei, sem saber quem é o próximo?

A chave

“Com o benigno te mostrarás benigno; e com o homem sincero te mostrarás sincero; com o puro te mostrarás puro; e com o perverso te mostrarás indomável.” (Sl 18:25)

O rei Davi, no Salmo 18, demonstra que Deus se mostra misericordioso com quem é misericordioso. Davi utilizou o adjetivo [1]חַצִּיּוּד (chaciyd), para descrever o homem que se sujeita a Deus como servo, obedecendo aos seus mandamentos e o verbo [2]חָצַד(chacad), para fazer referência a Deus, que demonstra misericórdia.

O profeta Davi bem sabia a quem Deus demonstra misericórdia, assim como o exposto no Deuteronômio:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Dt 5:10)

Semelhantemente, com o homem perfeito,[3] Deus se mostra perfeito[4]. Como é possível ao homem ser perfeito? Ao falar com Abraão, Deus instruiu o patriarca a andar na Sua presença para alcançar tal posição:

“SENDO, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito.” (Gn 17:1; Dt 18:13).

Abraão tinha consciência de sua perfeição, pois, ele mesmo declara que andava na presença de Deus. (Gn 24:40).

“Porquanto, Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.” (Gn 26:5)

Basta sujeitar-se a Deus, obedecendo ao que Ele já declarou na Sua palavra, que o homem é perfeito: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça, ames a benignidade e andes, humildemente, com o teu Deus?” (Mq 6:8)

“Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6:36);

“Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” (Mt 5:48);

“Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; vem e segue-me.” (Mt 19:21)

Tiago declara que todos os cristãos tropeçam em muitas coisas, mas aquele que não tropeça na palavra da verdade é perfeito. (Tg 3:2)

Deus se evidencia justo, verdadeiro, sem mistura, ou seja, perfeito, para o homem que anda em sua presença, ou seja, que é perfeito. Com relação ao puro, Deus, também, se evidencia puro[5], ou seja, justo, bondoso.

No entanto, Deus se revela impossível[6], indomável, no sentido de não demonstrar a sua misericórdia, benignidade, ao homem que não se sujeita a Ele (perverso)[7].

Essa abordagem do Salmista é semelhante ao exposto pelo apóstolo Paulo:

“Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também, com ele viveremos; Se sofrermos, também, com ele reinaremos; se o negarmos, também, ele nos negará; Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo.” (2 Tm 2:11)

Deus não fica impassível diante de um coração contrito (Sl 51:17; Sl 34:18; Is 57:15), de modo que Ele demonstra misericórdia aos que O obedecem. Deus ama

os que O amam (Dt 30:20; Pv 8:17), pois, guardar o mandamento, é o amor de Deus.

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 Jo 5:3).

O apóstolo João, ao dar essa declaração, interpreta Deuteronômio 30, verso 11:

“Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é difícil de mais e, tampouco, está longe de ti.” (Dt 30:11)

Dependendo de como o homem se posiciona diante do mandamento de Deus, há promessa de vida ou, de expectativa de morte:

“Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal; Porquanto, te ordeno hoje que ames ao SENHOR teu Deus, que andes nos seus caminhos, e que guardes os seus mandamentos, os seus estatutos e os seus juízos, para que vivas, e te multipliques e o SENHOR teu Deus te abençoe na terra, a qual entras a possuir. Porém, se o teu coração se desviar e não quiseres dar ouvidos e fores seduzido para te inclinares a outros deuses e os servires, Então, eu vos declaro hoje que, certamente, perecereis; não prolongareis os dias na terra a que vais, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuas.” (Dt 30:15-18)

A palavra do evangelho tem essa mesma característica:

“E em nada vos espanteis dos que resistem, o que para eles, na verdade, é indício de perdição, mas, para vós, de salvação e isto, de Deus.” (Fl 1:28)

Isso porque aprova a Deus salvar os que creem em Sua palavra, pois, Ele demonstra misericórdia aos que O amam, ou seja, lhe obedecem, no entanto, Deus, também, se revela zeloso, inflexível, ante os que não aquiescem à sua palavra:

“Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia, até mil gerações, aos que o amam e guardam os seus mandamentos. E retribui no rosto a qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto, lhe pagará.” (Dt 7:9-10);

“Não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até à terceira e à quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Dt 5:9-10);

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus, pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes, pela loucura da pregação.” (1 Co 1:21).

Deus é zeloso, ao retribuir a iniquidade sobre o ímpio e fiel, ao demonstrar a sua salvação aos que O amam.

Por causa dessa verdade exarada na lei, o Salmista, poeticamente, utilizando-se de paralelismos e figuras, faz uma descrição profética de como Deus age para com os homens: Ele é fiel, benigno e justo com os que lhe obedecem, porém, zeloso, ou seja, indomável, inflexível com aqueles que rejeitam a sua palavra.

“Com o benigno, te mostrarás benigno; e com o homem sincero, te mostrarás sincero; Com o puro, te mostrarás puro; e com o perverso, te mostrarás indomável.” (Sl 18:25).

Daí a máxima:

“Porém, ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êx 33:19).

De quem Deus tem misericórdia e se compadece? Do benigno, do sincero, do puro!

Qualquer pedido do homem, semelhante ao feito por Moisés, que tente mudar a fidelidade (amor) e o zelo (retribuição) de Deus, será inócuo (Dt32:32), pois Ele terá misericórdia de quem lhe apraz, ou seja, dos que O amam e se compadece de quem lhe apraz, dos que guardam o seu mandamento!

Endurece a quem quer

Todos os versos que analisamos, até agora, demonstram a natureza de Deus e como Ele age para com os homens: misericórdia aos que O amam e retribuição aos que O odeiam.

É, através da análise desses textos, que o apóstolo Paulo chega à conclusão de que Deus se compadece de quem quer, logo, após, fazer alusão a Faraó:

“Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer.” (Rm 9:18)

Após afirmar que não há injustiça em Deus, apontando para Esaú e Jacó, o apóstolo cita o que foi dito a Moisés: compadecer-me-ei de quem me compadecer (Rm 9:13), porque Deus se compadeceu de Jacó, que havia adquirido o direito de primogenitura e rejeitou a Esaú como primogênito, visto ter desprezado o direito de primogenitura, vendendo-o, por um prato de lentilhas. (Gn 25:34)

De nada adiantou Esaú correr atrás da caça e querer a bênção, rogando a José, seu pai, se a bênção estava atrelada à primogenitura e ao primogênito. Deus exerce a sua misericórdia (Rm 9:16). Em Esaú e Jacó evidencia-se que o propósito de Deus, segundo a eleição, fica firme, não por causa das obras, mas pelo que chama.

Deus chamou o primogênito para o seu propósito e a bênção estava reservada para o primogênito. Embora as obras de Esaú, ao sair à caça de um animal cevado, tinha o viés de alcançar a bênção, o direito à bênção já havia sido decidido quando ele desprezou a primogenitura por um prato de lentilhas.

“Mas, ao filho da desprezada, reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada porção de tudo quanto tiver; porquanto, aquele é o princípio da sua força, o direito da primogenitura é dele.” (Dt 21:17).

Torna-se evidente o motivo pelo qual a eleição de Deus repousou sobre Jacó: o direito de primogenitura, porém, muitos alegam que não há como saber, como Deus elege alguém para o seu propósito. Esses alegam que o propósito de Deus se dá pela sua soberania, ou que a mente humana é pequena demais para compreendê-lo.

“Ora, todos sabem que o amor e a ira de Deus não se assemelham às paixões humanas; porém, a questão com que ora nos defrontamos não requer que perguntemos como Deus ama ou odeia, mas, por que Deus ama ou odeia (...) O amor e a ira de Deus não estão sujeitos a alterações, conforme ocorre conosco. Em Deus, ambos são eternos e imutáveis. Foram fixados muito antes que o “livre-arbítrio” fosse possível. Vemos nisso, que nem o amor nem a ira de Deus esperam pela reação humana, mas antecedem à mesma. [...] O que poderia ter feito Deus amar a Jacó ou odiar a Esaú? Certamente, não por qualquer coisa que eles tivessem feito, pois a atitude de Deus para com eles foi estabelecida e declarada, antes mesmo de terem nascido e não havia muita atuação do “livre-arbítrio” naquela ocasião!” Martinho Lutero, Nascido Escravo, pág. 81.

A Bíblia apresenta resposta às duas perguntas:

- a) como Deus ama e odeia, e;
- b) por que Deus ama e odeia.

O amor de Deus se evidencia em conceder o que é de direito ao homem e o seu ódio, em negar o que não é de direito ao homem. No caso de Jacó, Deus o amou, porque ele buscou para si o direito de primogenitura e odiou a Esaú, ou seja, não lhe concedeu o que não lhe era de direito.

Quando Deus tirou os filhos de Israel do Egito, não o fez por que eram melhores e mais justos que os povos que habitavam a terra prometida (Dt 9:4-6), antes, porque Deus os amava, ou seja, para guardar o juramento que fizera a Abraão, Isaque e Jacó.

“O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos, em número, do que eles; Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito. Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos. E retribui no rosto qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto lho pagará.” (Dt 7:7-10)

O termo 'amor' denota 'honra', não sentimento, de modo que Deus ama o que O honra e odeia aos que O desprezam.

[“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade, tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim, perpetuamente; porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque, aos que me honram honrarei, porém, aos que me desprezam, serão desprezados.” \(1 Sm 2:30\)](#)

No caso de Esaú e de Jacó, pelo amor de Deus, já estava estabelecido para quem seria a bênção, antes mesmo que as crianças tivessem nascido ou, feito bem ou, mal: a bênção era para o primogênito. Esaú, de livre-vontade, desprezou o direito e Jacó, de livre vontade, buscou o direito para si, de modo que o amor de Deus não está atrelado ao arbítrio do homem, mas à sua palavra, que estabeleceu o direito do primogênito.

Deus se compadeceu de Jacó, porque ele buscou para si o direito de primogênito e Deus, sendo zeloso, não deu o que não era de direito a Esaú, rejeitando-o, por não ser o primogênito. A bênção da primogenitura não se dá por misericórdia, mas, por eleição, pois, na eleição, o propósito de Deus fica firme, não por causa das obras, mas pelo que chama.

O apóstolo cita [as Escrituras](#), especificamente, com relação ao que foi dito a Faraó:

[“Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.” \(Rm 9:17\).](#)

Ora, faraó^[8] foi levantado para Deus mostrar o Seu poder e o seu Nome ser anunciado sobre a face da terra. O propósito de Deus era anunciar o seu nome e declarar o seu poder e escolheu um dos reis do Egito para isso. Como o propósito de Deus é firme e imutável, não importava o posicionamento de Faraó: Deus anunciaria o seu nome e declararia o seu poder.

Deus não elegeu uma pessoa específica, mas, um faraó, ou seja, o escolhido poderia ser qualquer rei do Egito. É significativo o fato de a Bíblia não trazer o nome do faraó à época do êxodo, o que demonstra que Deus não elegeu uma pessoa, mas, um rei.

Isso não significa que Deus havia rejeitado faraó, ao levantá-lo. Pelo contrário, se faraó se inclinasse em terra e reconhecesse que Deus é Deus, deixando o povo ir, o poder de Deus seria revelado e anunciado o seu nome em toda a terra. Do mesmo modo, como o propósito é firme, quando faraó não aquiesceu à ordem de Deus, Deus mostrou o seu poder e anunciou o seu nome sobre a face da terra, arrancando o povo com mão forte.

O que o apóstolo Paulo evidencia, ao citar a Faraó, não é a pessoa do rei do Egito, mas, a eleição de Deus, que é firme, por causa do propósito de Deus. Faraó, deixando ou não o povo ir, o propósito de Deus se efetivaria. Observe que o que está em análise não é o coração de Faraó, mas, o fato de Deus se compadecer de quem lhe apraz.

A longanimidade de Deus vem expressa em sua palavra, de modo que falou a faraó por dez vezes, sendo Deus longânime, como o foi nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca. A mesma água do mar vermelho que se abriu para os filhos de Israel, significando salvação, fechou-se sobre Faraó, significando, perdição, assim como nos dias de Noé, em que o mundo inteiro pereceu pela água e somente oito almas se salvaram pela água.

“...quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; Que, também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas, da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo.” (1 Pe 3:20-21).

Quando o apóstolo Paulo conclui, com base na palavra dita a faraó, que Deus se compadece de quem quer, evidencia que Deus exerce misericórdia àqueles que Lhe obedecem. O verso trata de como Deus se porta, não do homem.

“Logo, pois, Ele se compadece de quem quer...” (Rm 9:18)

Deus se compadece dos que O obedecem, ou seja, dos que O amam e para Deus exercer a sua misericórdia, Ele não faz acepção de pessoas.

Mas, com relação ao propósito de Deus, opera a eleição, pois o propósito de Deus permanece firme, independentemente, das pessoas envolvidas. Não importava se Esaú ou, Jacó, seriam abençoados, mas, sim, o propósito de Deus, segundo a

eleição, que estabeleceu a primogenitura, como critério para conceder a bênção, tendo em vista a linhagem do descendente prometido a Abraão.

Semelhantemente, não importava quem era o faraó à época ou, se ele iria obedecer ou, não, o propósito pelo qual o faraó foi levantado, foi levado a efeito: Deus anunciou o seu nome ao mundo e mostrou o poder de Deus.

Isso significa que Deus ‘endureceu’[\[9\]](#) a faraó?

“Logo, pois Ele se compadece de quem quer e endurece a quem quer.” (Rm 9:18).

Definitivamente não! Deus não agiu sobre a vontade, influenciando a decisão de faraó, de modo a torná-lo recalcitrante. O verso não aponta uma pessoa que era o faraó, à época, e nem para os homens, mas, sim, para Deus, descrevendo-O como zeloso (indomável, impossível), quando o homem é perverso, desobediente.

Do mesmo modo que Deus é compassivo com quem quer, Deus é indomável com quem quer:

“ἄρα οὐκ ὄν θέλει ἐλεεῖ ὄν δὲ θέλει σκληρύνει” Westcott/Hort with Diacritics.

“Assim, pois (de) quem (ele) quer tem misericórdia, (a) quem [\[2\]](#) mas [\[1\]](#) quer endurece”. Novo Testamento Interlinear Grego-Português (SBB).

Os termos gregos ἐλεεῖ e σκληρύνει estão na terceira pessoa do singular, do tempo presente, modo indicativo e voz ativa. Os verbos na frase não contém outro sujeito além de Deus. É Deus que tem misericórdia de quem quer, e é Ele que é inflexível, ou seja, zeloso, com quem quer.

Através da língua grega, o apóstolo Paulo reproduz uma premissa imortalizada no Livro do Êxodo, através de um paralelismo, que, em essência, é a repetição de uma ideia, recurso essencial às poesias hebraicas. Fazendo uma releitura do exposto no Êxodo a Moisés, Deus evidencia a verdade da sua misericórdia, através de um paralelismo sinômico:

“Porém, ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êx 33:19)

Se Deus tem misericórdia de quem lhe apraz, segue-se que Ele não se compadece de quem não lhe apraz, ou seja, Deus se endurece. Deus é fiel, ao ter misericórdia dos que O amam e guardam o seu mandamento (Dt 7:9-10) e Deus é zeloso, inflexível, se endurece, com aqueles que O odeiam (Dt 5:9-10). Essa ideia vem sendo desenvolvida nos versos 15 e 16, do capítulo 9 de Romanos e conclui-se no verso 18:

“Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece (...) Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece quem quer.” (Rm 9:15-16 e 18).

Em relação a Esaú e Jacó, Deus amou Jacó e odiou a Esaú. O termo ‘amor’ foi empregado no sentido de compadecer e o termo ‘ódio’, no sentido de endurecer, ou seja, com o perverso Deus se mostra indomável, duro, inflexível, o que se deu com Faraó.

“Eu vos tenho amado, diz o SENHOR. Mas vós dizeis: Em que nos tem amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o SENHOR; todavia amei a Jacó e odiei a Esaú; fiz dos seus montes uma desolação e dei a sua herança aos chacais do deserto.” (Ml 1:2-3)

Devemos considerar que Faraó se mostrou perverso ante a palavra de Deus, ou seja, endureceu[10] o seu coração. A Bíblia demonstra que “o coração de Faraó se endureceu.” (Êx.7:13-14 e Êx 8:19) e que Faraó “*continuou de coração endurecido*” (Êx 8:15). Quando Faraó se propunha a deixar o povo ir, Deus desviava a praga, mas, quando ele se endurecia, novamente, Deus enviava nova praga.

“E Faraó chamou a Moisés e a Arão e disse: Rogai ao SENHOR, que tire as rãs de mim e do meu povo; depois, deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao SENHOR (...) Vendo, porém, Faraó que havia alívio, continuou de coração endurecido e não os ouviu, como o Senhor tinha dito.” (Êx 8:8 e 15)

O termo hebraico קשה (qashah), traduzido por ‘endurecer’, em Êxodo 7, verso 3, não diz de uma ação sobrenatural de Deus, influenciando as decisões de Faraó, antes, a palavra que foi dita a Faraó: *‘Deixa ir o meu povo, para que me celebre*

uma festa no deserto” (Êx 5:1), fez de Faraó um obstinado.

Ao dar ordem a Faraó, por intermédio de um mensageiro: *‘Deixa ir o meu povo...’*, Deus endureceu o coração de Faraó e como Faraó não aquiesceu, Deus se mostrou zeloso, indomável, impossível.

Antes da palavra de Deus, o coração de Faraó não tinha disposição alguma, em relação a deixar ou, não, o povo de Israel ir a qualquer lugar que seja, mas quando ouviu que era necessário deixar ir o povo que pertencia a Deus, Faraó se endureceu pela proposta.

Onde está o espírito de Deus, aí há liberdade! (2 Co 3:17) Para o propósito que Faraó foi levantado, não era necessário Deus endurecer o coração de Faraó, pois o propósito de Deus seria levado a efeito se Faraó obedecesse, ou não. Desse modo, se Deus *‘endureceu’* o coração de Faraó para ser glorificado, de certo seria melhor *‘amolecer’* o coração de Faraó, pois assim também seria glorificado.

Mas, Deus não faz nenhuma ou, nem outra coisa, antes, dá liberdade ao homem e, por isso, Deus é longânime e espera que Israel se converta, quando o véu será tirado (2 Co 3:16). Deus apresenta ao homem a sua palavra e Deus agirá conforme a resposta que o homem der a ela.

Muitos, por não compreenderem a eleição de faraó, para explicá-la, se focam na ideia de que faraó não é uma pessoa boa e nem temente a Deus; que a sociedade egípcia era comandada por faraós que se achavam deuses, que escravizaram os filhos de Israel, que foram responsáveis por inúmeras mortes de criancinhas, etc.

“A minha resposta é que, à parte da graça da eleição, Deus trata com os homens em consonância com a natureza deles. Visto que a natureza deles é maligna e perversa, quando Deus os impulsiona para que entrem em ação, seus atos são malignos e perversos.” Martinho Lutero, Nascido Escravo, pág. 73.

“Deus não cria uma nova maldade no coração dos homens. Antes, Ele se utiliza do mal que já se encontra no coração deles, visando aos seus próprios, bons e sábios desígnios.” Martinho Lutero, Nascido Escravo, pág. 74.

Deus não trata o homem em consonância com a índole ou moral, antes trata com

os homens, através do estabelecido na sua palavra. A palavra de Deus é a medida e a ferramenta de Deus, de modo que Ele zela da sua palavra para cumpri-la. (Jr 1:12) É um equívoco achar que Deus utiliza o mal que há no coração do homem, para levar a efeito o Seu propósito.

Ora, a eleição de Deus é firme e não tem em vista se a pessoa fez bem ou mal, mas tem em vista a glória de Deus. O mesmo critério utilizado na eleição de Esaú e Jacó, quando Raquel concebeu de Isaque, sendo que as criancinhas nem tinham nascido e nem feito bem ou, mal, é o mesmo critério estabelecido sobre faraó, portanto, não tem em vista se ele era bom ou mal, ou se fez algum bem ou muitos males.

Pelo fato de desconhecerem que Deus tem misericórdia daqueles que O obedecem, ao lerem em Romanos 9, verso 18, que Deus “tem misericórdia de quem ele quer e endurece a quem ele quer”, muitos argumentam que faraó não tinha desculpa e era responsável por seu próprio pecado, quando Deus o ‘endureceu’.

Pelo fato de não compreenderem que Deus se apraz em exercer misericórdia aos que O amam, e que Deus disse que ‘tem misericórdia de quem quer’, para evidenciarem a Moisés o que já havia sido apregoado, anteriormente (Êx 33:19), compare-se com (Êx 20:6), em que não conseguem aceitar o que foi dito, acerca de faraó.

“Por que Deus não altera a vontade perversa de pessoas como Faraó? Essa questão toca na vontade secreta de Deus, cujos caminhos são inescrutáveis. (Rm 11:33) Se alguém, que é orientado por sua razão humana, fica ofendido por causa disso, que assim seja. As queixas nada mudarão e os eleitos de Deus permanecerão inabaláveis. Poderíamos, também, perguntar por que Deus deixou que Adão caísse! Não devemos tentar estabelecer regras para Deus. Aquilo que Deus faz, não é correto porque o aprovamos, mas porque Deus assim o desejou”. Idem.

Por que Deus deixou que Adão caísse? Resposta: – Porque Deus o orientou e lhe deu plena liberdade! Foi uma escolha deliberada de Adão, por ser livre. E, por que Deus não altera a vontade (perversa ou não) das pessoas? Por que os dons de Deus são irrevogáveis! Como Deus lida com a liberdade do homem não é segredo, ou, algo que as suas criaturas não possam compreender.

Com relação a Deus, o homem sempre é livre, sendo servo de Deus ou, não! Isso não significa que o homem não esteja livre de um senhor, pois, os que não estão sujeitos a Deus, estão sujeitos ao pecado.

A abordagem do capítulo 9 de Romanos, não tem em vista a salvação ou, a condenação do homem, mas, sim, a demonstração de que palavra de Deus não havia falhado (Rm 9:6). Agostinho, Lutero, Calvino, e muitos outros, com base em Romanos 9, debatem, acerca da salvação e da condenação, porém, o apóstolo Paulo estava demonstrando que, apesar de haverem muitas pessoas pertencentes a Israel, de fato elas não eram israelitas.

O fato de serem descendentes de Abraão não significava que eram filhos de Abraão (Rm 9:7), pois, em Isaque a descendência de Abraão AINDA seria chamada. Mas, se os filhos de Isaque fossem descendência de Abraão, não seria necessária a palavra de Deus a Rebeca: ‘o maior servirá o menor’, o que significa que Jacó e Esaú ainda não eram a descendência de Abraão, antes, que em Jacó seria chamada a descendência de Abraão (Rm9:12).

“Porém, Deus disse a Abraão: Não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço e acerca da tua serva; em tudo o que Sara te diz, ouve a sua voz; porque, em Isaque será chamada a tua descendência.” (Gn21:12)

Há uma grande diferença, entre interpretar que Isaque era a descendência de Abraão e, assim, todos os seus filhos seriam bem-aventurados, entre interpretar que, em Isaque a descendência de Abraão seria chamada.

“Nem por serem descendência de Abraão, são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência.” (Rm 9:7)

O apóstolo Paulo não estava dizendo que Deus, unilateralmente, salva quem quer e condena quem quer, por ser soberano, antes, que a palavra de Deus, com relação à descendência prometida a Abraão, não havia falhado. Deus prometeu um descendente a Abraão, que viria por Isaque, o Cristo, e cumpriu a sua palavra a Abraão, quando disse: *‘Por esse tempo virei e Sara terá um filho’*. (Rm 9:9)

Mas, de Isaque nasceram dois filhos: Esaú e Jacó e, de ambos, não seria chamada a descendência de Abraão, pelo que foi dito a Rebeca: *‘o maior servirá o menor’*, pois havia dois povos no ventre de Rebeca. Neste caso, Deus elegeu a casa de Jacó e rejeitou a casa de Esaú, para chamar a descendência prometida a Abraão.

E qual o critério que Deus utilizou para escolher entre Esaú e Jacó? O direito de primogenitura, estabelecido conforme a sua soberania. Conclui-se que não há injustiça da parte de Deus (Rm 9:14) e que a palavra de Deus não havia falhado (Rm 9:6).

Há injustiça da parte de Deus, por ter amado a Jacó e aborrecido Esaú? De modo nenhum! Primeiro, Deus deu o que era de direito a Jacó, e, segundo, Deus manteve a sua palavra dada a Abraão, acerca do descendente!

Em momento algum, no capítulo 9 da carta aos Romanos, o apóstolo Paulo tratou de salvação ou, de perdição, antes destacou: a) como veio ao mundo o Salvador e; b) como Deus cumpriu a palavra anunciada a Abraão, acerca da descendência, que seria chamada em Isaque e que passou por Jacó.

A palavra de Deus não falhou para com Israel, visto que, no tempo presente, há um remanescente, mas segundo a eleição da graça:

“Assim, pois, também, agora, neste tempo, ficou um remanescente, segundo a eleição da graça” (Rm 11:5)

“Também, Isaías clama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque ele completará a obra e abreviá-la-á em justiça; porque o Senhor fará breve a obra sobre a terra.” (Rm 9:27 -28).

Deus salva o homem por intermédio da mensagem do evangelho (loucura da pregação, fé), e não através da eleição, predestinação ou presciência. Os que creem (crentes) na mensagem do evangelho (loucura da pregação) são salvos, pois o evangelho é o poder de Deus para salvação dos que creem (Rm 1:16).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] “02623 חַיִּיד (chacyd) procedente de 2616; DITAT - 698b; adj 1) fiel, bondoso, piedoso, santo 1a) bondoso 1b) piedoso, devoto 1c) os fiéis (substantivo)”, Dicionário Bíblico Strong.

[2] חַסַּד“ 02616” (chacaduma) raiz primitiva; DITAT - 698, 699; v1) ser bom, ser gentil 2a) (Hitpael), mostrar bondade para 2) ser reprovado, ser envergonhado

1a) (Piel) *ser envergonhado, ser reprovado*”, Dicionário Bíblico Strong.

[3] “08549 תמים (tamiym) procedente de 8552; DITAT - 2522d; adj. 1) completo, total, inteiro, são 1a) completo, total, inteiro 1b) total, são, saudável 1c) completo, integral (referindo-se ao tempo) 1d) são, saudável, sem defeito, inocente, íntegro fig. Figuradamente 1e) que está completa ou inteiramente de acordo com a verdade e os fatos (adj./subst. neutro)”, Dicionário Bíblico Strong.

[4] “08552 תמם (tamam) uma raiz primitiva; DITAT - 2522; v. 1) ser completo, estar terminado, acabar 1a) (Qal), 1a1) estar terminado, estar completo, 1a1a) completamente, totalmente, inteiramente (como auxiliar de outro verbo), 1a2) estar terminado, acabar, cessar, 1a3) estar completo (referindo-se a número), 1a4) ser consumido, estar exausto, estar esgotado, 1a5) estar terminado, ser consumido, ser destruído, 1a6) ser íntegro, ser idôneo, ser sem defeito, ser justo (eticamente), 1a7) completar, terminar 1a8) ser atravessado, completamente, 1b) (Nifal) ser consumido, 1c) (Hifil)”, Dicionário Bíblico Strong.

[5] “01305 ברר (barar) uma raiz primitiva; DITAT - 288; v 1) purificar, selecionar, polir, escolher, depurar, limpar ou, tornar brilhante, testar ou, provar, 1a) (Qal), 1a1) depurar, purificar, 1a2) escolher, selecionar, 1a3) limpar, deixar brilhante, polir, 1a4) testar, provar, 1b) (Nifal) purifi/car-se, 1c) (Piel) purificar, 1d) (Hifil), 1d1) purificar, 1d2) polir flechas, 1e) (Hitpael), 1e1) purificar-se, 1e2) mostrar-se puro, justo, bondoso”, Dicionário Bíblico Strong.

[6] “06617 פתל (pathal) uma raiz primitiva; DITAT - 1857; v. 1) torcer, 1a) (Nifal), 1a1) ser torcido, 1a2) lutar, 1b) (Hitpael), ser torcido”, Dicionário Bíblico Strong.

[7] “06141 עקש (iqqesh) procedente de 6140; DITAT - 1684a; adj. 1) torcido, deformado, torto, perverso, pervertido”, Dicionário Bíblico Strong.

[8] Faraó é a designação (título) que se atribuí aos reis (com estatuto de deuses) no Antigo Egito, porém, à época o povo os chamava por nesu (“rei”) ou neb (“senhor”). Faraó decorre da tradução grega da Bíblia, que deriva da expressão egípcia per-aá, “a grande casa”, que a tradição entende como sendo referência ao palácio real, à sede do poder, mas a expressão pode fazer referência à linhagem dos faraós.

[9] “4645 κληρυνως (kleruno) de 4642; TDNT - 5:1030, 816; v 1) tornar duro,

endurecer 2) metáf. 2a) tornar obstinado, teimoso, 2b) ser endurecido, 2c) tornar-se obstinado ou, teimoso”, Dicionário Bíblico Strong.

[10] *“07185 חֶשֶׁק (qashah uma raiz primitiva; DITAT - 2085; v. 1) ser duro, ser severo, ser feroz, ser cruel 1a) (Qal), 1a1) ser duro, ser difícil, 1a2) ser rude, ser severo, 1b) (Nifal), 1b1) ser maltratado 1b2) ser oprimido 1c) (Piel), ter grandes dores de parto (referindo-se a mulheres), 1d) (Hifil), 1d1) tornar difícil, criar dificuldade, 1d2) tornar rigoroso, tornar fatigante, 1d3) endurecer, tornar obstinado, tornar teimoso, 1d3a) referindo-se a obstinação (fig.), 1d4) demonstrar teimosia”, Dicionário Bíblico Strong.*

Ficarão de fora os feiticeiros

Os ‘cães’ que ficarão de fora é uma figura para fazer referência aos maus obreiros, àqueles que andam segundo a circuncisão (Fl 3:2), os ‘feiticeiros’ também é uma figura para compor uma alegoria, muito utilizada pelos profetas para fazer referência aos filhos de Israel, por terem se desviado da palavra de Deus.

Ficarão de fora os feiticeiros

“Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, os que se prostituem e os homicidas, os idólatras e qualquer que ama e comete a mentira.” (Apocalipse 22:15)

Introdução

Basta ler nas Escrituras: ‘ficarão de fora os feiticeiros’, para que muitos cristãos, de diversos seguimentos (protestantes, evangélicos, neopentecostais, tradicionais, etc.), apontem para os ocultistas, mágicos, cartomantes, adivinhos, espiritualistas, espiritismo, religiões afro-brasileiras, etc., como sendo os ‘feiticeiros’ que o texto faz referência.

Para analisarmos a categoria dos “‘feiticeiros’ que ficarão de fora” e que Cristo faz referência, temos de ter em mente o ensinamento de Jesus, a seguir:

- “Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo” (Jo 8:15).

Nesse mesmo diapasão, temos a seguinte pergunta do apóstolo dos gentios:

- “Porque, que tenho eu, em julgar, também, os que estão de fora?” (1 Co 5:12).

Não cabe aos crentes em Cristo Jesus julgarem aqueles que não professam a verdade do Evangelho de Cristo, como sendo os ‘feiticeiros’ que as Escrituras fazem referência, pois é contra senso julgar quem já está sob condenação (Jo 3:18).

Por intermédio das Escrituras, sabemos que ninguém está condenado diante de Deus, por causa de suas práticas pagãs, antes, todos, judeus e gentios, estão sob condenação, por causa da ofensa de Adão; ofensa essa, que trouxe juízo sobre todos os homens, para condenação (Rm 5:18).

Aos cristãos cabe, somente, anunciarem a todos os povos que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus, não julgá-los, pois esta é uma atribuição divina:

“Mas Deus julga os que estão de fora” (1 Co 5:13).

Os ‘feiticeiros’ que ficarão de fora

Quando o apóstolo Paulo diz: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas...” (1 Co 6:9), onde inclui os idólatras, como se vê, ele não fez referência aos não cristãos, como era o caso dos gregos de Atenas, que são descritos como idólatras.

“E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria.” (At 17:16)

Na verdade, ‘os injustos’ que ‘não hão de herdar o reino de Deus’ a que o apóstolo Paulo se refere, diz daqueles que se diziam cristãos, mas que, na verdade, são

anátemas, apóstatas. Essas pessoas que se diziam cristãs, frequentavam o ajuntamento solene, mas, amalgamavam elementos da lei ao evangelho. Qualquer que torce o evangelho de Cristo é um 'idólatra', que ficará de fora!

Os filhos de Israel achavam que era necessário ter um ídolo dentro de casa, para ser um idólatra. Porém, o profeta Jeremias deixa claro que, qualquer ação humana que faz com que alguém se esqueça de Deus, assemelha-se a um ídolo como Baal:

“Os quais cuidam de fazer com que o meu povo se esqueça do meu nome, pelos seus sonhos, que cada um conta ao seu próximo, assim como seus pais se esqueceram do meu nome, por causa de Baal.” (Jr 23:27)

Os ídolos fizeram os pais se esquecerem da palavra de Deus e um sonho, uma visão, uma profecia, que não procede de Deus, tem o mesmo efeito, portanto, é um ídolo.

Com relação aos falsos cristãos, àqueles que são caracterizados como devassos, avarentos, idólatras, maldizentes, os verdadeiros servos de Cristo não deviam ter nenhuma espécie de comunhão com eles. (1 Co 5:11)

Os cristãos podiam ter amizade com os não cristãos e, diferentemente dos religiosos judeus, até mesmo se assentarem a comer em uma mesma mesa e os mesmos alimentos, mas não deviam ter tal contato com os falsos cristãos:

“Já, por carta, vos tenho escrito que não vos associeis com os que se prostituem; Isto não quer dizer absolutamente com os devassos deste mundo ou, com os avarentos, com os roubadores, com os idólatras; porque, então, vos seria necessário sair do mundo.” (1 Co 5:9-10)

Um cristão podia receber um não crente em sua casa ou, cumprimentá-lo, mas, com qualquer que se afastasse da verdade do evangelho, a recomendação dos apóstolos era para os cristãos não os receberem, não os saudarem e não se associarem ou, comerem com eles. (2 Jo 9 e 11; 1 Co 5:11).

“Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco, o saudeis.” (2 Jo 10).

“Mas, agora, vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso ou, avarento ou, idólatra ou, maldizente ou, beberrão ou,

roubador; com o tal nem, ainda, comais.” (1 Co 5:11)

Os ‘feiticeiros’ que ficarão de fora do reino dos céus, refere-se às pessoas que, apesar de se dizerem cristãs, se comportam de igual modo a Saul, bendizendo a Deus com os lábios, mas que não obedecem à Sua palavra. (Is 29:13; Mt 15:8; Jr 12:2)

“Veio, pois, Samuel a Saul e Saul lhe disse: Bendito sejas tu do SENHOR; cumpri a palavra do SENHOR.” (1 Sm 15:13).

Saul, mesmo após ser repreendido, persistiu no seu erro:

“Então disse Saul a Samuel: Antes, dei ouvidos à voz do SENHOR e caminhei no caminho pelo qual o SENHOR me enviou; e trouxe a Agague, rei de Amaleque e os amalequitas, destruí totalmente; Mas o povo tomou do despojo ovelhas e vacas, o melhor do interdito, para oferecer ao SENHOR, teu Deus, em Gilgal.” (1 Sm 15:20-21).

Diante da recalcitrância de Saul, Deus disse, por intermédio de Samuel, a Saul:

“Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar e o atender, melhor é do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto, tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.” (1 Sm 15:22-23).

Saul, por rebelar-se, não cumprindo o determinado pelo Senhor, foi tido por feiticeiro. Por porfiar no seu erro, justificando-se a si mesmo, ainda que foi repreendido, Saul tornou-se ‘idólatra’ diante de Deus. Saul era rei em Israel e não havia adotado nenhuma prática pagã, entretanto, fez-se feiticeiro, ao desobedecer a Deus. Mesmo não confeccionando nenhum ídolo de barro, madeira, ferro, etc., ele se fez idólatra, diante de Deus.

Deus nomeia Saul de feiticeiro e de idólatra, como se ele estivesse nas mesmas práticas dos pagãos. Nessa mesma linha, Deus, também, chama os profetas de Israel de feiticeiros, adivinhos, encantadores e agoureiros:

“E vós não deis ouvidos aos vossos profetas e aos vossos adivinhos, aos vossos sonhos e aos vossos agoureiros e aos vossos encantadores, que vos

falam, dizendo: Não servireis ao rei de Babilônia.” (Jr 27:9)

Na lei, Deus proibiu as práticas pagãs das nações vizinhas e, na proibição, percebe-se que ‘feiticeiro’ é o mesmo que ‘adivinho’, ‘prognosticador’, ‘agoureiro’ ou, as ações de quem faz seus familiares passarem pelo fogo.

“Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro.” (Dt 18:10)

Na antiga aliança o termo קַשָּׁפִּים(kashaph), traduzido por feiticeiro ou, por feitiçaria, aparece somente seis vezes, já o termo קְדָמִים(qecem), traduzido por adivinho ou, por feitiçaria, onze vezes, o termo אֲנָנִים(‘anan), traduzido por prognosticador, uma vez e o termo נַחֲשִׁים(nachash), traduzido por agoureiro, aparece dezoito vezes.

Qualquer que não obedece (teme) a palavra de Deus é o mesmo que feiticeiro ou, adúltero. Neste sentido é alguém que jura falsamente, defrauda a diarista, órfão e a viúva, perverte o direito do estrangeiro, etc., isso se considerarmos o princípio que estabelece que quem [tropeça em um só ponto da lei](#), torna-se transgressor de toda a lei. (Tg 2:10)

“E chegar-me-ei a vós para juízo; e serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o diarista em seu salário, a viúva e o órfão, e que pervertem o direito do estrangeiro e não me temem, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Ml 3:5).

Os filhos de Israel praticavam a circuncisão do prepúcio da carne e todos os rituais pertinentes à lei, porém, Deus os declara incircuncisos de ouvidos, por não obedecerem à palavra de Deus (Jr 6:10), conseqüentemente, eram incircuncisos de coração (Jr 4:4). Tanto os filhos de Israel, como os gentios, eram passíveis de punição, pois não obedeciam a Deus. (Sl 53:3)

“Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que castigarei a todo o circuncidado, com o incircunciso” (Jr 9:25).

Os feiticeiros que *‘não hão de herdar o reino de Deus’*, são aqueles que dizem crer em Jesus Cristo, mas que não creem segundo as Escrituras (Jo7:38). Quem não

permanece na doutrina dos apóstolos e dos profetas, antes se deixa levar por ventos de doutrinas, são feiticeiros. (Tt 1:9; Hb 13:9; 2 Jo 1:9-10; Ef 4:14)

Os falsos profetas em Israel eram denominados por adivinhos e feiticeiros, e Deus se opõe a todos eles, os inventores de mentiras, cujo conhecimento é loucura. Basta falar, falsamente, em nome de Deus, para ser um 'adivinho' ou, ser sábio segundo a carne para ser designado 'louco'. (Rm 1:12).

“Que desfaço os sinais dos inventores de mentiras e enlouqueço os adivinhos; que faço tornar atrás os sábios e converto em loucura o conhecimento deles.” (Is 44:25)

“E disse-me o SENHOR: Os profetas profetizam falsamente no meu nome; nunca os enviei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei; visão falsa e adivinhação, vaidade e o engano do seu coração, é o que eles vos profetizam.” (Jr 14:14)

Propagadores de mentiras

Em suma, todos os descendentes da carne de Adão são ímpios, portanto, não podem herdar o reino dos céus (1 Co 15:50). Todos os homens são ímpios, pois se desviaram, desde o Éden, e andam errados desde que nascem, proferindo mentiras (Sl 58:3; Sl 53:3). Todos os homens são terrenos, não importa, se judeus ou gentios, portanto, não podem herdar o reino dos céus. (1 Co 15:47)

Mas, os ímpios, que o apóstolo Paulo diz que *'não podem herdar o reino dos céus'* (1 Co 6:9), não é extensivo e nem diz de todos os homens, nascidos no pecado, antes, é uma abordagem inclusiva, pois, faz referência, única e exclusivamente, aos ímpios que, por serem descendentes da carne de Abraão, se achavam salvos (Gl 2:15). Os ímpios, nomeados por 'feiticeiros', diz, especificamente, daqueles que, após ouvirem a verdade do evangelho e se dizerem cristãos, não perseveravam na doutrina e voltavam-se para os ensinamentos dos judaizantes.

A doutrina dos judaizantes são doutrinas de demônios, espíritos (mensagens) enganadores, pois eles falavam mentiras. É acerca desses feiticeiros, ou seja, daqueles que obedecem (amam) e propagam a mentira, que Jesus anuncia que ficarão de fora:

“Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, os que se prostituem e os homicidas, os idólatras e qualquer que ama e comete a mentira.” (Ap 22:15)

“MAS, o Espírito, expressamente, diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios; Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência.” (1 Tm 4:1-2; 1 Jo 4:1-2).

Qualquer que ama a mentira é anátema, pois Cristo é a verdade:

“Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Maranata!” (1 Co 16:22)

É por isso que Jesus se limitava a anunciar somente aquilo que o Pai prescreveu:

“Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do homem, então, conhecereis quem eu sou e que nada faço por mim mesmo; mas falo como meu Pai me ensinou.” (Jo 8:28)

“Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, Ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito.” (Jo 12:49-50)

Qualquer que crê no evangelho anunciado pelos apóstolos e nele persevera, é salvo, portanto, entrará no reino dos céus. Basta crer em Cristo no coração e confessá-lo com a boca, para não estar incluso no rol dos feiticeiros!

“TAMBÉM vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado, o qual, também, recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual, também, sois salvos, se o retiverdes, tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão.” (1 Co 15:1-2)

“Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e em teu coração creres, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que, com o coração, se crê para a justiça e com a boca se faz confissão para a salvação.” (Rm 10:8-10).

Da mesma forma que os ‘cães’, que ficarão de fora, é uma figura para fazer

referência aos maus obreiros, àqueles que andam segundo a circuncisão (Fl 3:2), os 'feiticeiros', também é uma figura para compor uma alegoria, muito utilizada pelos profetas para fazer referência aos filhos de Israel, por terem se desviado da palavra de Deus.

Os filhos de Israel são tidos por filhos da agoureira, descendência de feiticeiros e prostitutas (Is 57:3-4), portanto, qualquer que se afasta do evangelho e se volta ao judaísmo, volta à sua antiga condição: feiticeiro!

“Mas chegai-vos aqui, vós os filhos da agoureira, descendência adúltera e de prostituição. De quem fazeis o vosso passatempo? Contra quem escancarais a boca e deitais para fora a língua? Porventura, não sois filhos da transgressão, descendência da falsidade?” (Is 57:3-4).

O profeta Ezequiel protestou contra os filhos de Israel, dizendo: “E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza” (Ez 33:31), e Jesus complementa: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24). O coração que segue a avareza, o lucro, as riquezas (Mamom), é um coração idólatra, e a sua obstinação em permanecer no erro do seu coração enganoso é feitiçaria.

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

Crítica ateísta ao amor de Jesus

Deus não converteu a sabedoria de Nietzsche em estultícia, pois a loucura da qual fala as Escrituras, é figura utilizada pelos profetas, para fazer referência, única e exclusivamente, ao povo de Israel. Portanto, só resta considerar má leitura de Nietzsche, considerar 'a sabedoria deste mundo', como sendo a ciência ou, o conhecimento lecionado nas faculdades seculares, fruto tão somente da soberba de Nietzsche, sem qualquer intervenção divina.

Crítica ateísta ao amor de Jesus

Em um site ateísta está estampada a seguinte charge:

“amor cristão — Chega a ser comovente”



Introdução

Em primeiro lugar, vale enfatizar que a sátira ácida do portal é de mau gosto, pois brinca com um ícone da crença de muitas pessoas religiosas do ocidente. Analisando o conteúdo do site, percebe-se que os editores não arriscam fazer o mesmo com personagens históricos de outras religiões, principalmente as orientais, a exemplo do islã, porque são covardes, ante a perspectiva de reprimendas.

Em segundo lugar, fica patente que é impossível satisfazer a gana dos que se declaram ateus, à vista da crítica ácida de um dos seus maiores ícones, o filólogo

Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 15 de outubro de 1844 — Weimar, 25 de agosto de 1900).

A despeito das divergências, quanto à crença na existência de Deus, antes de qualquer coisa, tenho que louvar a brilhante leitura que Nietzsche fez da sociedade e do homem grego^[2], fruto do vislumbre que lhe era peculiar. Em suas obras, se vê leituras da sociedade e questionamentos firmes e objetivos, como esse trecho incrustado na obra, O Anticristo, que aqui destaco:

“O que me importa é o tipo psicológico do Salvador. Esse tipo talvez seja descrito nos evangelhos, apesar de que em uma forma mutilada e saturada de caracteres estrangeiros — isto é, a despeito dos Evangelhos; assim como a figura de Francisco de Assis se apresenta em suas lendas a despeito de suas lendas. A questão não é a veracidade das evidências sobre seus feitos, seus ditos ou sobre como foi sua morte; a questão é se seu tipo, ainda, pode ser compreendido, se foi conservado. Todas as tentativas de que tenho conhecimento, de se ler a história da “alma” nos Evangelhos, revelam para mim, apenas uma lamentável leviandade psicológica” Nietzsche, Friedrich W., O Anticristo.

Guerra contra a ciência?

Para alguém que empunhava a flâmula do niilismo^[3], Nietzsche não poderia abrir mão de considerar as evidências dos evangelhos acerca dos feitos, ditos e morte de Jesus, lançando-se somente em considerar o que entendia ser importante. Analisar os Evangelhos somente questionando se o tipo ‘psicológico’ do Cristo foi de fato compreendido e a sua essência conservada é atuar num campo restrito de volumosas evidências. Acostumado que era a atuar no campo da linguagem, Nietzsche esqueceu que a escrita constitui um campo ‘arqueológico’ vasto de evidências que pode indicar se o tipo do Salvador foi preservado, e se é possível compreendê-lo. Nietzsche confessa, abertamente, que, das obras que se aventuraram explicar os Evangelhos, de que ele teve conhecimento, todos os trabalhos se revelaram infrutíferos ou, em suas palavras: ‘lamentável leviandade psicológica’.

Aquele que sentia arrepios ante uma má leitura do mundo, tornou-se transgressor, pela má leitura que fez dos Evangelhos, bem como das cartas paulinas. Senão, vejamos:

“Uma religião como o cristianismo, que não possui um único ponto de contato com a realidade, que se esfacela no momento em que a realidade impõe seus direitos, inevitavelmente será a inimiga mortal da “sabedoria deste mundo”, ou seja, da ciência - nomeará bom tudo que serve para envenenar, caluniar e depreciar toda disciplina intelectual, toda lucidez e retidão em matéria de consciência intelectual, toda frieza nobre e liberdade de espírito. A “fé”, como um imperativo, veta a ciência - in praxi(2), mentir a todo custo... Paulo compreendeu muito bem que a mentira - que a “fé” - era necessária; e posteriormente a Igreja compreendeu Paulo. - O Deus que Paulo inventou, um Deus que “reduz ao absurdo” a “sabedoria deste mundo” (especialmente as duas grandes inimigas da superstição, a filologia e a medicina), é em verdade uma indicação da firme determinação de Paulo para realizar isto: dar o nome de Deus à sua própria vontade, thora(3) - isso é essencialmente judaico. Paulo quer desvalorizar a “sabedoria deste mundo”: seus inimigos são os bons filólogos e médicos da escola alexandrina - a guerra é feita contra eles. De fato, nenhum homem pode ser filólogo e médico sem, ao mesmo tempo, ser anticristo. O filólogo vê por detrás dos “livros sagrados”, o médico vê por detrás da degeneração fisiológica do cristão típico. O médico diz “incurável”; o filólogo diz “fraude”...” Idem. (grifo nosso)

Nietzsche acreditava que o apóstolo dos gentios tinha os filólogos e médicos da escola alexandrina como inimigos e que guerreou contra eles tendo como objetivo desvalorizar a ciência!

Que tremendo desserviço esse comentário do filólogo e teólogo Nietzsche, em que coloca o apóstolo Paulo como contrário à filologia e à medicina dos acadêmicos alexandrinos, por entender que, a ‘sabedoria deste mundo’, a qual o apóstolo faz alusão, se refere ao conhecimento secular que é ensinado nos bancos acadêmicos.

Através de um bom exame do contexto da abordagem paulina, verifica-se que a ‘sabedoria deste mundo’, a qual o apóstolo fez alusão, refere-se à doutrina religiosa judaica e aos seus diversos seguimentos, pois os religiosos judeus consideram a lei mosaica e as suas tradições como ciência.

Eis o que o apóstolo Paulo disse da relação dos religiosos judeus com a lei:

“Instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei” (Rm 2:20).

A rejeição do apóstolo Paulo à ‘sabedoria deste mundo’, nem chega a tangenciar o conhecimento que é produzido nos campos acadêmicos, antes, a ‘sabedoria deste mundo’ condenável, refere-se às bases doutrinárias da religião judaica, conforme se lê:

“Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes, pela loucura da pregação” (1 Co 1:20-21);

“Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios, na sua própria astúcia” (1 Co 3:19).

A concepção de que Deus transtornou a sabedoria deste mundo em loucura nem mesmo é do apóstolo Paulo, antes, ele cita, implicitamente, as Escrituras, mais especificamente o profeta Isaías, que denunciou os filhos de Israel, dizendo:

“Que desfaço os sinais dos inventores de mentiras e enlouqueço os adivinhos; que faço tornar atrás os sábios e converto em loucura o conhecimento deles” (Is 44:25);

“Portanto, eis que continuarei a fazer uma obra maravilhosa no meio deste povo, uma obra maravilhosa e um assombro; porque a sabedoria dos seus sábios perecerá e o entendimento dos seus prudentes se esconderá” (Is 29:14).

O apóstolo Paulo faz referência à doutrina do evangelho como ‘sabedoria’, contrapondo o evangelho com a ‘sabedoria deste mundo’, ou seja, com o conhecimento que os líderes judaicos tinham acerca da lei.

“Todavia, falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam” (1 Co 2:6).

Basta ler um pequeno trecho da obra O Anticristo, para constatar que, a despeito

da crítica que fez, classificando como *'lamentável leviandade psicológica'* a abordagem que muitos outros fizeram do evangelho, Nietzsche não soube ler o Novo Testamento, apesar de ter sido bom filólogo em outras áreas do conhecimento humano.

"Não se pode ler o Novo Testamento, sem adquirir uma predileção por tudo que nele é maltratado - para não falar da 'sabedoria deste mundo', que um insolente fanfarrão, tenta reduzir a nada, com a 'loucura da pregação...'" Idem.

A sabedoria deste mundo

Para compreender o malogro da interpretação que Nietzsche fez sobre a sabedoria deste mundo que consta no Novo Testamento, vale destacar que, desde Moisés, a nação do apóstolo dos gentios foi constituída guardiã das Escrituras, que vaticinava a vinda do Messias. É em função da promessa do Messias que foi feita ao patriarca Abraão que os seus descendentes foram povo e nação. Mas quando o Cristo (Messias) chegou, rejeitaram-No, por causa do conhecimento equivocado que possuíam das Escrituras. Os 'sábios' de Israel foram enlaçados e presos em um conhecimento próprio, o que se denomina 'loucura'. Os líderes do povo de Israel se intitulava-se sábios, mas rejeitaram o Cristo, a sabedoria de Deus. Conforme foi vaticinado pelos profetas, os filhos de Israel [tropeçaram na pedra de tropeço](#) (1 Co 1:18-19). Por causa deste contexto histórico e conforme o predito pelos profetas é que o apóstolo disserta sobre a sabedoria deste mundo.

"Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos" (Rm 1:22).

Isto não quer dizer que Deus converteu a sabedoria de Nietzsche ou de qualquer homem da ciência em estultícia, pois a loucura da qual fala as Escrituras, é figura utilizada pelos profetas para fazer referência à falta de conhecimento do povo de Israel acerca das coisas de Deus (Jr 5:4). Portanto, Nietzsche fez má leitura ao considerar 'a sabedoria deste mundo' como sendo a ciência ou, o conhecimento lecionado nas faculdades seculares. Tal interpretação malograda é fruto tão somente da soberba do filólogo, sem qualquer intervenção divina.

"Aqui, pela primeira vez, toco o problema da psicologia do Salvador. Para começar, confesso que muitos poucos livros, para mim, são mais difíceis de

ler do que os Evangelhos”. Idem.

Nietzsche, de outra banda, tropeçou na sua própria soberba, ao achar os Evangelhos uma leitura ruim (entediante, difícil), desclassificando-os.

Assim como a crítica de Nietzsche ao Cristo brotou de uma má leitura dos Evangelhos, a charge no início deste artigo, também, tem origem em uma má leitura dos ensinamentos de Jesus.

Antes de analisarmos a charge, faremos uma pequena digressão, com enfoque no que Nietzsche postulou, acerca do Antigo e do Novo Testamento, em face da má leitura que ele fez da Bíblia. Observe:

“52 - No Antigo Testamento dos judeus, que é o livro da justiça divina, há homens, coisas e discursos de um tão grande estilo, que as literaturas grega e indiana nada têm que se lhe compare. Com receio e veneração, é que nos extasiamos, perante estes vestígios grandiosos do que o homem era no passado e far-se-á uma triste ideia da velha Ásia e da sua península, a Europa, que a todo custo queira representar o ‘progresso do homem’ em relação à Ásia. Positivamente, aquele que não é mais do que um animal doméstico (semelhante aos nossos homens cultos de hoje, incluindo os cristãos do cristianismo ‘culto’), esse não tem de que se espantar e, ainda, menos de que afligir entre essas ruínas - o gosto pelo Antigo Testamento faz-se uma pedra de toque, no que diz respeito ao ‘grande’ e ao ‘pequeno’-; talvez encontre no Novo Testamento, que é o livro da graça, maior conformidade com o seu coração (há nele muito do autêntico cheiro adocicado e sufocante dos beatos e das almas pequenas). Este Novo Testamento, espécie de rococó do gosto, sob todos os aspectos, ter sido reunido com o Antigo Testamento, num só livro, a que se chamou Bíblia, ‘o livro por excelência’, terá sido, talvez, o maior atrevimento, o maior ‘pecado contra o espírito’ que pesa na consciência da Europa literária.” Nietzsche, Friedrich, Para além do bem e do mal, Prelúdio a uma filosofia do futuro, 3ª Ed., Martin Claret, p. 79.

Nietzsche conseguiu ver no Antigo Testamento, pelo fascínio que nutria pelas sociedades aristocratas, a ‘grandiosidade’ das relações retratadas entre os senhores e servos da antiguidade. A análise de Nietzsche tem por base as inúmeras relações entre senhores e servos, reis e súditos, nobres e plebeus, etc.,

relações que sublinhavam as sociedades retratadas no Antigo Testamento e, por isso, o elogio de que não há nada que se compare em estilo ao Antigo Testamento, nem mesmo as literaturas grega e indiana. No entanto, Nietzsche despreza o Novo Testamento, o que nos causa estranheza, pois quando fez a sua defesa diante do rei Agripa, o apóstolo Paulo enfatizou que não falou nada além do que está registrado no Antigo Testamento. Escapou ao entendimento do filólogo que o Deus do apóstolo Paulo não foi invenção dele, antes, é herança decorrente do Antigo Testamento. O apóstolo Paulo menciona que era hebreu, da tribo de Benjamim e fariseu (estudioso dos Escritos de seus ancestrais), portanto, o Deus do apóstolo dos gentios é o Deus dos hebreus e não uma invenção tardia.

Escapou ao filólogo a grandeza da linguagem aristocrática que permeia o Novo Testamento que é próprio às sociedades de dois mil anos atrás, isto em função dele ‘calçar luvas’ antes da leitura e, por fim, emitiu a opinião de que os Evangelhos são ‘rococó’.

“Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, [ali estará também o meu servo](#). E, se alguém me servir, meu Pai o honrará” (Jo 12:26).

Os seguidores de Nietzsche, por sua vez, ao desenvolverem uma crítica ao Evangelho de Cristo, através da charge estampada no início deste artigo, quase conseguiram abstrair a essência do Evangelho, o que nos permitiu apresentar uma resposta, ao seguinte questionamento de Nietzsche:

“... a questão é se seu tipo, ainda, pode ser compreendido, se foi conservado.” Idem.

O ‘amor’ que é exigido por Jesus

Se o tal ‘ser subterrâneo’^[4], como se autodenominou Nietzsche, tivesse cavado, perfurado e corroído o Evangelho como fez com a moral, certamente descobriria que o termo grego ‘ágape’ (amor), não foi utilizado nos Evangelhos segundo uma concepção sentimentalista, que é própria ao homem do nosso tempo. Talvez ele perceberia que o termo ‘ágape’ no Novo Testamento reflete a essência das sociedades aristocráticas, como se observa na seguinte parábola:

“Ninguém pode [servir a dois senhores](#); porque ou há de [odiar a um](#) e [amar o](#)

outro ou, se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24).

Os termos ἀγαπάω (agapaó) e μισέω (miseó), traduzidos, respectivamente, por ‘amar’ e ‘odiar’, estão para ‘obediência’ e ‘desobediência’, assim como ‘dedicar’ e ‘desprezar’. Os termos ἀγαπάω e μισέω, quando empregados na fala de Jesus, não trazem no seu bojo a ideia de sentimento ou de afeição, mas, respectivamente, a ideia de obediência e desobediência.

Jesus, no Novo Testamento, se apresenta como Mestre e Senhor (Jo 13:13) e, questiona aqueles que não O obedecem, mas que chamavam-no ‘Senhor, Senhor’ (Lc 6:46).

“E por que me chamais, SENHOR, Senhor, se não fazeis o que eu vos digo?” (Lc 6:46).

Jesus se apresenta como manso e humilde de coração, no entanto, concita seus ouvintes a se sujeitarem a Ele como servos, tomando o seu jugo e levando o seu fardo.

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11:28-30).

Jesus declarou que, aquele que O obedece é o que O ama:

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14:21; Jo 14:15; Jo 14:23-24).

Na fala de Jesus, inexistente a temida ‘democracia’, tão criticada pela visão nitiniana, antes, afloram, abundantemente, expressões que evidenciam o ‘pathos da distância’[\[5\]](#), pela qual o senhor se sobressai sujeitando o servo, o que era comum às relações sociais à época (Jo 13:13).

Desde o Antigo Testamento, a ideia que o termo hebraico, traduzido por amor, refere-se à relação senhor e servo, como se lê:

“Eu amo aos que me amam e os que cedo me buscarem, me acharão” (Pv

8:17).

Deus cuida daqueles que O obedecem, ou seja, Ele demonstra misericórdia (cuidado) aos seus servos, àqueles que lhe obedecem:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e que guardam os meus mandamentos” (Dt 5:10).

A crítica que Nietzsche faz ao cristianismo (entenda-se o bíblico), de que é a religião da compaixão[6], como fruto de um sentimento humano (paixão), é furto de uma má leitura colossal, pois compadecer ou ter misericórdia, em função do contexto bíblico, o termo trás a ideia de ‘obediência’:

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender, melhor é do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15:22);

“Porque eu quero a misericórdia e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos” (Os 6:6).

Deus ordenou a Saul que exterminasse da face da terra os amalequitas (1 Sm 15:3). Enquanto Saul matava o povo amalequita, diante de Deus o rei de Israel exercia ‘misericórdia’. Mas, quando poupou Amaleque e o melhor do gado, Saul tornou-se rebelde e iníquo (1 Sm 15:23). Na desobediência de Saul, não houve exercício da ‘misericórdia’, o mesmo que amor (obediência)^[7] a Deus.

Como os escribas e fariseus não obedeciam a Deus, Jesus ordenou que fossem e aprendessem o significado de ‘misericórdia quero e não sacrifício’.

“Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mt 9:13).

Um religioso do nosso tempo, ao ler essa ordem que Jesus deu aos escribas e fariseus, equivocadamente, considerará que Jesus ordenou aos fariseus que executassem ações com base em um sentimento de dó e de solidariedade ou, que exercessem o perdão de alguma dívida ou, ofensa, com base na indulgência, graça, clemência, compaixão ou, piedade.

No entanto, a ordem: 'ide e aprendei', sublinhou o que, de fato, importa: obedecer ao mandamento de Deus, e não seguir preceitos tendo por base sentimentos humanos de afeição!

Jesus nunca se apresentou aos homens como coitado, antes como Senhor:

“Se alguém me serve, siga-me e onde eu estiver, ali estará, também, o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará” (Jo 12:26).

Jesus não se intimidou ante um jovem rico, antes o amou, quando deu uma ordem para que o jovem vendesse tudo o que possuía:

“E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem, toma a cruz e segue-me” (Mc 10:21).

O amor de Jesus não tem por base o sentimento ou, as afeições humanas. O amor é mandamento que expressa o cuidado de Deus. Só estarão ao abrigo da sua proteção aqueles que põem o mandamento de Jesus por obra (Jo 15:10).

Cristo é Senhor

Em certa parábola, Jesus se apresenta como Senhor, onde fica nítido que os seus valores não se igualam aos valores dos homens comuns:

“E, recebendo-o, murmuravam contra o pai de família, dizendo: Estes derradeiros trabalharam só uma hora e tu os igualaste conosco, que suportamos a fadiga e a calma do dia. Mas ele, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço agravo; não ajustaste, tu comigo, um dinheiro? Toma o que é teu e retira-te; eu quero dar a este derradeiro, tanto como a ti. Ou, não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou, é mau o teu olho, porque eu sou bom? Assim, os derradeiros serão os primeiros e os primeiros, os derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 20:11-16)

É plenamente lícito a um Senhor, fazer o que bem entende com o que é seu! Percebe-se, no questionamento dos trabalhadores, um mau julgamento, ao exigirem que fossem distinguidos pelo maior tempo de trabalho. De outra banda,

os que trabalharam menos e receberam igual salário, poderiam alegar que é imprescindível ao trabalhador tratamento igualitário.

Entretanto, o Senhor se apresenta como o bom, ou seja, o nobre, o bem nascido e não se deixou levar pelo julgamento dos vis, ou seja, dos maus, pelos comuns, pela plebe.

A pessoa que compôs a charge acima desconhece que a essência do amor que Jesus exige não provém do sentimentalismo, e nem é, ao gosto de Nietzsche, dogmatismo ‘religioso’. A fala de Cristo é de aristocrata, pois Ele se apresenta como Senhor e questiona a visão dos trabalhadores, de modo a realizar a sua vontade, ao que os trabalhadores tiveram que se submeter.

Em outra feita, Jesus evidencia que nenhum dos seus ouvintes agradeceria o seu servo por ter feito o que lhe foi ordenado ou, permitiriam que avançassem à mesa para comer antes de prepará-la para o seu senhor. Jesus destaca que deveriam se considerar servos inúteis, quaisquer que se resignarem a fazer somente o que foi mandando pelo seu senhor:

“Porventura, [dá graças ao tal servo, porque fez, apenas, o que lhe foi mandado? Creio que não](#)” (Lc 17:9).

Essa é a tônica da mensagem de Jesus:

“[Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará, também, o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará](#)” (Jo 12:26).

O filólogo Nietzsche fez uma leitura acertada das sociedades antigas e conseguiu abstrair a essência dos termos ‘bom’ e ‘ruim’^[8]. Pela sua perspicácia, se Nietzsche não tivesse calçado luvas, poderia ter percebido que a essência do amor^[9] bíblico no Novo Testamento deriva, originalmente, de um termo que, raramente, era utilizado pelos gregos e que o seu significado original era “honrar”, “dar boas-vindas”, “cumprimentar”, muito diferente da concepção que o homem do nosso tempo atribui ao termo ‘ágape’.

Considerando a composição da charge, o amor de Cristo não é comovente, antes um mandamento: honre-me!

“[Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o](#)

Filho, não honra o Pai que o enviou” (Jo 5:23).

Quando Jesus utilizou o termo ‘amigo’, não o fez no sentido de amizade entre iguais, antes se refere ao amigo que é o servo ladino, que serve dentro da casa de seu senhor. Para alcançar a posição de amigo, necessário era fazer o que Jesus ordena.

“Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando” (Jo 15:14).

Ao lavar os pés aos seus discípulos, muitos entendem que Jesus estava dando uma lição de humildade, porém, o que se depreende do texto é que Jesus estava se apresentando como Senhor e Mestre (Jo 13:13). Quem está na posição de Senhor e Mestre exerce cuidado para com aqueles que lhe é sujeito.

À época, lavar os pés era o ‘ágape’ a ser dispensado aos viajantes, ato essencial à hospitalidade. Ao lavar os pés dos seus discípulos, Jesus impõe aos seus seguidores um mandamento: o dever de cuidarem uns dos outros.

“Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou” (Jo 13:14 -16).

Em cuidarem (ágape) uns dos outros segundo o exemplo e mandamento de Cristo, as pessoas identificariam os discípulos de Cristo, e não através de ideais ascéticos e princípios filosóficos.

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13:35).

Amor como mandamento

A charge só teria humor, se o amor que Jesus exige dos homens fosse de cunho sentimental. A segunda parte da charge, considerando, efetivamente o ensino de Cristo, não foi apresentada aos homens desta maneira: ‘*me ame ou te mandarei para o inferno*’.

Jesus disse que a ninguém julgava, o que foi evidenciado quando não emitiu juízo de valor em desfavor da mulher samaritana, tendo em vista o peso dos valores morais à época. Jesus não julgou porque todos os homens já estão condenados! Seria um contrassenso Jesus julgar quem já foi julgado e apenado com morte (Jo 3:18).

“Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo” (Jo 8:15).

Jesus não manda as pessoas ao inferno, antes elas já nascem condenadas e destinadas ao inferno. A doutrina de Cristo demonstra que salvação ou perdição não decorrem da moral ou do comportamento humano, mas, são condições que os homens adquirem da semente que são gerados (herdam de berço).

Os nascidos do sangue, da vontade da carne ou da vontade do homem são herdeiros da condenação de Adão. Já os nascidos de novo, segundo a semente incorruptível, que é a palavra de Deus, são herdeiros da salvação em Cristo. É a semente da qual os homens nascem que dita quem é salvo ou não.

Da mesma forma que a escravidão ou o principado são questões que se herdam de berço por vínculo de sangue, a perdição é condição de todos os homens que vem ao mundo em função do vínculo de sangue que detém com o pai da humanidade, Adão, que pecou.

A virtude que torna o homem uma nova criatura é desvinculada do moralismo, antes decorre da natureza divina que herdam aqueles que são gerados da semente incorruptível (2Pe 1:4).

A leitura que Nietzsche fez dos Evangelhos e de Cristo, como se este tivesse legado um estilo de vida aos seus seguidores, é completamente equivocada.

“O “portador da boa-nova” morreu assim, como, viveu e ensinou – não para “salvar a humanidade”, mas para demonstrar-lhe como viver. Seu legado ao homem foi um estilo de vida: sua atitude ante os juízes, ante os oficiais, ante seus acusadores – sua atitude perante a cruz. Não resiste; não defende seus direitos; não faz qualquer esforço para evitar a maior das penalidades – ainda mais, a convida... E roga, sofre e ama com aqueles, por aqueles que o maltratam. Não se defender, não se encolerizar, não culpar... Mas igualmente não resistir ao mal – amá-lo...” Idem.

Jesus não instituiu nenhum ideal ascético, nem mesmo estabeleceu um padrão de moral como essência da sua doutrina. Jesus comia e bebia como os demais homens, tanto que foi chamado de comilão e beberrão (Lc 7:34). Jesus se vestia como os demais homens, tanto que era impossível identificá-lo pela roupa (Lc 19:5; Mc 14:44). Jesus não aderiu às práticas de jejuns, lavagem de mãos, orações nas praças, etc., demonstrando que não era religioso, portanto, ele não legou aos homens um estilo de vida.

Jesus não foi metódico e nem puritano! Os seus seguidores, no primeiro Concílio em Jerusalém, resolveram que não imporiam nenhum encargo aos cristãos convertidos dentre os gentios, o que demonstra que a doutrina de Cristo não é moralizante (At 15:28 -29).

A atitude de Cristo na cruz não foi passiva, antes ativa. Ainda no jardim do Getsêmani, Jesus demonstra o motivo pelo qual não reagiu, pois rejeitou fazer a sua vontade. O fato de Jesus não se opor aos seus algozes demonstra que Ele foi resoluto em obedecer ao mando do Pai. As ações de Jesus eram todas segundo o que o Pai mandou, de modo que o mundo saberia que Cristo honrou (amou) ao Pai.

“Mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui” (Jo 14:31).

Deus havia ordenado ao seu Filho que se portasse como ovelha conduzida ao matadouro, de modo que, pela recompensa que lhe aguardava, suportou as afrontas dos seus opositores (Is 50:6).

“Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus” (Hb 12:2).

A crítica de Nietzsche parece sublinhar que ele adquiriu plena compreensão dos Evangelhos e que de sua cúpula podia emitir juízo sobre os meros mortais que, ao longo da história não compreenderam a mensagem de Cristo.

“Nossa época orgulha-se de seu senso histórico: como, então, se permitiu acreditar que a grosseira fábula do fazedor de milagres e Salvador constitui as origens do cristianismo - e que tudo nele de espiritual e simbólico surgiu apenas, posteriormente? Muito pelo contrário, toda a história do

cristianismo - da morte na cruz em diante - é a história de uma incompreensão, progressivamente, grosseira de um simbolismo original".

Nietzsche, Friedrich W., O Anticristo.

O cristianismo fundamenta-se na pessoa de Cristo. Inúmeras incompreensões surgiram posteriormente, pois não deram ouvidos ao alerta paulino, e amalgamaram a um pseudo evangelho conteúdo platonista e aristotélico (Cl 2:8).

Se bem analisado, verifica-se que os ideais ascéticos^[10] nunca estiveram ligados aos ensinamentos de Cristo.

A doutrina de Cristo é tão somente crer que Ele é o Messias, o enviado de Deus como salvador do mundo decorrente da condenação que se deu no Éden. Ele se apresentou como o caminho, a verdade e a vida, portanto, nenhuma ascese pode substituí-lo, ou complementar a sua obra.

Jesus não requer dos homens que se afeiçoem a Ele, antes que O obedeçam, e assim, tornam-se servos. Jesus não manda ninguém ao inferno, antes a sua missão, ao requer que os homens O sirvam, é livrá-los da condenação que os destina ao inferno (Jo 12:47).

Jesus não veio ao mundo sensibilizar, comover ou mudar o estilo de vida dos homens, antes veio como cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! Jesus ordena aos homens que O obedeçam, pois só assim não permanecem no caminho de perdição que os conduz ao inferno.

“Quem não me ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14:24);

“Se me amais, guardai os meus mandamentos” (Jo 14:15).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

Redação e estilo: Jussara Crispim

[1] Charge “< <http://ateus.net/humor/cartoons/amor-cristao/> > Consulta em 23/03/17.

[2] A FILOSOFIA NA ERA TRÁGICA DOS GREGOS, Friedrich Nietzsche,

Apresentação de Gabriel Valladão Silva, Tradução de Gabriel Valladão Silva, Coleção L&PM Pocket.

[3] Niilismo - ponto de vista que considera que as crenças e os valores tradicionais são infundados e que não há qualquer sentido ou, utilidade na existência.

[4] *“Neste livro encontra-se agindo um ser ‘subterrâneo’ que cava, perfura e corrói”* Nietzsche, Friedrich, Aurora, Prefácio. 2ª Edição, Editora Escala. Pág. 17.

[5] *“Nietzsche analisa fisiologicamente a concepção do ressentimento, caracterizando-o como um afeto enfraquecedor ou deprimente que corrói e destrói as estruturas sociais da antiguidade. Ele formulou o conceito de ‘pathos da distância’ para designar outro afeto, fortalecedor e ascendente, que seria próprio a todo tipo nobre que se impõe pela diferença superioridade hierárquica, próprio à necessidade de separação e de organização social, como uma “força organizadora””.*

[6] *“Chama-se cristianismo a religião da compaixão. - A compaixão está em oposição a todas as paixões tônicas que aumentam a intensidade do sentimento vital: tem ação depressora. O homem perde poder quando se compadece”* Nietzsche, Friedrich W., O Anticristo.

[7] *A obediência exigida por Deus, que aceita em todas as nossas ações a vontade pelos atos, é um esforço sério de lhe obedecer e é, também, denominada com todos aqueles nomes que significam esse esforço. E, portanto, a obediência é umas vezes denominada com os nomes de caridade e amor, porque implica a vontade de obedecer e, mesmo nosso Salvador, faz de nosso amor a Deus e ao próximo, um cumprimento de toda a lei”.* Hobbes de Malmesbury, Thomas, Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil, Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva.

[8] *“O pathos da nobreza e da distância, como já disse o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” eis a origem da oposição “bom” e “ruim””* Nietzsche, Friedrich W., A Genealogia da moral.

“Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico

a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”” Idem.

[9] *“Amor (gr. agape) (1 Pe 4.8; Rm 5.5, 8; 1 Jo 3.1; 4.7, 8,16; Jd 21) Esta palavra raramente era usada na literatura grega, antes do Novo Testamento. E quando isso acontecia, ela era usada para expressar um ato de gentileza aos estrangeiros, de oferecer hospitalidade e ser caridoso”. O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais — A Palavra de Deus ao Alcance de Todos, Editores Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House, Rio de Janeiro, 2010, pág. 701. “agapaõ que, originalmente, significava “honrar” ou “dar boas-vindas”, é, no Gr. clássico, a palavra que tem menos definição específica; frequentemente, se emprega como sinônimo de phileõ, sem haver qualquer distinção, necessariamente nítida, quanto ao significado (...) 4. Não está clara a etimologia de agapaõ e agapè. O vb. agapaõ aparece, frequentemente, na literatura gr. de Homero em diante, mas o subs. agapè é uma construção, que só aparece no Gr. posterior. Foi achada uma só referência fora da Bíblia: ali, a deusa Isis recebe o título de agapè (P. Oxy, 1380, 109; século II d.C.), agapaõ é frequentemente uma palavra descolorida em Grego e aparece, com frequência, como alternativa para, ou sinônimo com, eraõ e phileõ, com o significado de “gostar de”, “tratar com respeito”, “estar contente com”, e “dar as boas-vindas”. Quando, em raras ocasiões, se refere a alguém que foi favorecido por um deus (cf. Dio. Cris., Orationes 33, 21), fica claro que, diferentemente, de eraõ, não se refere ao anseio humano por posses ou valores, mas, sim, uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra”. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Colin Brown, Lothar Coenen (orgs.); [tradução Gordón Chown] — 2ª ed. — São Paulo; Vida Nova, 2000, págs. 113 e 114. “Na LXX, agapaõ se emprega, de preferência, para traduzir o verbo heb. Àhèb. O subs. agapè acha aqui a sua origem, ao representar o Heb. ’ah bâk. O vb. Ocorre, muito mais, frequentemente, do que o subs. ’ahèb e pode se referir, tanto a pessoas, como a coisas, e denota, em primeiro lugar, o relacionamento de seres humanos entre si, e, em segundo lugar, o relacionamento entre Deus e o homem (...) Na LXX (Septuaginta), surge diante de nós um quadro bem diferente’; phileõ, ocorre raras vezes, enquanto o vb. agapaõ, e o subs. agapè (douta forma, quase, inteiramente, desconhecido no Gr.) se acham a cada passo. Não é possível discernir se se empregam conforme*

regras fixas, pois phileò (30 vezes), tal como agapaò (cerca de 263 vezes), geralmente traduz o Heb. ahèb (e.g. Gn 27:4 e segs.; 37:4 [cf. 37:3]; Is 56:10; Pv 8:17 [cf. 8:21]). Embora o Heb. tenha uma gama inteira de palavras para expressar o conceito contrário do ódio (enquanto a LXX só tem a palavra única miseõ - Inimigo, art. miseõ), tem, virtualmente, a única raiz .ahèb à sua disposição para a gama de sentimentos, que se associam com o amor. O Gr., de outro lado, tem várias raízes e palavras derivadas para expressar as várias matizes do amor: philia (38 vezes), que geralmente traduz 'aheb, 'ahabâh, é comparativamente rara, embora philos (cerca de 181 vezes), que, geralmente, traduz rèa, embora, frequentemente, sem equivalente heb., seja mais comum na LXX” Idem. Págs. 114 e 121.

[10] “ascetismo - doutrina de pensamento ou de fé que considera a ascese, isto é, a disciplina e o autocontrole estritos do corpo e do espírito, um caminho imprescindível em direção a Deus, à verdade ou à virtude”.

Eleição e Predestinação

Pela onisciência Deus conhece (saber) todos os salvos e todos os perdidos em todos os tempos. Entretanto, há aqueles que Deus nunca conheceu (nunca foram um com Ele) e estes irão para o fogo eterno (Mt 7:23) e há aqueles que conhecem a Deus, ou antes, são conhecidos d’Ele, ou seja, são um com Ele e são salvos (Gl 4:9).

Eleição e Predestinação

“Porquanto, aos que de antemão conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também

glorificou” (Romanos 8:29 -30)

Os fins da predestinação

É consenso entre os estudiosos pensar a predestinação tendo o homem como fim imediato, isso porque, na sua grande maioria, entendem que, através da predestinação, Deus concede salvação aos homens.

Apesar de inúmeros textos bíblicos rezarem que Deus salva o homem por meio do evangelho, que é poder de Deus para salvação de todo que crê (Rm 1:16), simplesmente, ignoram a verdade e se agarram a algumas teorias teológicas.

Sem embargo, os apóstolos afirmam, com todas as letras, que Deus, segundo a sua misericórdia, salva o homem pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, ou seja, pela semente incorruptível, que é a palavra de Deus (Tt 3:5).

Mesmo diante de declarações contundentes, de que [Cristo Jesus aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção](#), pelo evangelho, (2 Tm 1:10; Ef 1:13; 1 Co 1:21), muitos insistem em afirmar que a salvação se dá através da predestinação.

O fim imediato da predestinação está vinculado a Cristo

Na Antiga Aliança, os primogênitos tinham direito a vários privilégios, em relação aos demais irmãos, pois, a eles, pertencia a bênção, o principado, o sacerdócio, porção dobrada da herança, etc. Em virtude de ter nascido primeiro, em relação aos demais irmãos, o primogênito detinha a preeminência em tudo.

Semelhantemente, Cristo é o primeiro a ressurgir dentre os mortos e, por isso, foi declarado primogênito dentre os mortos (Cl 1:18; Ap 1:5). Ao ressurgir dentre os mortos, Cristo conduziu muitos filhos à glória de Deus (Hb 2:10), de modo que Aquele que foi introduzido no mundo, na condição de Unigênito, agora é primogênito entre muitos irmãos.

Mas, para Cristo ser primogênito entre muitos irmãos, cada irmão, necessariamente, deve ser semelhante a Ele, pois, só é irmão aquele que participa

das mesmas coisas (Hb 2:14). Cristo, para chamar os homens de irmãos, teve de participar da carne e do sangue (Hb 2:11-14), semelhantemente, os homens, para chamarem o Cristo glorificado de irmão, necessitam ser participantes de Sua glória.

A solução dessa equação está na predestinação! Na eternidade, antes de haver mundo, Deus estabeleceu que todos os homens salvos por intermédio do evangelho estão predestinados a serem conforme a imagem de Cristo, com o único objetivo de Ele ser o primogênito entre muitos irmãos.

Ao ser gerado de novo, através da semente incorruptível, o novo homem em Cristo faz parte da geração eleita, ou seja, eleito antes da fundação do mundo, para ser santo e irrepreensível diante de Deus (Ef 1:3).

Isso significa que Deus não elegeu indivíduos para serem santos e irrepreensíveis, mas, elegeu a geração de Cristo. Se Deus tivesse elegido indivíduos a escolher, a escolha recairia sobre os descendentes da geração imunda e culpável, segundo a semente corruptível de Adão. Entretanto, Deus elegeu a descendência de Cristo, o último Adão, pois os homens gerados segundo Cristo, são criados em verdadeira justiça e santidade, ou seja, santos e irrepreensíveis.

Como a geração de Cristo é eleita, significa que todos os que são gerados de novo, pela verdade do evangelho, sem exceção, também são predestinados a serem semelhantes a Cristo (1 Jo 3:1-2). Através da predestinação, todos os salvos pela misericórdia de Deus, demonstrada por intermédio do evangelho, terão a mesma imagem do homem celestial: Cristo (1 Co 15:49).

O evangelho foi anunciado para a salvação e a predestinação estabelecida para a imagem. O evangelho é semente incorruptível que trás à existência novas criaturas e são eleitos por terem sido de novo gerados segundo o último Adão, o eleito de Deus.

A eleição e a predestinação estão em conexão com a aprovação régia que Deus propusera em Si mesmo na pessoa de Cristo de, na plenitude dos tempos, tornar a congregar em Cristo todas as coisas, tanto as do céu quanto as da terra (Ef 2:9-10).

Nos céus, Cristo foi elevado à posição de cabeça da Igreja (Ef 1:22), e na terra à posição de mais sublime (Sl 89:27). Ao eleger Abraão, Deus congregou as coisas

da terra em Cristo, e no Descendente prometido a Abraão, Cristo, Deus congregou as coisas dos céus.

“E sujeitou todas as coisas a seus pés e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja” (Ef 1:22);

“Também o farei meu primogênito mais elevado do que os reis da terra” (Sl 89:27)

Segundo o conselho da Sua vontade, o propósito de Deus estabelecido em Cristo foi levado a efeito quando Ele se assentou à destra da Majestade nas Alturas, na posição de cabeça da Igreja, Primogênito entre muitos irmãos.

Agora, Cristo está aguardando que todos os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés (Sl 110:1), quando Ele se levantará para reger as nações da terra, assentado sobre o trono de Davi, seu pai, como o mais elevado do que os reis da terra.

Mas, como é ser semelhante a Cristo? Segundo o apóstolo João, ainda não é manifesto como haveremos de ser, mas uma coisa é certa: quando Cristo se manifestar seremos semelhantes a Ele! (1 Jo 3:2)

O fim mediato da predestinação em relação aos homens

Na eternidade, Deus decretou que a geração de Cristo, além de ser santa e irrepreensível, visto que nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, todos os gerados d’Ele serão conformes à imagem de seu Filho.

É impossível Deus escolher os descendentes da carne de Adão, pois todos, juntamente, se desviaram e se fizeram imundos. Mas, por intermédio de Cristo, o homem, segundo Adão, que ouve a mensagem do evangelho e crê, morre e é sepultado com Cristo e, em seguida, ressurgue uma nova criatura, santa e inculpável, predestinada a ser conforme a imagem de Cristo.

Tanto a eleição quanto a predestinação, estão relacionados à nova criatura, ou seja, àquele que está em Cristo. Por conseguinte, aquele que está em Cristo

conhece a Deus e é conhecido d'Ele. É 'conhecido' de Deus, por estar intimamente ligado a Ele, ou seja, se fez um só corpo com Ele.

O fim imediato da eleição e da predestinação é a preeminência de Cristo, sendo que, na eternidade, a geração de Cristo foi eleita e predestinada a ser conforme a imagem de Cristo, segundo a vontade de Deus. Tanto a eleição, quanto a predestinação, foram levadas a efeito, quando da vinda da existência ao mundo das novas criaturas, que são criadas segundo o mesmo poder de Deus, manifesto em Cristo.

As benesses da eleição e da predestinação são herdadas no nascimento do cristão, de modo que, ser santo e irrepreensível conforme a imagem de Cristo, não resulta de obras realizadas pelo crente, antes, tais benesses foram concedidas em Cristo, antes dos tempos dos séculos, segundo o próprio propósito de Deus: fazer Cristo preeminente em todas as coisas.

[“Que nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos” \(2 Tm 1:9\).](#)

Quanto à salvação, a eleição e a predestinação não têm um fim, e sim, a misericórdia e a graça de Deus, concedidas pelo evangelho.

A misericórdia de Deus é manifesta à humanidade na encarnação de Cristo, que concede salvação a todos que n'Ele creem. O evangelho que concede salvação aos que creem foi anunciado, primeiramente, a Abraão (Gl 3:8) e hoje o evangelho é anunciado como o mandamento de Deus.

[“Mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada, segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” \(Tt 1:3\);](#)

[“Mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações, para obediência da fé” \(Rm 16:26\).](#)

O mandamento de Deus é dado a todas as nações, para que obedeçam ao evangelho, a fé que uma vez foi dada aos santos (Jd 1:3).

[“Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem creu na nossa pregação?” \(Rm 10:16\);](#)

“Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?” (1 Pd 4:17).

“Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Ts 1:8).

O mandamento do evangelho é crer em Cristo (1 Jo 3:23), a obra que o homem precisa realizar para se tornar servo de Deus (Jo 6:29). Só ama a Deus quem cumpre o seu mandamento, de modo que quem crê em Cristo, verdadeiramente amou a Deus.

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14:21);

“Pois o mesmo Pai vos ama, visto como vós me amastes e crestes que saí de Deus” (Jo 16:27).

O evangelho é mandamento de Deus que demanda obediência. Quem obedece ao evangelho de Cristo não tem medo, pois o medo decorre da penalidade imposta ao desobediente (1 Jo 4:18).

Diante do evangelho de Cristo, o homem não pode ficar passivo. A ordem é: - “Entrai pela porta estreita” (Lc 13:24); “Operai a vossa salvação com temor e tremor” (Fl 2:12).

Com o homem efetua a própria salvação? O homem é salvador de si mesmo? É claro que não! Deus providenciou salvação poderosa a todos os homens na casa de Davi quando enviou Cristo ao mundo.

Quem obedece a Cristo ‘salvar-se-á’, pois o ‘temor’ diz do mandamento de Deus e o ‘tremor’ da obediência à sua palavra.

“Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, entrará, sairá e achará pastagens” (Jo 10:9).

O fim da fé, ou seja, o objetivo do evangelho é a salvação do homem:

“Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas” (1 Pd 1:9).

O fim da predestinação é a primogenitura de Cristo, pois, por ela, os homens são constituídos conforme a imagem de Cristo, portanto, o fim da predestinação não é a salvação.

O termo grego τελος, transliterado telos e traduzido por ‘fim’, no contexto, tem o sentido de propósito, objetivo. O termo πιστις, transliterado pistis e traduzido por ‘fé’, no contexto significa ‘verdade’, ‘fidelidade’, ‘lealdade’, em substituição ao termo ‘evangelho’, que é a ‘fé’ anunciada em todo o mundo (Rm 1:8).

A ‘fé’ deve ser anunciada a todas as gentes e obedecida (Rm 1:5), pois ela é o dom de Deus, por meio da qual o homem é salvo.

“Porque, pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8);

“Pelo qual, recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes pelo seu nome (...) Primeiramente, dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque, em todo o mundo, é anunciada a vossa fé” (Rm 1:5 e 8).

É por meio do evangelho de Cristo que o homem é salvo, de modo que, aos não crentes não se prega eleição ou predestinação mas, sim, o evangelho, a palavra da redenção, que é poder de Deus para salvação.

“E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim” (1 Ts 2:16).

“E os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem; depois vem o diabo e tira-lhes do coração a palavra, para que não se salvem, crendo” (Lc 8:12).

Deus não escolheu e nem predestinou indivíduos para a salvação, pois é contraditória a concepção de que Deus deseja que todos se salvem e, no entanto, escolhe e predestina somente alguns para a salvação. Salvar a humanidade é desejo de Deus por sua graça e misericórdia, tanto que deu o Seu Filho Unigênito, no entanto, para ser salvo o homem precisa se tornar um com a verdade, crendo.

“Que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2:4);

“Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6:40).

É imprescindível ao homem ‘conhecer’ a verdade, por dois motivos:

- a. Primeiro, para ser salvo, e;
- b. Em segundo lugar, para ser eleito e predestinado.

Pois só é predestinado a ‘serem conformes à imagem’ de Cristo, para que Ele seja o Primogênito entre muitos irmãos, aqueles que O conheceram, ou seja, que se fizeram um corpo com Cristo, a verdade que liberta (Jo 8:32). Mesmo Deus querendo salvar todos os homens, o meio de salvá-los não é através da Sua soberania, e sim, através da palavra da verdade!

Há um equívoco que perdura entre os teólogos, de que o termo grego προγινωσκω (proginosko), traduzido por ‘dantes conheceu’ significa ‘ter conhecimento de antemão’, ‘prever’, ‘predestinar’.

Entretanto, o termo, no contexto, foi utilizado como expressão idiomática judaica, indicando comunhão íntima, quando o homem e a mulher se tornam uma só carne. São predestinados somente os que se tornaram um com o Pai e o Filho, ou seja, que ‘conhecem’ a Deus (Jo 17:21).

Somente os que se tornam uma só carne com Cristo, ou seja, os que amam a Deus, crendo que Jesus é o Cristo, também foram predestinados para serem conformes à imagem de seu Filho (Rm 8:29).

Deus é onisciente, ou seja, igualmente conhecedor de todas as coisas, quer seja do passado, quer do presente ou, do futuro. Ao dizermos que Deus é presciente, estabelecemos uma subdivisão da onisciência, que tolhe a compreensão acerca desse atributo de Deus. Deus anuncia de antemão, por intermédio dos seus profetas, eventos futuros, o que se dá pela sua onisciência e não pela sua presciência.

Pela onisciência Deus conhece (saber) todos os salvos e todos os perdidos em todos os tempos. Entretanto, há aqueles que Deus nunca conheceu (nunca foram

um com Ele) e estes irão para o fogo eterno (Mt 7:23) e há aqueles que conhecem a Deus, ou antes, são conhecidos d'Ele, ou seja, são um com Ele e são salvos (Gl 4:9).

A má leitura de alguns versos impera, quando homens torcem a verdade exposta pelos apóstolos, com o objetivo de exporem uma doutrina contrária ao evangelho.

Por exemplo, leem 1 Pedro 1, verso 2 (*“Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.”*), como se Deus elegeu alguns segundo a sua ‘presciência’. No entanto, o apóstolo Pedro estava enfatizando que os cristãos são eleitos segundo o anunciado de antemão pelos profetas (presciência), conforme expresso nos versos 10 a 12 do mesmo capítulo (1Pe 1:10-12).

Os cristãos são designados ‘eleitos’, segundo o anunciado de antemão pelos profetas, santificados pela palavra de Cristo, vez que as palavras de Cristo são espírito e vida, sendo necessária aos cristãos a obediência, para serem purificados:

“... eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pe 1:2).

Ao escrever aos Tessalonicenses, o apóstolo Paulo expressa a mesma verdade:

“... porque Deus vos escolheu^[1], desde o princípio, para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2:13).

O verso não trata de uma ‘escolha’ para ser salvo, antes pela santificação do evangelho (vez que o crente é ministro do espírito) e pela crença (fé) na verdade, os cristãos foram tomados como propriedade (herança) de Deus, desde o princípio, para a salvação (Ef 1:11 e 14), pois a salvação é o fim da fé (verdade).

O objetivo fim da predestinação é a preeminência de Cristo, mas, só os que se fizeram um corpo com Cristo (conheceram), são predestinados (Rm 8:29). Porém, os predestinados também foram eleitos, ou seja, foram feitos santos e irrepreensíveis (Ef 1:3).

Contudo, para ser predestinado e eleito, primeiro Deus declara justo o novo homem que ressurge com Cristo, porque, para ser justificado, é necessário ao

homem morrer com Cristo, quando por intermédio do evangelho, o homem torna-se participante da carne e do sangue de Cristo (Rm 4:25; Rm 6:7; Jo 6:55).

Mas, para o crente ser justificado, eleito e predestinado, primeiro teve que ser glorificado, tornando-se um só corpo com Cristo, ou seja, conhecendo a Cristo. O crente é glorificado quando ressurge dentre os mortos com Cristo, pois, sofreu com Cristo, para ser participante da glória da sua ressurreição (Rm 8:17; Cl 2:12; Cl 3:1).

Os que estão em Cristo são templos de Deus, ou seja, conhecidos de Deus, membros do Seu corpo, concomitantemente, também, estão destinados a serem conforme a imagem de Cristo, quando se revelarem os filhos de Deus (Rm 8:19).

Mas, para fazerem parte do propósito eterno que Deus estabeleceu em Cristo, de fazê-Lo preeminente em todas as coisas, através do poder que há no evangelho, para salvação do que crê, Deus glorificou os que creram, ressuscitando-os com Cristo e os declarou justos, livres de condenação!

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] “138 *αἰρεομαι* *haireomai* provavelmente semelhante a 142; TDNT - 1:180,27; v 1) tomar para si, preferir, escolher 2) escolher pelo voto, eger para governar um cargo público”, cf. Dicionário Bíblico Strong.

É possível um crente carnal?

Toda carne é como a erva e não pode herdar o reino de Deus, mas, todo que é gerado de novo, da semente incorruptível, a palavra de Deus, permanecerá para sempre. Agora, surge a questão: É possível a alguém que crê em Cristo, conforme as Escrituras, ser carnal? É possível existir um crente carnal? É possível ser carnal, quem foi gerado da água e do espírito?

É possível um crente carnal?

“O que é nascido da carne, é carne e o que é nascido do Espírito, é espírito” (Jo 3:6)

Interpretação bíblica: nível avançado

Introdução

Nicodemos, um mestre em Israel, desconhecia que não tinha direito a entrar no reino dos céus e Jesus teve de ensiná-lo que, para ter direito a ver o reino dos céus, ele tinha que nascer de novo.

Nicodemos ficou sem compreender o que seria nascer de novo e especulou se era possível um homem velho voltar ao ventre materno e nascer novamente, quando Jesus lhe explicou que o novo nascimento se dá, através da água e do espírito (Jo 3:3-5).

Por que Nicodemos não podia entrar no reino dos céus? Porque “... *o que é nascido da carne, é carne e o que é nascido do Espírito, é espírito*”, de modo que este tem direito ao reino dos céus, mas aquele não, pois, carne e sangue não herdarão o reino dos céus.

“E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção” (1 Co 15:50).

Ter sido gerado da carne, tornava Nicodemos carnal, conseqüentemente, o fato de ser carnal, impedia Nicodemos de entrar no reino dos céus. Por que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus? Porque a carne é efêmera, ou seja, não permanece para sempre.

Quando disse que ‘o que é nascido da carne, é carne’, Jesus estava enfatizando a mesma verdade anunciada pelos profetas: toda carne é erva e a sua beleza efêmera, como a flor.

Moisés deixou registrado:

“Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a erva e como gotas de água sobre a relva” (Dt 32:2).

Como os filhos de Israel achavam que estavam em melhor condição, diante de Deus, em relação aos outros povos, por intermédio de Isaías, Deus esclarece que toda carne (homens), sem exceção (judeus e gentios), são como a erva:

“Uma voz diz: Clama e alguém disse: Que hei de clamar? Toda a carne é erva e toda a sua beleza, como a flor do campo. Seca-se a erva e cai a flor, soprando nela o Espírito do SENHOR. Na verdade, o povo é erva. Seca-se a erva e cai a flor, porém, a palavra de nosso Deus subsiste eternamente” (Is 40:6-8);

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre. Porque toda a carne é como a erva e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva e caiu a sua flor; Mas a palavra do SENHOR permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada” (1 Pe 1:23-25).

Toda carne é como a erva e não pode herdar o reino de Deus, mas, todo que é gerado de novo, da semente incorruptível, a palavra de Deus, permanecerá para sempre. Agora, surge a questão: É possível a alguém que crê em Cristo, conforme as Escrituras, ser carnal? É possível existir um crente carnal? É possível ser carnal, quem foi gerado da água e do espírito?

Espírito

O que se entende por ‘espírito’?

Dependendo do contexto bíblico, o termo espírito é utilizado para fazer referência ao homem, como indivíduo, aos seres angelicais ou, a Deus.

Por definição, Deus é espírito (2 Co 3:17), ou seja, um ser pessoal. Da mesma forma, os seres angelicais, também, são espíritos.

A palavra espírito, também, é utilizada para contrastar o que é terreno, material, físico, de algo que é intangível e imperceptível aos sentidos humanos: realidade espiritual ou, mundo espiritual.

Em algumas passagens bíblicas, o termo 'espírito' é utilizado para fazer referência às condições psicológicas do indivíduo (Gn 26:35) ou, a uma habilidade específica, etc.

Entretanto, o termo 'espírito', na Bíblia, é mais utilizado para se referir a uma mensagem, doutrina, pensamento, ideia, etc., do que para fazer referência a uma pessoa. Por exemplo:

[“AMADOS, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”](#) (1 Jo 4:1)

O cristão não deve crer em toda mensagem, doutrina, pensamento, antes deve analisar se pertence a Deus ou não.

Como é purificado o homem? Pela palavra falada por Cristo.

[“Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado”](#) (Jo 15:3).

Por intermédio dessas comparações e das relações entre as expressões dos versos, podemos analisar o seguinte verso:

[“Purificando as vossas almas pelo Espírito, na obediência à verdade, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos, ardentemente, uns aos outros com um coração puro”](#) (1 Pd 1:22).

Isso significa que, purificar a alma pelo 'espírito', é o mesmo que ser purificado pela 'palavra de Cristo'. O meio utilizado para a purificação do homem é o evangelho e o modo é pela obediência à verdade do evangelho. O autor da purificação é Deus e o meio utilizado é a sua palavra.

[“Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra”](#) (Ef 5:26);

[“Então, aspergirei água pura sobre vós e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei”](#) (Ez 36:25).

Certa vez, Jesus anunciou que a sua palavra (espírito) é o que concede vida e que a carne, para nada servia, arrematando: [“As palavras que eu vos disse são espírito e vida”](#) (Jo 6:63).

Em função dessa verdade, o apóstolo Paulo explicou que Cristo é espírito vivificante (palavra que concede vida), o último Adão, diferentemente do primeiro homem, Adão, que foi feito alma vivente (1 Co 15:45).

Ora, os crentes são limpos pela palavra que Cristo proferiu (Jo 15:3), o que nos permite compreender a declaração do apóstolo Pedro: ‘Purificando as vossas almas pelo espírito’, ou seja, pela verdade do evangelho! A purificação se dá por intermédio do evangelho, mas, para ser purificado, o homem precisa obedecer ao evangelho (mandamento de Deus), crendo que Jesus é o Cristo (1 Jo 3:23).

[“E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem”](#) (Hb 5:9; 2 Ts 1:8; At 5:32).

Dependendo do contexto, percebe-se que a palavra espírito significa ou, remete, à verdade do evangelho, de modo que os apóstolos eram ministros do ‘espírito’, ou seja, do Novo Testamento (2 Co 3:6).

A santificação se dá pelo espírito, ou seja, pela ‘fé’ que é a verdade, a mesma fé que foi dada aos santos:

[“Mas, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do SENHOR, por vos ter Deus eleito, desde o princípio, para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade”](#) (2 Ts 2:13; Jd 1:3; Fl 1:27; Gl 3:23).

[“Porque nós, pelo Espírito da fé, aguardamos a esperança da justiça”](#) (Gl 5:5).

O termo ‘fé’ foi utilizado pelo apóstolo para fazer referência à doutrina do evangelho como fiel, firme, verdade e não a uma crença de cunho subjetivo (Gl 1:11 e 23). ‘Espírito da fé’ é o mesmo que ‘mensagem do evangelho’, ‘mensagem de Cristo’, a fé manifesta, que é firme fundamento e torna os homens agradáveis a Deus (Hb 11:1 e 6).

Com base no que analisamos até aqui, acerca do ‘espírito’ e da ‘fé’, podemos compreender o que o apóstolo Paulo disse aos cristãos da região da Galácia:

“Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou, pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne? Será em vão, que tendes padecido tanto? Se é que isso, também, foi em vão. Aquele, pois, que vos dá o Espírito e que opera maravilhas entre vós, fá-lo pelas obras da lei ou, pela pregação da fé?” (Gl 3:2-5).

O apóstolo queria que os cristãos explicassem como haviam recebido o Novo Testamento (espírito): pelas obras da lei ou, pela pregação da fé?

É loucura desmedida alguém começar a servir a Deus, através do Novo Testamento, e acabar voltando à carne, ou seja, servir a Deus, através das obras da lei!

Diferentemente das obras da lei, o espírito é decorrente da promessa, pois, tem por base, a Cristo, o Descendente que foi chamado em Isaque, o filho de Abraão e Sara, segundo a promessa:

“Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência. Porque a palavra da promessa é esta: por este tempo virei e Sara terá um filho” (Rm 9:7-9).

Carne

No grego temos o substantivo σαρξ (sarx) e os adjetivos σαρκικός (sarkikos) e σαρκινός (sarkinos), comumente traduzidos por carne e carnal. Quando empregados pelos apóstolos, no Novo Testamento, esses termos assumem vários significados, em função do contexto onde são usados.

Muitos entendem que a palavra “carnal”, tradução da palavra grega “sarkikos”, significa “mundano”, porém, esquecem que é necessário considerar o significado que o texto atribui ao termo.

“4559 σαρκικός sarkikos de 4561; TDNT - 7:98, 1000; adj 1) corpóreo, carnal 1a) que tem a natureza da carne, i.e., sob o controle dos apetites

animais 1a1) governado pela mera natureza humana, não pelo Espírito de Deus 1a2) que tem sua sede na natureza animal ou, despertado pela natureza animal 1a3) humana: com a ideia implícita de depravação 1b) que pertence à carne 1b1) ao corpo: relativo ao nascimento, linhagem, etc.”

Dicionário Bíblico Strong.

Por exemplo, o termo σὰρξ (carne) pode ser utilizado para fazer referência à matéria orgânica que compõe o organismo humano.

“Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24:39).

O termo σὰρξ (carne), também, pode ser utilizado para fazer referência à humanidade, sem distinção de nacionalidade, língua, povo, nação, etc., pois todos os homens possuem um corpo constituído de matéria orgânica.

“E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que, do meu Espírito, derramarei sobre toda a carne” (At 2:17; 1 Pd 1:24; Lc 3:6; Jo 17:2).

O termo σὰρξ (carne), ainda, é utilizado para fazer referência à união entre o homem e a sua mulher, significando um corpo:

“Assim, não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19:6)

O mesmo termo grego σὰρξ (carne) pode ser utilizado para fazer referência ao nascimento natural, em contraste com o nascimento, segundo a promessa:

“Todavia, o que era da escrava nasceu, segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa” (Gl 4:23).

Ismael, filho da escrava, foi o fruto da relação sexual entre Abrão e Agar, a escrava egípcia, daí a designação: nasceu segundo a carne, ou seja, de uma relação sexual.

Isaque, filho da livre, também foi fruto da relação sexual entre Abraão e Sara, mas a diferença entre o nascimento de Ismael e de Isaque decorre do fato de Sara, mãe de Isaque, ser estéril. É em função de Deus ter anunciado ao patriarca Abraão que Ele teria um filho com Sara, que se diz que Isaque nasceu segundo a

promessa, mesmo Isaque sendo fruto da conjunção carnal entre Abraão e Sara (Gn 17:16-19).

Como o homem, ao unir-se à sua mulher, ambos deixam de ser dois e tornam-se 'uma só carne', é dito que o nascimento natural se dá segundo a carne, ou seja, da união entre o homem e a sua mulher:

[“E disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne” \(Mt 19:5\).](#)

O termo grego σὰρξ (carne), também, é utilizado para fazer referência à circuncisão, pois, como a circuncisão é realizada no prepúcio, ou como diziam: 'na carne do prepúcio', o termo carne passou a ser utilizado em substituição ao termo prepúcio:

[“E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós \(...\) Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; e estará a minha aliança na vossa carne, por aliança perpétua” \(Gn 17:11 e 13\)](#)

O termo σὰρξ (carne), ainda, é utilizado para fazer referência à linhagem de alguém ou, para demonstrar de quem a pessoa descende e os seus direitos:

[“Sendo, pois, ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido, com juramento, que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono” \(At 2:30; Rm 1:3\).](#)

Como pela ofensa de Adão o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, também, veio a morte, e a morte alcançou a todos os homens (Rm 5:12), conclui-se que todos pecaram e não tem comunhão com Deus (Rm 3:23). O que define todos os homens como pecadores é o fato de a morte ter alcançado a todos e não as ações inconvenientes dos homens, do ponto de vista da moral e do comportamento humano.

O pecado, na condição de senhor, não tem força, antes a força do pecado decorre do que está estabelecido no Éden, através de um mandamento santo, justo e bom. Pelo fato de Adão ter se vendido como escravo ao pecado, a morte afetou a natureza da humanidade, de modo que a força do pecado decorre da lei, que estabeleceu: [“Certamente morrerás” \(Gn 2:17; 1 Co 15:56; Rm 7:14\).](#)

O homem em sujeição ao pecado também é designado de ‘carnal’, através do adjetivo grego σαρκινος (sarkinos), pois a carne do homem, ou seja, o seu corpo, pela lei (certamente morrerás), pertence ao pecado. Enquanto o homem viver, estará ligado pela lei, ao pecado, de sorte que o seu corpo, gerado segundo a semente de Adão, pertence ao pecado. Todo descendente da carne e do sangue de Adão é carnal, pelo fato de estar sob o domínio do pecado, pois o que é nascido da carne, é carne, vendido como escravo ao pecado.

Os filhos de Jacó, por descenderem da carne de Abraão, entendiam que eram melhores do que os gentios (Rm 3:9), no entanto, Moisés, através do seu cântico, protestou contra Israel, dizendo que os filhos de Israel eram como erva e como a relva (Dt 32:2). Se os filhos de Israel foram designados erva e relva por Deus e toda carne é como a erva, certo é que os judeus também são carnis, portanto, corruptíveis como a flor do campo e, da mesma forma que os gentios, não podem herdar o reino dos céus (Is 40:6; 1 Co 15:50).

Os filhos de Israel, por serem descendência de Abraão, achavam que eram salvos, por compartilharem da carne e do sangue de Abraão. Por causa desse pensamento, o profeta Jeremias protestou contra os filhos de Jacó, pois eles fazem da carne (descendência de Abraão) o seu ‘braço’ (força, salvação), ou, em outras palavras: ‘se gloriam da carne’.

[“Assim diz o SENHOR: maldito o homem que confia no homem e faz da carne o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!” \(Jr 17:5\).](#)

O substantivo σαρξ (sarx) e os adjetivos σαρκικος (sarkikos) e σαρκινος (sarkinos), também, são utilizados para fazer referência àqueles que, por terem Abraão por pai, confiam que são filho de Deus (Jo 8:33 e 39) e se esquecem de que, até das pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão (Mt 3:9).

O apóstolo Paulo, por servir a Deus, através do evangelho (espírito), se gloriava em Cristo, ou seja, não confiava na ‘carne’, diferentemente dos seus concidadãos que se gloriavam da carne e se escudavam nas obras da lei.

O que é confiar na ‘carne’? Servir a Deus, através de questões como circuncisão (oitavo dia), linhagem (Abraão, Isaque, Jacó), tribo (Benjamim), nacionalidade (judeu), religiosidade (fariseu), etc.

[“Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito e nos](#)

gloriamos em Jesus Cristo e não confiamos na carne. Ainda que, também, podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Filipenses 3:3-6).

Os judeus achavam que eram circuncisos diante de Deus, porém, o apóstolo Paulo demonstra que não, pois a verdadeira circuncisão não é na carne (prepúcio), mas, no coração.

“Porque não é judeu o que o é, exteriormente, nem é circuncisão a que o é, exteriormente, na carne. Mas é judeu o que o é no interior e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus” (Rm 2:28-29).

Quem serve a Deus, através da ‘carne’, pode até servir a Deus com zelo, porém, o seu serviço é sem entendimento (Rm 10:1-2; Dt 32:28). Os judeus tinham zelo da circuncisão, linhagem, tribo, lei, etc., mas tal zelo não dá direito à justiça de Deus.

O apóstolo Paulo, por sua vez, deu graças a Deus, pois, com o entendimento (conhecimento do evangelho), servia à lei de Deus, mas, qualquer que busca servir a Deus com a carne, na verdade, não serve à lei de Deus, mas, sim, serve à lei do pecado (Is 53:11).

“Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas com a carne, à lei do pecado” (Rm 7:25).

Carne ‘versus’ espírito

Mas, apesar dos mais variados usos para os termos σαρξ (sarx), σαρκικός (sarkikos) e σαρκινός (sarkinos), traduzidos por ‘carne’ e ‘carnal’, os apóstolos utilizaram tais termos para evidenciar a finalidade da lei e do evangelho, contrapondo-os.

Enquanto a finalidade da lei é conduzir o homem a Cristo, a finalidade do

evangelho é revelar a justiça de Deus: Cristo!

“Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10:4);

“Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas” (1 Pe 1:9; Rm 1:17).

Da mesma forma que contrapõe o ‘espírito’ que vivifica e a ‘letra’ que mata, em Romanos 2, verso 28, o apóstolo Paulo contrapõe ‘carne’ e ‘espírito’, no capítulo 8, verso 1, da epístola aos Romanos:

“**PORTANTO**, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas, segundo o Espírito” (Rm 8:1)

A conclusão do apóstolo Paulo, de que não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo, decorre da definição de que, quem está em Cristo, é nova criatura (2 Co 5:17). E como alguém se torna nova criatura? Abraçando a verdade do evangelho, ou seja, deixando se persuadir (convencido) à fé (doutrina do evangelho) (2 Co 5:11), sendo criado, segundo Deus, em verdadeira justiça e santidade (Ef 4:24).

O evangelho é denominado ‘palavra da reconciliação’ (2 Co 5:19) ou, ‘ministério do espírito’ (2 Co 3:6 e 8):

“O qual nos fez, também, capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica (...) Como não será de maior glória o ministério do Espírito?” (2 Co 3:6);

“E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo, por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2 Co 5:19).

O Novo Testamento é espírito vivificante, o que contrasta com a lei: o ministério da morte. Dai o contra ponto ‘letra’ versus ‘espírito’, pois a lei de Moisés (letra) mata, mas o espírito (evangelho) vivifica.

Não há condenação para os que estão em Cristo porque são novas criaturas, gerados de novo, segundo a semente incorruptível, ou seja, gerados do espírito, ou seja, da palavra de Deus, o evangelho (1 Pe 1:23).

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre. Porque toda a carne é como a erva e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva e caiu a sua flor; Mas a palavra do SENHOR permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada” (1 Pe 1:23-25).

Conclui-se que os que ‘andam no espírito’ são aqueles que nasceram de novo e, que permanecem no evangelho, ou seja, aguardando inteiramente na graça que foi ofertada através da revelação de Jesus Cristo (1 Pe 1:13).

Qualquer que aguarda inteiramente na graça (evangelho), não se socorre de elementos da lei, ou seja, não se sobrecarrega de ordenanças próprias ao mundo, tal como: não proves, não toques e não manuseies.

“Se, pois, estais mortos com Cristo, quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, tais como: não proves, não toques e não manuseies” (Cl 2:20-21);

“Consistindo somente em comidas, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção” (Hb 9:10).

Segundo a perspectiva do apóstolo Paulo, ao escrever aos Romanos, quem são os que andam segundo a carne? Os nascidos da carne, ou melhor, os escravos do pecado, visto que só podem andar no espírito, os nascidos do espírito. No entanto, o apóstolo Paulo não aborda a questão dos que andam na carne, da perspectiva de todos que nascem da união do homem com a mulher (judeus e gentios), mas, sim, trata, especificamente, daqueles que se gloriam da carne (judeus).

Vale destacar que, ao falar dos que andam na carne, o apóstolo Paulo, também, não está tratando da questão ‘carne’, sob o prisma moral ou, do comportamento humano.

O apóstolo Paulo deixa claro que a observância do mandamento do espírito de vida, que foi instituído em Cristo, é o que livra o homem da lei do pecado, ou seja, da separação (morte) entre Deus e o homem.

O que era impossível ao mandamento dado por intermédio de Moisés, por não possuir poder (domínio) sobre a carne (quem domina a carne é o pecado), Deus preparou um corpo constituído de carne ao seu Filho, semelhante em tudo aos

homens, sob domínio do pecado (Hb 10:5; Hb 2:14), de modo que, ‘por causa do’[1] pecado, condenou o pecado na sua carne (no corpo, em semelhança da carne do pecado).

O pecado é uma barreira que impede de o homem ter comunhão com Deus, mas, Cristo, pela sua carne (pelo véu) ofertada no calvário, consagrou o novo e vivo caminho pelo qual o homem volta à comunhão com Deus.

“Pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hb 10:20).

Cristo tornou-se participante de carne e sangue (corpo carnal), sujeito à morte física, para que, pela sua morte física, aniquilasse o adversário que detinha o império da morte, livrando os homens que, com medo da morte, estavam sujeitos à servidão do pecado (Hb 2:14-15).

Ora, Cristo morreu e ressurgiu, para que a justiça da lei fosse dada aos que andam segundo o evangelho, ou seja, que andam segundo o espírito vivificante. O apóstolo já havia afirmado que, no evangelho, se descobre a justiça de Deus: Jesus Cristo, a justiça de Deus, a qual os filhos de Israel não quiseram se sujeitar (Rm 1:17; Rm 10:3) e que, por isso mesmo, tornou-se pedra de tropeço às duas casas de Israel.

O homem só alcança a justiça da lei se fizer todas as coisas nela prescritas, conforme se lê:

“Ora, Moisés descreve a justiça, que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas” (Rm 10:5; Gl 3:12).

“Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; os quais, observando-os, o homem, viverá por eles. Eu sou o SENHOR” (Lv 18:5).

A lei não é o meio de se obter vida, antes, como sombra, aponta (objetivo) para Cristo (Gl 3:23; Hb 10:1), a justiça de Deus para todo o que crê (Rm 10:4).

Enquanto a lei exige que o homem observe todos os seus estatutos, a justiça que é por Cristo, a ‘fé’ manifesta na plenitude dos tempos (Gl 3:23), conforme a leitura que o apóstolo Paulo fez de Deuteronômio 30, versos 12 à 14, foi estabelecida nos seguintes termos:

“Mas, a justiça que é pela fé, diz assim: Não digas em teu coração: quem subirá ao céu? (isto é, a trazer do alto a Cristo.) Ou: quem descerá ao abismo? (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo.) Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos” (Rm 10:6-8).

A justiça da fé refere-se ao Descendente prometido (Gl 3:8), que segundo a profecia de Moisés viria ao mundo dos homens, descendo dos céus (trazer do alto a Cristo) e que Deus haveria de tirá-Lo da sepultura, ressuscitando-O (trazer dentre os mortos a Cristo).

A justiça imputada ao crente Abraão, que consta do Gênesis, decorre da sua crença no evangelho, a mensagem anunciada por Deus, de que, em Seu Descendente, as famílias da terra seriam benditas, o que se concretizou quando o Verbo eterno desceu dos céus para habitar com os homens e, por fim, ressurgiu dentre os mortos pelo poder de Deus.

Os que existem (são) como novas criaturas, é porque estão em Cristo (2 Co 5:17), portanto, não andam segundo a carne, mas, segundo o evangelho (espírito). Já os que existem (são), segundo a carne, pensam segundo o entendimento (conhecimento) que é próprio à carne e não de acordo com o entendimento (conhecimento) segundo o espírito.

“Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito” (Rm 8:5).

Através da exposição acima, verifica-se que, na abordagem do apóstolo Paulo, o termo carne está para a lei mosaica, assim como o termo espírito está para o evangelho de Cristo, de modo que os homens que ‘existem’, segundo a carne, pensam em circuncisão, linhagem, tribo, nação, religião, sábados, festas, luas, etc., (Fl 3:5 -6) e os que existem, segundo o espírito, pensam nas coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus (Cl 3:2).

O verso 5 de Romanos 8 aponta respectivamente para as pessoas que seguem a lei e o evangelho. Já, os versos seguintes, contrapõem o pensamento dos seguidores da lei e o pensamento dos seguidores do evangelho:

“Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto, a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois, não é

sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Rm 8:6-7).

O que é próprio à mente (inclinação) carnal é morte, enquanto que, o que é próprio à mente espiritual, é vida e paz. O modo de pensar da carne é inimizado contra Deus (inimigos no entendimento), vez que a carne não se sujeita à lei de Deus, pois lhe é impossível sujeitar-se (Cl 1:21; Rm 11:28).

Quem são os da carne que não podem agradar a Deus? Ora, os que se gloriam da carne, fazem dela a sua força (salvação) e se esquecem de Deus:

“Assim, diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR!” (Jr 17:5).

Qualquer que confessa que ‘nunca foi escravo de ninguém’ e apresenta, como motivo, o fato de ‘ser descendente de Abraão’ ou ‘temos por pai Abraão’, na verdade são (existem) segundo a carne e se inclinam para as coisas da carne: circuncisão, lei, sábados, tribo, nação, religião, etc. (Jo 8:33; Mt 3:9)

Os judeus estavam na carne, portanto, não se sujeitaram à justiça de Deus (Cristo) e, tampouco, podiam agradar a Deus, pois, só é possível agradar a Deus, por intermédio de Cristo: a fé manifesta aos homens.

“ORA, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem (...) Ora, sem fé é impossível agradar-lhe” (Hb 11:1 e 6);

“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” (Gl 3:23).

Pelo fato de os cristãos em Roma serem crentes em Cristo, conforme a verdade do evangelho, o apóstolo Paulo deixa claro que eles ‘não estavam na carne’, mas, sim, ‘no espírito’ (Rm 8:9). Em seguida, o apóstolo argumenta: “... se é que o Espírito de Deus habita em vós”.

O espírito, nesse contexto, diz da palavra de Deus, conforme se lê:

“A palavra de Cristo habite em vós, abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao SENHOR, com graça em vosso coração” (Cl 3:16).

Percebe-se, através dessa abordagem do apóstolo Paulo, que o crente espiritual é aquele que crê em Cristo, conforme a verdade do evangelho, e não que o crente espiritual é aquele que jejua, ora, vai ao monte, faz sacrifícios, dizima, etc.

Qualquer que não tem o evangelho (espírito) de Cristo, não pertence a Deus (Rm 8:9). O apóstolo Paulo argumenta que, se Cristo habita o cristão, por causa do pecado, o seu corpo está morto, vez que foi crucificado com Cristo. Em contrapartida, vive no espírito, por causa da justiça de Deus! (Rm 8:10)

O corpo do pecado está morto vez que foi crucificado com Cristo (velho homem gerado, segundo Adão). Ao ser crucificado com Cristo o corpo do pecado é destruído, portanto, finda o domínio do pecado (Rm 6:6). É por isso que o apóstolo Paulo afirma que estava crucificado com Cristo, de modo que o seu velho homem (eu) não mais vivia, antes, Cristo vivia nele (Gl 2:20).

No verso seguinte, o apóstolo argumenta que, se a palavra (espírito) de Deus (Aquele que dentre os mortos, ressuscitou a Jesus) habita o crente, o mesmo Deus que ressuscitou a Cristo, vivificará o corpo mortal do cristão, pelo espírito (poder) que habita o crente. Não podemos esquecer que o evangelho é o poder de Deus!

Do verso 12 em diante, o apóstolo Paulo procura conscientizar os cristãos de que nada deviam à carne, para viver segundo o pensamento dela. Ora, o pensamento da carne é pertinente a quem vive no mundo, de modo que os que vivem, segundo a carne, se sobrecarregam de ordenanças como: **“Não toques, não proves, não manuseies?”** (Cl 2:21).

Se um crente em Cristo procurar viver segundo a carne, morrerá! Como isso é possível? Se alguém que está em Cristo buscar se circuncidar, sob o argumento de salvar-se, passa a viver segundo a carne, portanto, morrerá (At 15:1-2; Gl 5:2). Ou seja, quem busca ser justificado pelas obras da lei, volta a edificar aquilo que havia destruído! (Gl 2:18)

Este é o alerta para os que queriam viver segundo a carne:

“ESTAI, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão. Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. E de novo protesto a todo o homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei. Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela

lei; da graça tendes caído” (Gl 5:1-4).

Os cristãos deveriam se deixar guiar pelo evangelho (Rm 8:14), o espírito de Deus, pois os que creem em Cristo, de fato, são filhos de Deus (Gl 3:26; 1 Jo 3:1-2). Ser guiado pelo espírito é o mesmo que esperar, inteiramente, na graça que se oferece na revelação de Jesus Cristo (1 Pe 1:13).

O espírito (palavra) da lei é o espírito de servidão, pois sujeita o homem ao medo, visto que não é um perfeito obediente (amor) e tem medo da pena. Quem tem medo, é porque não obedece plenamente e, com medo da pena (morte), se sujeita à servidão:

“No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena e o que teme não é perfeito em amor” (1 Jo 4:18).

“E livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hb 2:15).

Devemos lembrar a seguinte relação:

“Todavia, o que era da escrava, nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa” (Gl 4:23).

A carne gera escravos e isso se depreende da alegoria que há na pessoa de Agar. Da mesma forma que Sara e Agar são alegorias das duas alianças: ‘espírito’ versus ‘carne’, ou ‘Novo Testamento’ versus ‘Velho Testamento’, entende-se que, os nascidos segundo a carne, correspondem aos judeus e os filhos da livre, à Igreja de Cristo.

Os judeus correspondem à Jerusalém que agora existe, um monte da Arábia, enquanto a Jerusalém que é de cima, que Abraão tinha esperança de alcançar, pertence aos filhos da promessa: a Igreja (Hb 11:10).

“O que se entende por alegoria; porque estas são as duas alianças; uma, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar. Ora, esta Agar, é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos. Mas, a Jerusalém que é de cima, é livre; a qual é mãe de todos nós” (Gl 4:24-26).

Os cristãos da Galácia foram censurados pelo apóstolo Paulo, por se deixarem

persuadir por outro evangelho (Gl 3:1; Gl 5:7-8). Eles haviam começado a carreira proposta por Deus no evangelho (espírito), mas, por aderirem às concepções judaizantes, estavam se aperfeiçoando nas questões da carne (Gl 3:3).

Aos cristãos da Galácia, o apóstolo Paulo contrapõe 'obras da lei' versus 'pregação da fé', da mesma forma que contrapôs 'carne' versus 'espírito', ao escrever aos cristãos de Roma (Gl 3:2 e 5).

O apóstolo estava abismado pelo fato de os cristãos terem servido a Deus em espírito, portanto, conhecendo a Deus (ou antes, sendo conhecidos d'Ele), no entanto, estavam voltando a abraçar os preceitos frágeis da lei, como guardar dias, meses e anos (Gl 4:9-10).

Os cristãos, pelo evangelho (espírito), aguardam a esperança da justiça, que provém de Cristo (Gl 5:6), a parte das obras da lei. Como a graça concedida pelo evangelho (fé) atua pela obediência (amor), voltar ao jugo da escravidão (lei) é desligar-se de Cristo (Gl 5:4).

Um pouquinho da lei corrompe a verdade do evangelho, assim como um pouquinho de fermento leveda toda massa (Gl 5:9). Como cada cristão foi chamado à liberdade, tinha que ter o cuidado de jamais dar ocasião à carne, algo semelhante ao comportamento que o apóstolo Pedro adotou, quando foi repreendido pelo apóstolo Paulo.

O apóstolo Pedro se fez repreensível, pois comia com os gentios, mas com a chegada dos judeus, se afastou dos gentios ao dissimular com os judeus, de modo que arrastou até mesmo Barnabé. A atitude do apóstolo Pedro deu ocasião à carne, ou seja, àqueles que se gloriam da carne!

Ou seja, o apóstolo Pedro, naquele momento de dissimulação, não estava andando dignamente, segundo a verdade do evangelho (Gl 2:14). Pelo fato de os cristãos serem irmãos em Cristo, não podia dar ocasião à carne, se ensoberbecendo uns contra os outros. Na verdade, deveriam ser servos uns dos outros, ou seja, considerar o outro como superior a si mesmo (Gl 5:13).

A lei se cumpre em um só mandamento: 'Amarás o teu próximo, como a ti mesmo' (Gl 5:14), entretanto, os cristãos da Galácia estavam se mordendo e se devorando mutuamente (Gl 5:15). Como? Alguns estavam se gloriando da circuncisão e menosprezando os da incircuncisão, em vez de se gloriarem na cruz de Cristo (Gl

6:15). E o pior: queriam circuncidar os cristãos da incircuncisão, para gloriarem-se na carne dos que se deixassem circuncidar (Gl 6:12).

É, em função desses erros doutrinários introduzidos sorrateiramente por alguns que perturbavam os cristãos, que o apóstolo Paulo os orienta a andarem no evangelho, ou seja, a procederem corretamente, segundo a verdade do evangelho. Ora, se o crente proceder segundo o evangelho, jamais satisfará as exigências da carne (Gl 5:16).

É ação e reação e não uma ação dupla! Quem anda segundo a verdade do evangelho (espírito), não satisfaz às concupiscências da carne. A recíproca, também, é verdadeira, pois quem satisfaz as concupiscências da carne, não anda segundo o espírito.

Da mesma forma que a alegoria em Sara e Agar demonstram que as duas alianças são antagônicas, de modo que o filho da escrava perseguia o filho da livre, no tempo presente a carne batalha contra o espírito e o espírito contra a carne.

Quando o apóstolo Paulo afirma: [“Porque a carne cobiça contra o Espírito e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis”](#) (Gl 5:17), demonstra que o evangelho é antagônico às obras da lei e vice-versa.

Isso significa que o crente não tem que lutar contra a carne e nem contra o sangue (Gl 6:12). Muitos, ao lerem que ‘a carne milita contra o espírito’, entendem que é o crente que deve militar contra a carne, por não compreenderem a abordagem paulina.

O crente é posto para defesa da fé, ou seja, do evangelho (Jd 1:3) e isso é feito quando o crente maneja bem a palavra da verdade e não dá ocasião às inclinações da carne, ou seja, se rendendo aos preceitos fracos da lei.

A carne e o espírito militam entre si para que o crente não faça o seu próprio querer, antes, se sujeite ao espírito ou, à carne (Gl 5:17). Nessa luta, o crente não tem como figurar como soldado, pois o embate apresentado pelo apóstolo se dá entre as duas alianças.

O crente em Cristo é guiado pela palavra do evangelho (Gl 5:18), ou seja, pelo espírito, o que se conclui que não está sob a lei. O crente é gerado de novo,

segundo o poder da palavra de Deus, que dá vida incorruptível, diferente da lei do mandamento carnal: “Que não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida incorruptível” (Hb 7:16).

Ao escrever aos cristãos de Éfeso, o apóstolo Paulo os alerta para que analisem como andavam: ‘não como néscios, mas como sábios’ (Ef 5:15). Os sábios são os que andam segundo o conhecimento que há no evangelho, enquanto os ‘néscios’ diz dos não entendidos, os filhos de Jacó.

“Deveras o meu povo está louco, já não me conhece; são filhos néscios e não entendidos; são sábios para fazer mal, mas não sabem fazer o bem” (Jr 4:22; Dt 32:6)

O crente em Cristo não pode ser insensato, antes, deve entender a vontade de Deus em Cristo. Mas, para entender a vontade de Deus, não deve se embriagar na doutrina dos judaizantes (vinho da contenda), mas ser pleno do espírito (evangelho).

Quando o apóstolo Paulo diz que as obras da carne são conhecidas, geralmente, se interpreta o verso do ponto de vista moral, como se ele estivesse recriminando condutas contrárias à boa moral e aos bons costumes. Porém, se o leitor compreender que as obras da carne conhecidas e enumeradas, referem-se ao posicionamento dos judeus diante da lei, percebe-se que o apóstolo Paulo se utilizou de figuras.

De qual adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, que eram conhecidas, às quais o apóstolo fez referência?

A resposta depreende-se do que foi dito aos cristãos de Corinto, a respeito dos filhos de Israel:

“E beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles, por isso foram prostrados no deserto. E estas coisas foram-nos feitas por figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e levantou-se para folgar. E

não nos prostituamos, como alguns deles fizeram; e caíram num dia vinte e três mil. E não tentemos a Cristo, como alguns deles, também, tentaram e pereceram pelas serpentes. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor. Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já é chegado os fins dos séculos” (1 Co 10:4-11).

Ao ler a lei e a história dos filhos de Israel, conhecemos quais são as obras da carne e porque eles não têm direito a herdar o reino dos céus, se não nascerem de novo (Jo 3:3-5).

É, em função das obras da carne já ‘conhecidas’, que o apóstolo Paulo disse:

“Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios, por causa de vós” (Rm 2:21-24).

O julgamento que o apóstolo Paulo faz acerca das obras da carne não é segundo a aparência, mas, sim, segundo a reta justiça, ou seja, com base no exposto nas Escrituras. São as Escrituras que designam os filhos de Israel de adúlteros, homicidas, promíscuos, idólatras, feiticeiros, etc.

“Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça” (Jo 7:24).

Os fariseus pareciam justos aos olhos dos homens, em função da aparência (Mt 23:28), e quando o apóstolo Paulo apresenta as obras da carne como: adúlteros, homicidas, promíscuos, idólatras, feiticeiros, etc., não o faz baseado no comportamento diário dos escribas e fariseus.

Apesar de os filhos de Israel possuírem uma moral superior à dos gentios, contudo, são apontados por Deus, nas Escrituras, como transgressores, adúlteros, homicidas, promíscuos, idólatras, feiticeiros, etc.

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto, tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele

também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (1 Sm 15:23);

“Oh! se tivesse no deserto uma estalagem de caminantes! Então, deixaria o meu povo e me apartaria dele, porque todos eles são adúlteros, um bando de aleivosos” (Jr 9:2);

“Como o prevaricar e mentir contra o SENHOR e o desviarmo-nos do nosso Deus, o falar de opressão e rebelião, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade” (Is 59:13);

“Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela que estava cheia de retidão! A justiça habitava nela, mas agora (habitam) homicidas” (Is 1:21).

A lei foi instituída para os roubadores, homicidas, devassos, sodomitas, etc., ou seja, para os filhos de Israel, visto que o que a lei diz, diz aos que estão debaixo da lei (Rm 3:19).

“Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros e para o que for contrário à sã doutrina” (1 Tm 1:10).

Como o crente não está sob a lei, pois agora pertence a Cristo, visto que crucificou a carne com as suas concupiscências, agora vive em novidade de vida em amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, etc.

Para quem pertence a Cristo não há lei, visto que foi chamado para a liberdade (Gl 5:23). O que o espírito (evangelho) proporciona (fruto) ao homem? Amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança e para essas coisas não há lei!

“Contra estas coisas não há lei” (Gl 5:23).

Se o crente vive pelo poder que há no evangelho, ou seja, no espírito, deve portar-se (andar) no espírito: não se deixando possuir de vanglória, provocando uns aos outros ou, invejando uns aos outros, por questões próprias à carne, como: circuncisão, tribo, língua, genealogia, festas, sábados, luas novas, etc.

Quando o apóstolo Paulo apresenta esses elementos: adultério, prostituição,

impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pejeas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, etc., como ‘obras da carne’, muitos pensam na depravação moral dos gentios.

Entretanto, tais obras identificam os filhos de Israel, povo que se auto intitulava povo de Deus. Inúmeras vezes, Deus chamou os filhos de Israel de adúlteros, idolatras, feiticeiros, impuros, etc. Inúmeras vezes, Deus os chamou de Sodoma e Gomorra, perversos, idólatras, feiticeiros, mancha, rebeldes, infiéis, homicidas, invejosos, altivos, etc. e, por isso, foram presenteados com a lei, nivelando os filhos de Israel com os gentios (Rm 3:9).

“Porque as nossas transgressões se multiplicaram perante ti e os nossos pecados testificam contra nós; porque as nossas transgressões estão conosco e conhecemos as nossas iniquidades; Como o prevaricar e mentir contra o SENHOR, o desviarmo-nos do nosso Deus, o falar de opressão e rebelião e o conceber e proferir do coração palavras de falsidade” (Is 59:12-13).

Má leitura

Após a releitura dos textos bíblicos que fazem referência à carne e ao espírito, resta responder à questão: existe crente carnal?

A ideia de que existe “cristão carnal” foi difundida por Lewis Sperry Chafer, através da Bíblia de Referência Scofield, quando fez um comentário à carta de Judas, com relação ao verso 23: ‘... até a roupa manchada pela carne’ (Jd 1:23).

“Carne, Resumo: “Carne no sentido ético é todo homem natural ou não regenerado - espírito, alma e corpo - centralizado no ego, inclinado a pecar e oposto a Deus (Rm 7:18). O homem regenerado não está “(na esfera da) carne, mas (na esfera do) no Espírito” (Rm 8:9); mas, a carne ainda está nele e ele pode, segundo a sua escolha, “andar na carne” ou “no Espírito” (1 Co 3:1-4; Gl 5:16-17). No primeiro caso, ele é um cristão “carnal”; no segundo, um cristão “espiritual”. A vitória sobre a carne será a experiência habitual do Cristão que anda no Espírito (Rm 8:2, 4; Gl 5:16-17).”

A carne, da qual a Bíblia trata, não possui aspecto ético. Nesse sentido, à parte da

ética, o homem não regenerado é todo em pecado, ou seja, não há nele uma 'inclinação' para pecar, antes está no pecado, pois é escravo do pecado e, por isso, peca.

Outro equívoco de Lewis é entender que é possível ao homem estar no espírito e, ao mesmo tempo, a carne estar nele, sendo possível transitar entre o espírito e a carne. A vitória sobre a carne não é moral e nem ética e não se dá no dia a dia, antes, a vitória sobre a carne se dá quando o velho homem é crucificado com Cristo.

Com base no exposto acima, claro está que é impossível a um crente em Cristo, segundo a verdade do evangelho, ser carnal, pois seria um contra senso. Quem crê em Cristo é espiritual, pois é nascido do espírito e é impossível ser carnal, após ter sido gerado de novo. O crente espiritual jamais anda segundo a carne, ou seja, seguindo as obras da lei.

O que pode ocorrer com o cristão espiritual é não andar 'bem' e 'direitamente', conforme a verdade do evangelho, ou seja, de modo digno da vocação a que foi chamado. A dissimulação do apóstolo Pedro não era de acordo com o evangelho, porém, tal conduta não o tornava carnal e nem mesmo estava ele andando segundo a carne.

[“Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente, conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” \(Gl 2:14\).](#)

A conduta do apóstolo Pedro, em não andar 'bem' e 'direitamente', segundo o evangelho, poderia se tornar um tropeço para os fracos, ou seja, para aqueles que ainda não estavam exercitados na palavra da verdade.

Outro equívoco, esse segundo a visão reformada, é a de que o homem salvo anda segundo o Espírito, como o padrão geral de sua vida, mas que, ocasionalmente, também, anda segundo a carne em áreas particulares de sua vida. Considerar os erros diários (tropeço) como sendo andar na carne não é o que as Escrituras ensinam, pois o irmão Tiago deixa claro que TODOS os cristãos, sem exceção, tropeçam em muitas coisas.

[“Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em](#)

palavra, o tal é perfeito e poderoso para, também, refrear todo o corpo” (Tg 3:2).

Ser carnal ou andar segundo a carne, não possui relação com comportamentos ou desvios de conduta. Mesmo um cristão que tropeça em muitas coisas, permanece espiritual, pois a sua perfeição decorre de não tropeçar na palavra da verdade.

Há, também, quem aponte para o corpo constituído de matéria orgânica, como se a matéria fosse a carne da qual o apóstolo Paulo fala. Esse erro deriva de um pensamento platônico, e por isso, alguns cristãos se desviaram da verdade, ao anunciarem que Jesus não veio em carne (1 Jo 4:3).

O corpo humano é sujeito a emoções, sentimentos, desejos, necessidades, prazeres, etc., e não é essa gama de sensações que definem o homem como ‘carnal’, antes, é o que o torna humano. Jesus, ao vir ao mundo, veio participante de carne e sangue, sujeito às mesmas fraquezas pois, ao participar da natureza humana, Cristo, em tudo, se fez semelhante aos homens (Hb 2:14 e 15).

Carnal diz de um posicionamento, de um pensamento, da ideia que surge de uma má compreensão da lei mosaica. Carne remete a um conhecimento que é contrário à verdade do evangelho, no entanto, muitos pensam que a carne está vinculada às questões sensoriais do corpo físico.

Ao falar da carne, o apóstolo Paulo não trata do corpo físico. O crente não tem que lutar contra o seu próprio corpo, negando suas emoções, sentimentos, desejos, necessidades, prazeres, etc., o que muitos fazem ao trilhar o caminho do ascetismo pessoal, através de jejuns, votos, castidade, reclusão, flagelo, etc.

Se o apóstolo Paulo recomenda a moderação em tudo, certo é que buscar satisfazer as necessidades pessoais ou, deleitar-se nos prazeres próprios ao corpo físico, não é o que torna o homem carnal. O fato de o crente andar na carne, ou seja, possuir um corpo físico, constituído de matéria orgânica e sujeito às mesmas paixões que os demais homens, não o torna carnal.

O crente não milita segundo a carne, ou seja, não batalha segundo o entendimento derivado das obras da lei. As armas da milícia do apóstolo Paulo não eram carnis, pois a sua arma era a palavra da verdade, ou seja, o poder de Deus (2 Co 6:7), diferentemente dos judaizantes, cujas armas eram a lei, a circuncisão, o culto aos profetas, as luas novas, as festas, etc.

“Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus para destruição das fortalezas” (2 Co 10:3-4).

O crente não luta contra a carne, antes, é o espírito que luta contra a carne e vice versa. A concepção equivocada do fariseu que foi ao templo orar, mas que justificava a si mesmo, através das obras da lei é o que define o homem como carnal e não as suas emoções, sentimentos, desejos, necessidades prazeres, etc. (Lc 18:9-14).

Mas, há quem diga que existe crente canal, à vista do que o apóstolo Paulo disse aos cristãos de Corinto:

“E EU, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei e não com carne, porque ainda não podíeis, nem, tampouco, ainda, agora podeis, porque ainda sois carnis; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?” (1 Co 3:1-3).

A exposição do apóstolo Paulo, nesses versos, é argumentativa, portanto, demanda interpretação para uma compreensão segura e verdadeira.

Um crente em Cristo é espiritual, pois é nascido da água e do espírito. O apóstolo Paulo argumenta que não pode falar a eles como a ‘espirituais’, ou seja, como a quem já eram discípulos de Cristo.

Quando o apóstolo Paulo fala que teve que falar a eles como a ‘carnis’, significa que o discurso do apóstolo tinha o viés de convencê-los da verdade do evangelho, assim como quando se anuncia o evangelho a um judaizante.

É o tom da abordagem que está sendo apresentado, ou seja, de que a argumentação utilizada pelo apóstolo, ao falar aos cristãos de corinto, era próprio a ‘carnis’. Essa argumentação é semelhante ao exposto aos Gálatas:

“Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós; Eu bem quisera agora estar presente convosco e mudar a minha voz; porque estou perplexo a vosso respeito” (Gl 4:19-20).

O apóstolo queria mudar sua voz ao falar aos cristãos da Galácia, o que se percebe que ocorreu o mesmo com os cristãos de Corinto, uma vez que o apóstolo

não podia falar como a quem era discípulo de Cristo, somente lembrando o que já haviam sido ensinados, antes tinha que falar de modo a convencê-los da verdade.

As práticas reprováveis, do ponto de vista da moral, que o apóstolo Paulo censurou acerca dos cristãos de corinto, não os tornavam carnais, antes, o perigo estava no partidarismo que havia surgido na comunidade, em função do ensinamento dos judaizantes, que era segundo as obras da lei.

Embora os cristãos de corinto fossem membros do corpo de Cristo (Igreja), santificados em Cristo e nomeados santos (1 Co 1:2), em função do partidarismo existente na comunidade local (1 Co 11:12), o apóstolo Paulo não pode falar a eles como a espirituais.

O problema não estava no apóstolo, mas, nos cristãos, visto que, apesar de terem sido alimentados com leite racional (ensinamento próprio a meninos), ainda não estavam prontos para serem alimentados com alimento sólido (carne).

“Do qual muito temos que dizer, de difícil interpretação; porquanto vos fizestes negligentes para ouvir. Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite e não de sólido mantimento. Porque, qualquer que ainda se alimenta de leite, não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino. Mas, o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal” (Hb 5:12-14; 1 Pe 2:2).

O apóstolo Paulo não pode falar como a ‘espirituais’, ou seja, como a ‘seguidores’ do evangelho, antes teve que falar aos cristãos, como se eles fossem seguidores das obras da lei (canais), ou seja, como a meninos em Cristo (recém-nascido), na tentativa de convencê-los da verdade.

Como o apóstolo Paulo falava aos cristãos espirituais? Relembrando (instrução, ensinamento, etc.) e falando as mesmas coisas que já haviam ouvido (Fl 3:1). E como o apóstolo Paulo falava aos seguidores das obras da lei? Tentando cativá-los à obediência de Cristo!

“Destruindo os conselhos e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus e levando cativo todo o entendimento à obediência

de Cristo” (2 Co 10:5)

Mas, apesar de os cristãos terem sido alimentados com leite, ainda não estavam prontos para o alimento sólido, pois muitos estavam seguindo as concupiscências da carne (carnais), vez que havia entre eles inveja e contendas decorrentes das questões pertinentes à lei (1 Co 3:3).

Ora, invejas e contendas são inclinações próprias aos carnais, ou seja, aos homens do mundo, o que leva a concluir que os cristãos de corinto estavam agindo como carnais, ou seja, estavam agindo da mesma forma que o apóstolo Pedro, quando dissimulou com os judeus. Eles ainda se gloriavam nos homens e não inteiramente em Cristo (1 Co 3:3 e 21).

Ao falar que os cristãos de corinto tinham preferência entre Paulo, Apolo e Cristo, na verdade, o apóstolo Paulo empregou a si mesmo e às pessoas de Apolo e de Cristo, figurativamente, ou seja, ele fez uso do seu nome e do irmão Apolo, somente para ilustrar o partidarismo existente entre eles (1 Co 4:6), partidarismo que surgiu, em virtude de outros homens que queriam colocar outro fundamento, além de Cristo (1 Co 3:11).

Ora, quem propõe outro fundamento, além do que está posto, que é Cristo, essencialmente, é carnal, pois, apresentará as obras da lei como fundamento. Mas, qualquer que crê em Cristo, que Deus o ressuscitou dentre os mortos e confessa que Ele é o Cristo, jamais é carnal. Mesmo que não compreenda algum ponto do evangelho e dê ocasião às questões da carne, se não se deixar levar, a ponto de viver por elas, mas, acatar a instrução das Escrituras, quando alertado, não é um crente carnal.

O grande erro, quando se considera o ensino do apóstolo Paulo, está em entender que, ser carnal, é o mesmo que ser mundano, no sentido de moralmente reprovável. Traduzir o termo grego “sarkikos”, simplesmente, para ‘mundano’, resulta em erro, pois, mesmo o fariseu que foi ao templo orar, sendo moralmente irrepreensível, não desceu justificado, pois a sua moral ilibada não o tornava espiritual.

Uma concepção equivocada, acerca do que é ser carnal, resulta em julgamentos segundo a aparência, pois, se busca no outro, evidências comportamentais que possam defini-lo como espiritual ou, carnal.

Enquanto um cristão genuíno se identifica pelo fruto, ou seja, pelo que ele confessa a cerca de Cristo, pois a boca fala do que está cheio o coração, muitos olham para a aparência (comportamento) e são ludibriados por lobos, que se vestem de ovelhas.

O ser carnal segundo a abordagem do apóstolo Paulo não guarda relação com questões de ordem comportamental, ou segundo a moral humana, antes ao que é próprio à lei. Se alguém abraça os rudimentos do mundo, tais como, não toques, não proves e não manuseeis, é carnal, e qualquer cristão que pauta a sua vida à luz desses mandamentos carnis volta à escravidão, torna-se carnal e Cristo de nada aproveita.

O que define o homem carnal é estar vendido ao pecado. O crente em Cristo é liberto do pecado e [servo de Deus](#), portanto, é impossível ser servo da justiça e ser carnal.

[“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado”](#) (Rm 7:14).

[“Mas, graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça \(...\) Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna”](#) (Rm 6:17 -18 e 22).

O ‘eu’ carnal que o apóstolo Paulo apresenta, como servo do pecado, diz do seu velho homem, que foi crucificado com Cristo, de modo que agora o antigo ‘eu’ não mais vivia, mas, sim, Cristo, que vivia nele.

[“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim”](#) (Gl 2:20).

Embora, com um corpo constituído de carne, o apóstolo vivia uma nova vida, crendo no Filho de Deus e não nas obras da lei.

[“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas, pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei; porquanto, pelas obras da lei,](#)

nenhuma carne será justificada” (Gl 2:16).

As ‘obras da lei’ se contrapõem à ‘pregação da fé’, assim como o ‘espírito’ se contrapõe à ‘carne’:

“Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou, pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gl 3:2-3).

Conclusão: É impossível a quem crê no evangelho (espírito) ser carnal!

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] “*περι περι da raiz de 4008; TDNT - 6:53,827; prep. 1) a respeito de, concernente a, por causa de, no interesse de, em torno de, junto a*” Dicionário Bíblico Strong.

Guardei a fé

A ‘fé’ a qual o apóstolo Paulo faz referencia, diz da verdade do evangelho, ou seja, da fé que foi entregue aos santos (Jd 1:3).

Guardei a fé

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo 4:7)

Neste esboço, reunimos os elementos indispensáveis em um sermão, que trate do tema ‘guardar a fé’.

Para expor o conteúdo desse versículo, o preletor necessitará, no mínimo, de sessenta (60) minutos.

Qual deve ser o objetivo do preletor ao abordar esse verso?

1. Demonstrar qual é o bom combate dos cristãos;
2. Que carreira tem fim, e;
3. No que consiste guardar a 'fé'.

Introdução

Após ler o versículo, que será a base para o tema da preleção (2 Tm 4:7), o expositor precisa deixar claro ao ouvinte em que situação o apóstolo Paulo fez essa declaração.

Para contextualizar o ouvinte, é necessário que o pregador explique, em linhas gerais, quem foi o apóstolo Paulo, antes de se converter a Cristo, e para isso, basta o testemunho do próprio apóstolo.

É imprescindível ao preletor, conhecer quem era Saulo, qual era a sua posição entre os judeus e romanos e a história da sua conversão.

“Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Fl 3:5 -6).

“A mim, que dantes fui blasfemo e perseguidor e injurioso; mas, alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade” (1 Tm 1:13).

“Quanto a mim, sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia e, nesta cidade, criado aos pés de Gamaliel, instruído conforme a verdade da lei de nossos pais, zeloso de Deus, como todos vós hoje sois. E persegui este caminho até à morte, prendendo e pondo em prisões, tanto homens, como mulheres, como também o sumo sacerdote me é testemunha e todo o conselho dos anciãos. E, recebendo destes cartas para os irmãos, fui a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém, aqueles que ali estivessem, a fim de que fossem castigados” (At 22:3 -5; At 26:11).

“E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu o sou de nascimento” (At 22:28).

Depois, se faz necessário explicar a importância do apóstolo Paulo para a igreja de Cristo, sendo suficiente o próprio testemunho do apóstolo Paulo:

“Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!” (1 Co 9:16).

“Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas” (2 Co 11:28).

Mesmo sendo apóstolo, Paulo se apresentava como sujeito a Cristo, na condição de servo (Ef 1:1 e 3:7) e, para isso, entendia que evangelizar era uma obrigação (1 Co 9:16). Além de exercer o ministério de evangelista, o apóstolo Paulo ainda cuidava das igrejas locais (2 Co 11:2).

Vale destacar quem foi Timóteo, aquele que o apóstolo Paulo teve por cooperador (Rm 16:21) e nomeou de ‘verdadeiro filho’ na fé (1 Tm 1:2) e a quem remeteu duas cartas pastorais, instruindo como cuidar das igrejas.

“E chegou a Derbe e Listra. E eis que estava ali um certo discípulo, por nome Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego; do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio. Paulo quis que este fosse com ele; e tomando-o, o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego” (At 16:1-3).

“No mesmo instante, os irmãos mandaram a Paulo que fosse até ao mar, mas Silas e Timóteo ficaram ali. E os que acompanhavam Paulo o levaram até Atenas, e, recebendo ordem para que Silas e Timóteo fossem ter com ele o mais depressa possível, partiram. E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria” (At 17:14-16).

Timóteo acompanhou o apóstolo Paulo, desde a sua segunda viagem, até o cativo em Roma, cuidou da igreja em Éfeso (1 Tm 1:3) e subscreveu seis cartas do apóstolo do gentios.

Vale destacar que a segunda epístola a Timóteo foi escrita na prisão, na cidade de Roma, por volta do ano 67, após a morte de Cristo, pouco tempo antes do martírio do apóstolo dos gentios (2 Tm 1:8 e 16-17 e 2:9).

O verso que diz: [“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”](#) (2 Tm 4:7) resume a trajetória da vida cristã do apóstolo Paulo.

Qual é o bom combate?

O bom combate refere-se à defesa da verdade, contida na doutrina do evangelho! Essa defesa é um dever, como aponta o irmão Judas:

[“Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência, acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé, que uma vez foi dada aos santos”](#) (Jd 1:3).

Ao escrever aos Filipenses, o apóstolo Paulo deixa claro que foi posto para defender a mensagem do evangelho do ataque de homens réprobos de entendimento, que buscam transtornar em dissolução o evangelho:

[“Mas outros, por amor, sabendo que fui posto para defesa do evangelho”](#) (Fl 1:16).

Defender o evangelho, ou combater o bom combate, é manter inalterada a essência da doutrina do evangelho do ataque dos falsos irmãos, que podem ser falsos profetas ou anticristos.

[“Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus”](#) (1 Tm 1:13).

[“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido”](#) (2 Tm 3:14).

Compete ao crente em Cristo manter inalterada a palavra do evangelho, ou seja, conservar o modelo das sãs palavras que ouviu. Da mesma forma que Cristo, o crente não pode anunciar nada de si mesmo, ou seja, suas próprias conjecturas, impressões, sentimentos, achismos, etc., antes, deve anunciar o evangelho como anunciado pelos profetas e apóstolos (Ef 2:20).

“Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito” (Jo 12:49-50).

A mensagem do evangelho (boas novas) é segundo o anunciado pelos profetas, de que através do Descendente de Abraão seriam benditas todas as famílias da terra, pois, qualquer que o invocar, santificando como Senhor em seu coração, será salvo da condenação estabelecida no Éden, através da ofensa de Adão.

Segundo as Escrituras, o Cristo é Filho de Davi, com direito a se assentar sobre o trono de Israel e, igualmente, Filho de Deus, pela ressurreição dos mortos.

“PAULO, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus. O qual antes prometeu pelos seus profetas, nas santas escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi, segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:1-4, 2 Sm 7:14).

Os falsos irmãos são aqueles que negam a eficácia do evangelho de Cristo, pois transtornam a verdade do evangelho, quando propõem que, para ser salvo, além de crer que Jesus é o Cristo, é imprescindível outras ações, como o circuncidar-se segundo as ordenanças de Moises (At 15:1).

Os da circuncisão (judaizantes) eram falsos irmãos, pois diziam que haviam crido em Cristo, mas que era necessário aos gentios portar-se segundo a lei de Moises: “O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo” (Gl 1:7).

“Porquanto, ouvimos que alguns, que saíram dentre nós, vos perturbaram com palavras e transtornaram as vossas almas, dizendo que deveis circuncidar-vos e guardar a lei, não lhes tendo nós dado mandamento” (At 15:24).

A proposta dos falsos irmãos tem aparência de evangelho, porém, nega a eficácia do sacrifício de Cristo, quando se ocupa de questões como alimentos, vestimentas, festas, genealogias, etc. Suas pregações têm por base visões, misticismos, culto voluntário, ascetismo, sob o argumento de humildade e

reverência aos profetas (culto aos anjos): [“Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te”](#) (2 Tm 3:5, Cl 2:18).

A defesa do evangelho visa proteger aos cristãos do engano que há em filosofias e vãs sutilezas, decorrentes da tradição dos homens (2 Tm 4:4). O evangelho de Cristo não pode ser confundido com questões de ordem comportamental, como se fosse um código de conduta moral ou esperança para as questões socioeconômicas da humanidade. Dessas questões, surgem doutrinas várias e estranhas que podem envolver e prender o cristão (Hb 13:9).

O embate do cristão não é contra a carne e sangue, ou seja, não tem por alvo um povo ou, uma nação (Ef 6:12). Na verdade, o embate se dá contra doutrinas de homens alienados da verdade do evangelho (2Tm 3:8).

Em defesa do evangelho, há o embate contra o espírito do anticristo, homens que negam que Jesus veio em carne ou, que Ele é o Verbo de Deus ou, que ressuscitou dentre os mortos ou, que tenha morrido de fato. A mensagem do anticristo também contempla aqueles que afirmam que Jesus é um anjo ou, que Ele era somente um profeta, etc.

O ataque do anticristo não é sutil, porém, é ferrenho, pois ataca questões basilares da doutrina do evangelho e tais mensagens surgiram já à época dos apóstolos (1 Jo 4:1-3).

O preletor deve ter em mente que o evangelho de Cristo é um mandamento: crer que Jesus é o Cristo (1 Jo 3:23; Jo 12:50). Ora, cada qual não pode crer à sua própria maneira, antes deve crer, segundo o testemunho das Escrituras, para que, do interior do crente, flua rios de água viva.

[“E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu interior”](#) (Jo 7:37-38);

[“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de mim testificam”](#) (Jo 5:39).

A disposição de um crente em Cristo deve ser portar-se de modo digno do evangelho, estar em um mesmo espírito (evangelho) e combatendo com o mesmo ânimo pela verdade (fé) do evangelho.

“Somente deveis portar-vos dignamente, conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós, que estais num mesmo espírito, combatendo, juntamente, com o mesmo ânimo pela fé do evangelho” (Fl 1:27).

Acabei a carreira

Além do apóstolo Paulo, temos nas Escrituras o testemunho do mesmo apóstolo, registrado por Lucas, acerca do ministério de João Batista:

“Mas João, quando completava a carreira, disse: Quem pensais vós que eu sou? Eu não sou o Cristo; mas, eis que, após mim, vem aquele a quem não sou digno de desatar as alparcas dos pés” (At 13:25).

A carreira que o apóstolo Paulo dá por conclusa, refere-se ao seu ministério de evangelista, ou seja, de dar testemunho do evangelho da graça de Deus manifesta em Cristo:

“Mas, em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (At 20:24).

O apóstolo Paulo anunciava tanto a judeus, quanto a gregos, que deviam se converter a Deus, ou seja, se arrependem, crendo em Cristo (At 20:21) e, para cumprir o seu ministério, não fez caso da própria vida.

O apóstolo dos gentios tinha o cuidado de anunciar a Cristo somente, que era escândalo para os judeus e loucura para os gregos: “Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos” (1 Co 1:23).

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (1 Co 2:2).

Em suas exposições, o apóstolo dos gentios não tinha cuidado de questões socioeconômicas como escravidão, direito das mulheres, submissão ao império romano, degradação moral, sustentabilidade, etc. Ele não esteve preocupado em arrematar bens para si; antes, trabalhou para se sustentar (At 20:33-34), para cortar ocasião aos falsos apóstolos, que se aproveitariam dos irmãos (2 Co 11:8 e

12).

Mas, a carreira do apóstolo dos gentios havia acabado, porque Ele estava preso em Roma e o que estava previsto para acontecer era inevitável:

“E agora, compelido pelo Espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer” (At 20:22).

O apóstolo tinha plena consciência de que o seu martírio estava prestes a ocorrer, mas não teve a sua disposição em morrer pelo evangelho, como sendo um sacrifício, porque o único sacrifício foi realizado por Cristo e a disposição do apóstolo somente à aspersão, ou seja, à divulgação do que Cristo realizou, em favor da humanidade: “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício e o tempo da minha partida está próximo” (2 Tm 4:6).

Jesus é mediador da nova aliança e, do Seu sangue, decorre a mensagem que é superior ao exigido pelo sangue de Abel. É em função disto que Jesus disse: “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim” (Jo 12:32).

“E a Jesus, o Mediador de uma nova aliança e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel” (Hb 12:24).

Embora, o apóstolo Paulo estivesse preso, a sua carreira foi vitoriosa, daí a recomendação do escritor aos Hebreus, para que imitemos a fé dos apóstolos, atentando para o êxito da carreira deles (Hb 13:7).

Cada cristão tem a missão de seguir com perseverança a carreira que foi proposta no evangelho de Cristo: “Portanto, nós, também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos com paciência a carreira que nos está proposta” (Hb 12:1).

Guardei a fé

O que é guardar a fé? Que fé é essa, que foi guardada pelo apóstolo Paulo?

A ‘fé’ a qual o apóstolo Paulo faz referência, diz da verdade do evangelho, ou seja, da fé que foi entregue aos santos (Jd 1:3).

“Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência, acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 1:3).

“Somente deveis portar-vos dignamente, conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós, que estais num mesmo espírito, combatendo, juntamente, com o mesmo ânimo pela fé do evangelho” (Fl 1:27).

A ‘fé’ que o apóstolo dos gentios guardou, refere-se à ‘fé’ que estava sendo anunciada a todos os povos (Rm 1:8), ou seja, à fé que foi manifesta, que é pregada e por quem os homens são justificados (Gl 3:23; Gl 3:2; Rm 5:1).

Cristo é a pedra de esquina, ou seja, o firme fundamento, a fé que veio e que torna possível aos homens agradarem a Deus (1 Pe 2:6 -7; Hb 11:1; Hb 11:6; Gl 3:25).

O preletor deve lembrar-se de que o termo grego traduzido por ‘fé’, tem em seu bojo o significado de ‘verdade’, ‘fidelidade’ e, por isso, o apóstolo Paulo fala da ‘fé que há em Cristo’, ou seja, da fidelidade, da verdade, da firmeza “... e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo” (2 Tm 3:15).

O apóstolo Paulo, ao falar da fé que há em Cristo, não diz de sua opinião acerca de algo que ele entendia ser verdade, sem qualquer tipo de prova ou critério, antes, aponta para as Escrituras, o testemunho que Deus deu acerca do seu Filho.

“Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade e não há nele injustiça; justo e reto é” (Dt 32:4).

“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14:6).

Guardar a fé, é ter cuidado de não se desviar da doutrina do evangelho e defendê-lo das heresias. É perseverar no fundamento dos profetas e apóstolos: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem” (1Tm 4:16).

“Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao

Filho” (2 Jo 1:9).

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito” (Tg 1:25).

“Mas aquele que perseverar até ao fim, será salvo” (Mt 24:13; Ef 2:20).

Guardar a fé e reter firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina (Tt 1:9; 1Ts 2:15).

O apóstolo Pedro faz a mesma exortação: “Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza” (2 Pe 3:17).

O escritor aos Hebreus faz alusão a guardar firmemente o princípio da confiança até o fim: “Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim” (Hb 3:14).

“Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; a qual casa somos nós, se tão somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim” (Hb 3:6).

‘Guardar a fé’ é permanecer fundado e firme na fé, ou seja, não se demover da esperança do evangelho: “Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu e do qual eu, Paulo, estou feito ministro” (Cl 1:23).

“Portanto, meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa, estai assim firmes no Senhor, amados” (Fl 4:1).

Por fim, basta fazer uma revisão da exposição, lembrando aos cristãos acerca da carreira proposta pelo evangelho, o dever de combaterem contra as astutas ciladas do diabo e de permanecerem inamovíveis da doutrina do evangelho: “Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente e fortalecei-vos” (1 Co 16:13).

Se desejar acrescentar à exposição de como permanecer firme, basta fazer alusão à armadura de Deus:

A carreira proposta - “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo” (Ef 6:11).

O bom combate - “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes” (Ef 6:13).

Guardar a fé - “Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade e vestida a couraça da justiça” (Ef 6:14).

Abraão foi salvo pela fé ou pelas obras?

Se Abraão tivesse saído do meio de sua parentela e fosse habitar as regiões de Canaã sem que Deus lhe ordenasse, a sua decisão não seria por fé. Se Abraão tivesse decidido, de moto próprio, oferecer Isaque em holocausto a Deus, sem que Deus houvesse ordenado, o seu sacrifício não seria por fé e sua atitude não seria em função de uma provação (Hb 11:17).

Abraão foi salvo pela fé ou pelas obras?

Introdução

Na maioria dos comentários bíblicos, em que os termos ‘fé’ e ‘obras’ aparecem, a palavra ‘paradoxo’ acaba sendo utilizada. Há até quem afirme que no Novo Testamento há inúmeros “paradoxos aparentes”.

O que é um paradoxo?

Segundo definição que consta na Wikipédia:

“Paradoxo é uma declaração, aparentemente, verdadeira, que leva a uma

contradição lógica, ou, a uma situação que contradiz a intuição comum. Em termos simples, um paradoxo é “o oposto do que alguém pensa ser a verdade”. A identificação de um paradoxo, baseado em conceitos aparentemente simples e racionais tem, por vezes, auxiliado, significativamente, o progresso da ciência, filosofia e matemática”.

Wikipédia.

Diante dessa definição de paradoxo: ‘declaração aparentemente verdadeira’, é correto entender que as asserções[1] bíblicas são ‘aparentemente’ verdadeiras? Os dois versículos abaixo, são a exata expressão da verdade ou, ‘aparentemente’ verdadeiros?

“Assim como Abraão creu em Deus, isso lhe foi imputado como justiça” (Gl 3:6);

“Porventura, o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?” (Tg 2:21).

Os versos acima são paradoxais? Há contradição entre o ensinamento do apóstolo Paulo e do irmão Tiago? A doutrina de Cristo possui pontos aparentemente discordantes? São ensinamentos aparentemente verdadeiros?

A palavra de Deus não é uma declaração aparentemente verdadeira, antes, é a verdade “**Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade**” (Jo 17:17), portanto, os ensinamentos bíblicos, não comportam essa definição de ‘paradoxo’.

Na comunicação falada ou escrita há ‘paradoxos’, porém, tais paradoxos são figuras de pensamento, um dos recursos linguísticos (figuras de linguagem) que tornam uma mensagem mais expressiva, que nada mais é do que uma proposição construída, através da união de ideias contraditórias.

Quando Jesus propôs a Nicodemos que era necessário nascer de novo, o alerta de Jesus era verdadeiro, entretanto, por desconhecer a natureza daquilo que Jesus propôs, surgiu na cabeça de Nicodemos um paradoxo: Como é possível um homem nascer, sendo velho? (Jo 3:4)

A mensagem de Jesus não era contraditória e nem aparentemente verdadeira, mas a limitação de Nicodemos que, sendo mestre, não compreendeu a mensagem, é que levou a questionar, sobre como seria possível um homem velho, nascer de

novo.

Abraão foi salvo pela 'fé' ou, por 'obras'? Há contradição entre a 'fé' e as 'obras', ou, a contradição decorre da má compreensão?

Abraão creu em Deus

[“Assim como Abraão creu em Deus, isso lhe foi imputado como justiça” \(Gl 3:6\).](#)

Como ler esse versículo? A 'confiança' de Abraão é o que o justificou? O que dizer do versículo: 'O justo viverá da fé?'

Quando o apóstolo Paulo escreveu, repreendendo os cristãos da Galácia, sobre o fascínio que os levou a se desviarem da verdade do evangelho, lembrou que anunciou aos Gálatas o Cristo crucificado (Gl 3:1; 1Co 1:23), e que não receberam o espírito pelas 'obras da lei', antes pela 'pregação da fé' (Gl 3:2 e 5).

Que 'espírito' eles receberam pela 'pregação da fé'? O espírito que o apóstolo Paulo faz referência, diz do evangelho, a palavra de Deus, vez que os cristãos são ministros do espírito, ou seja, ministros da justiça, ministros da nova aliança: [“O qual, nos fez, também, capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica \(...\) Como não será de maior glória o ministério do Espírito? Porque, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais excederá em glória o ministério da justiça” \(1Co 3:6 e 8-9\).](#)

Jesus afirmou que as palavras d'Ele são espírito e vida: [“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida” \(Jo 6:63\).](#)

A mensagem do evangelho é cumprimento do anunciado pelos profetas: água sobre o sedento, espírito derramado. É por isso que o homem nasce de novo, somente pela água e pelo espírito: [“Porque derramarei água sobre o sedento e rios sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção sobre os teus descendentes” \(Is 44:3\).](#) [“E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões” \(Jl](#)

2:28; Jo 3:5).

Como Deus dá do seu espírito? Como Deus opera milagres? O apóstolo Paulo afirma que Deus deu o seu espírito e opera milagres pela 'pregação da fé', ou seja, através do evangelho (Gl 3:5). Cristo foi ungido para evangelizar, ou seja, o espírito de Deus estava sobre Ele, o mesmo espírito foi dado aos cristãos pela pregação da fé. **"Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos"** (Jd 1:3; Is 11:1-3; Is 61:1-3).

O evangelho foi anunciado pelo apóstolo Paulo aos gentios, de modo que ele era ministro do evangelho, anunciando a 'fé' (evangelho) entre os gentios. **"Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro"** (Cl 1:23; Rm 1:8).

A 'fé' se refere à mensagem das boas novas, o espírito derramado sobre toda carne, o mesmo espírito do qual o apóstolo Paulo foi constituído ministro. A 'fé' diz do evangelho anunciado a toda criatura, que há debaixo do sol (judeus e gentios), esperança anunciada para que os homens creiam e sejam salvos: **"Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis"** (2Co 11:4).

O crente é salvo ao crer na 'loucura da pregação', mas a salvação decorre especificamente da 'loucura da pregação', que é Cristo crucificado, que para os judeus era escândalo e para os gregos, loucura **"Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação"** (1Co 1:21-23).

O poder para a salvação não está na capacidade do homem de acreditar, mas, sim, na mensagem pregada. Para aqueles que são salvos, a palavra da cruz é o poder de Deus: **"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e também do grego"** (Rm 1:16; 1Co 1:18).

Deus salva pela 'loucura da pregação', ou seja, pela fé. Para ser salvo, é imprescindível ouvir a palavra da verdade, pois, no evangelho, está o poder para que o homem seja feito filho de Deus (Jo 1:12; Ef 1:13). O homem é justificado

pela fé, ou seja, por Cristo, pelo evangelho. “E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê” (At 13:39).

Acerca da salvação em Cristo, foi predito a Abraão: ‘Todas as nações serão benditas em ti’ (Gl 3:8). O apóstolo Paulo, ao ler Gênesis 12, verso 3, interpretou essa passagem bíblica como uma profecia, acerca de como Deus haveria de justificar os gentios: pela fé, ou seja, por meio de Cristo – a fé que havia de se manifestar: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar, pela fé, os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti” (Gl 3:8 compare com Gl 3:23).

Por que os gentios seriam benditos em Abraão? Por causa do descendente prometido a Abraão: Cristo. O descendente prometido a Abraão foi estabelecido como luz para todos os povos, não o patriarca (Is 42:6; Is 49:6). Cristo é a fé manifesta, na plenitude dos tempos, por quem os homens são justificados e não o patriarca (Gl 3:23-25).

O apóstolo Paulo apresenta Abraão como exemplo de alguém que foi justificado, ao crer em Deus (Gl 3:6). Mas, como Abraão confiou em Deus? Deus ordenou a Abraão que deixasse a sua parentela e partisse para uma terra que seria revelada e lhe fez uma promessa: Abraão seria uma grande nação e os seus descendentes seriam inumeráveis, assim como as estrelas do céu, apesar de Abraão não ter descendente, na época (Gn 15:4-5).

Abraão demonstrou que confiou em Deus, quando saiu do meio da sua parentela, porém, a bênção de Abraão não decorre do fato de ele ter saído do meio da sua parentela (confiança), antes, Abraão foi abençoado porque foi estabelecido que, se ele saísse do meio da sua parentela, Deus haveria de abençoá-lo grandemente. A bênção está na palavra que diz: ‘E far-te-ei uma grande nação e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção’ (Gn 12:2).

A força da salvação está na promessa de que Deus haveria de abençoar os gentios, através do descendente de Abraão e não em Abraão ter saído do meio da sua parentela. Semelhantemente, a força do pecado está na lei que estabelece: ‘certamente morrerás’, não nas ações dos pecadores: “Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei” (1Co 15:56).

Quando Ló se apartou de Abraão, Deus indicou ao patriarca qual a terra que os

seus descendentes haveriam de herdar, em função do que lhe foi prometido, caso saísse do meio dos seus parentes. (Gn 13:15-16)

Por isso, é dito pelo escritor aos Hebreus que, pela fé, ou seja, pela palavra de Deus, Abraão, sendo chamado para um lugar que havia de receber por herança, obedeceu e saiu (Hb 11:8). O fato de Abraão ter saído, indica que ele creu na palavra de Deus. Pela fé, ou seja, por causa da palavra de Deus, Abraão peregrinou na terra da promessa, como que em terra alheia (Hb 11:9).

Se Abraão tivesse saído do meio de sua parentela e fosse habitar as regiões de Canaã sem que Deus lhe ordenasse, a sua decisão não seria por fé. Se Abraão tivesse decidido, de moto próprio, oferecer Isaque em holocausto a Deus, sem que Deus houvesse ordenado, o seu sacrifício não seria por fé e sua atitude não seria em função de uma provação (Hb 11:17).

Quando lemos que Abraão foi justificado pela fé, significa que Abraão foi justificado pela palavra de Deus. É por isso que é dito que a fé foi imputada[2] a Abraão (Rm 4:9). O que foi conferido a Abraão? Uma capacidade de crer? Não! O que foi imputado a Abraão foi a fé, a palavra de Deus, que é fato, prova, sem tergiversações.

A capacidade de crer é pertinente a todos os homens. É um atributo natural do ser humano, acreditar no que é real, verdadeiro, firme, palpável, etc. O que foi dado a Abraão foi a fé, ou seja, uma promessa graciosa e firme (Rm 4:16). Abraão acreditou em Deus, por não atentar para a condição do seu corpo amortecido ou, para o amortecimento do ventre de Sara, e sim, se deixou fortificar pela palavra que lhe foi anunciada: fé! (Hb 11:19-21)

A certeza de Abraão não surgiu de suas próprias convicções, antes pela palavra da fé que lhe disse que haveria de ser abençoado, caso obedecesse. De posse da palavra de Deus, teve certeza que Aquele que prometeu, era poderoso para cumprir (Rm 4:21). Ao sair do meio de sua parentela, Abraão estava admitindo, através da sua ação, que Deus é fiel e poderoso para cumprir o que prometeu, pelo que ‘... isso lhe foi imputado para justiça’ (Rm 4:22); “Assim como Abraão creu em Deus, isso lhe foi imputado como justiça” (Gl 3:6).

Ao sair do meio da sua parentela, Abraão estava admitindo, por meio de sua ação, que Deus é fidedigno[3], ou seja, digno de ‘fé’ (πιστευω - pisteuo), digno de ‘confiança’, pela sua própria glória e virtude (2Pe 1:3).

É na fé (πιστις – pistis), ou seja, na palavra de Deus que há poder. Foi pela palavra de Deus que Sara recebeu poder de conceber um filho, mesmo sendo estéril e de avançada idade. Quando é dito que ‘... **pela fé, a própria Sara recebeu poder...**’, o termo ‘fé’ não diz das convicções de Sara, antes aponta para a fidelidade, a lealdade, o caráter de alguém em quem se pode confiar. A crença de Sara resume-se em ‘ter por fiel’ aquele que havia feito a promessa (Hb 11:11).

Foi pela palavra de Deus que os antigos alcançaram bom testemunho, pois sem a palavra de Deus, nada podiam esperar ou acreditar (Hb 11:1). A Bíblia diz que Abraão é o Pai da fé, pois o evangelho foi primeiramente anunciado a Ele: a vinda do Cristo em quem todas as famílias da terra seriam bem-aventuradas, e não porque Ele creu, até porque existiram heróis da fé antes do patriarca Abraão.

Abraão foi salvo pela ‘fé’, porque ‘creu’ em Deus, por causa do que lhe foi dito (fé):

“(Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem. O qual, em esperança, creu contra a esperança, tanto que ele tornou-se pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência” (Rm 4:17-18).

Deus deu a sua palavra e Abraão creu em Deus, que vivifica os mortos e chama as coisas que não são, como se já fossem, ou seja, Deus é poderoso para realizar o que prometeu, portanto, digno de confiança. Ao crer, Abraão tornou-se pai de muitas nações, isto conforme a palavra de Deus que diz: Assim será a tua descendência!

‘Fé’ e ‘crer’

Durante a leitura das cartas paulinas, verifica-se que o substantivo fé (πιστις – pistis) e o verbo crer (πιστευω – pisteuo) são empregados, quase que o mesmo número de vezes, por volta de 244 ocorrências e aquele, por volta de 243 vezes, sem falar no termo fé como adjetivo (πιστός – pistos), que ocorre 67 vezes.

Apesar de ser equivalente, o número de vezes que os termos πιστις e πιστός são empregados, vale destacar que o substantivo πιστις (pistis), quando empregado

pelo apóstolo Paulo, em várias ocasiões, assume uma conotação específica.

Geralmente, a definição de πιστις[4] nos dicionários, aponta para as disposições internas do indivíduo, ou seja, para questões de cunho subjetivo: convicção. Porém, ao fazer uso do termo, o apóstolo Paulo, na maioria das vezes, o faz como figura de linguagem, uma metonímia[5].

Como Cristo é o autor e consumidor da fé (Hb 12:2), o substantivo fé é utilizado para fazer referência à pessoa de Cristo e à sua doutrina, havendo substituição do autor (Cristo) pela sua obra (fé).

Quando é dito pelo apóstolo Paulo que, *‘em todo o mundo é anunciada a vossa fé’* (Rm 1:8), o termo foi utilizado para fazer referência à doutrina de Cristo, ou seja, o evangelho. Quando é dito que *‘antes que a fé viesse’*, ou *‘aquela fé que havia de se manifestar’* (Gl 3:23), o substantivo fé foi empregado para fazer referência à pessoa de Cristo.

Quando é dito que o homem é justificado pela fé, na verdade, o apóstolo está declarando que o homem é justificado por Cristo. Quando é dito que o homem é salvo pela graça de Deus, por meio da fé, na verdade, o apóstolo está esclarecendo que Cristo é o dom inefável de Deus, e que, através d’Ele, o homem é salvo (Ef 2:8).

Por que devemos fazer essa análise? Porque, quando emprega o substantivo ‘fé’, em sua epístola, o irmão Tiago o faz, somente com um único significado: crer, portanto, apontando, apenas, para as disposições internas do indivíduo, diferentemente do apóstolo Paulo, que emprega o termo, tanto no sentido de ‘doutrina’, quanto no sentido de ‘crer’.

Observe essa definição:

“A fé é mais do que uma crença intelectual em Deus. Se essa crença não nos leva a uma santa vida de justiça e misericórdia, ela não é a fé salvadora (Mt 7.21-23)” Radmacher, Earl; Allen, Ronald B.; House, H. Wayne, O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais - A Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro, 2010, pág. 675.

De que ‘fé’ o autor está falando? De um corpo doutrinário, ou de crer?

Se a ‘fé’, em análise pelos editores do ‘O novo comentário bíblico do NT’, refere-

se ao evangelho, efetivamente, por meio do evangelho (fé), o homem recebe poder de ser feito filho de Deus, portanto, é de novo criado, em verdadeira justiça e santidade (Ef 3:23). Está acima de uma crença intelectual em Deus, antes é a palavra de Deus pela qual o homem é santificado: **“Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade”** (Jo 17:17).

Se eles abordaram a ‘fé’, no sentido de ‘crer’, ‘acreditar’, tal fé não pode ser nada, além de uma crença intelectual na palavra de Deus. Quando o homem crê em Cristo, na verdade, exerce uma crença intelectual em Deus, conforme o Seu testemunho, exarado nas Escrituras. Deus deu testemunho do seu Filho nas Escrituras e crer nas Escrituras é exercer um culto racional.

Não é o crer, que leva o homem a uma ‘santa vida de justiça’, antes é a fé manifesta - Cristo - que santifica os que creem, concedendo-lhes uma nova vida: santa e justa. É a verdade, a ‘fé’ que santifica, e não o crer: **“E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade”** (Jo 17:19). Os equívocos quanto ao significado do termo ‘fé’, leva ao entendimento errôneo de que o dever de andar como filhos da luz (comportamento), diz de uma fé que ‘... é mais do que uma crença intelectual’.

A obra de Abraão

“Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?” (Tg 2:21)

Comparando a escrita do apóstolo Paulo com a do irmão Tiago, percebe-se que, por causa do público alvo da carta, há uma mudança gritante no emprego de alguns termos, sem falar que o apóstolo Paulo, ao escrever, utiliza diversos recursos linguísticos de estilo, enquanto Tiago, pela graciosidade poética da sua epístola, fez uso somente de figuras e parábolas.

Quando Tiago diz ‘a prova da vossa fé’, diz da confiança do homem que é posta à prova, e não da palavra de Deus, que é simultaneamente fundamento e prova. Se o homem é provado e permanece confiante, a confiança transforma-se em ‘perseverança’. **“Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem, tanto o Pai, como o Filho”** (2 Jo 1:9; Tg 1:3).

O não crente precisa crer para ser salvo e o salvo precisa portar-se de modo digno do evangelho e perseverar na fé, combatendo o bom combate: “**Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo, como aos que te ouvem**” (2Tm 4:16); “**Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós, que estais num mesmo espírito, combatendo, juntamente, com o mesmo ânimo, pela fé do evangelho**” (Fl 1:27).

Se alguém vai pedir algo a Deus, deve pedir com fé, ou seja, acreditando, crendo (Tg 1:6). O termo ‘fé’, foi empregado por Tiago, no sentido de ‘crer’, diferentemente do apóstolo Paulo que, muitas vezes, emprega o termo, no sentido de evangelho, doutrina.

Mas, por questões de estilo e escrita, há divergências entre o exposto pelo apóstolo Paulo e Tiago? Não! A má compreensão da exposição é que leva as divergências, não o conteúdo doutrinário exposto por eles.

O apóstolo Paulo afirma que o evangelho é poder de Deus para salvação (Rm 1:16), enquanto que Tiago, por sua vez, afirma que a palavra implantada nos cristãos é poderosa para salvar (Tg 1:21). Sem contradição alguma a exposição de ambos!

Entretanto, a linguagem utilizada por eles é diferente, em alguns aspectos, apesar de a doutrina não ser divergente, e, isto se dá em função do público alvo da mensagem. Observe que o apóstolo Paulo diz que o evangelho é poder de Deus para a salvação ‘de todo aquele que crê’ e o irmão Tiago, em vez de dizer que é necessário crer, aponta a necessidade de cumprir a palavra, ou seja, de ‘ser executor da obra’ (Tg 1:25).

‘Acreditar’ e ‘crer’ são verbos que melhor se adequam à realidade dos gentios, enquanto a linguagem dos judeus traduz a ideia de que, quem crê em Deus, é executor de um ‘trabalho’, de uma ‘obra’.

A linguagem do Antigo Testamento aponta o obediente, como aquele que crê, acredita, daí a linguagem dos judeus em identificar ao que obedece, ou seja, quem é executor do que é ordenado por Deus, como quem crê. A linguagem do irmão Tiago evidencia a sujeição do crente e o senhorio de Deus, e a linguagem do apóstolo Paulo evidencia a condição de quem é livre no Senhor.

Entretanto, é imprescindível ao leitor notar a diferença da abordagem paulina da do irmão Tiago. Abordagem do apóstolo Paulo no verso 16 de Romanos 1 possui viés evangelístico, e a abordagem no verso 21 do capítulo 1 de Tiago possui viés exortativo. Este aborda a necessidade de os cristãos perseverarem firmes na palavra neles implantada, enquanto que, aquele, enfatiza a universalidade do evangelho: todo aquele que crê, tanto judeus quanto gentios.

A linguagem de Tiago é a mesma de Cristo, pois é própria aos judeus. Quando a multidão perguntou a Jesus qual era a obra de Deus para realizarem, Jesus respondeu que a obra de Deus é crer naquele que Ele enviou (Jo 6:28-29). O executor da obra, que é bem-aventurado em seu feito, diz de quem crê em Cristo, pois a lei perfeita, a da liberdade, diz do evangelho, a palavra poderosa para salvar: **“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecidiço, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito”** (Tg 1:25).

Tiago escreveu aos servos de Cristo das doze tribos da dispersão, ou seja, aos cristãos convertidos do judaísmo (Tg 1:1). Mas, entre esses cristãos, havia aqueles que diziam crer em Deus e cuidavam ser religiosos e não se sujeitavam a Cristo, conseqüentemente, a mensagem de Tiago enfatiza o que foi dito por Jesus aos seus discípulos: **“... credes em Deus, crede também em mim”** (Jo 14:1).

Daí o questionamento de Tiago nos versos 14 a 26, do capítulo 2, da sua epístola: **“Que aproveitamento há se alguém disser que tem fé e não tiver obras?”** (Tg 2:14). O termo ‘fé’ foi utilizado no sentido de ‘crer’, conforme o verso 19: **“Crês tu que Deus é um só?”**, e não no sentido de ‘evangelho’, ‘doutrina’, como quando o apóstolo Paulo diz que acabou a carreira e guardou a ‘fé’ (2 Tm 4:7).

Que proveito teriam os discípulos ao ‘crerem em Deus’ e não crerem em Cristo? Poderia tal fé salvar os discípulos? Não! Pois qualquer que diz crer em Deus, deve crer naquele que Ele enviou: **“E Jesus clamou e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou”** (Jo 12:44).

O termo ‘fé’, utilizado por Tiago, não faz referência ao evangelho e nem a Cristo, bem como o termo ‘obras’ no contexto, não faz referência à lei de Moisés. O termo ‘fé’ foi utilizado para fazer referência a uma crença em uma doutrina ou pensamento diverso da doutrina do evangelho de Cristo (Tg 3:19), e o termo ‘obras’ foi utilizado para fazer referência à lei perfeita, a da liberdade, e não às

obras da lei de Moisés (Tg 1:22 e 25).

Acreditar que Deus é um só não salva, da mesma forma que não salva acreditar que o homem pode ser salvo por ser descendente da carne de Abraão ou, pela circuncisão. Os judeus acreditavam que nunca foram escravos de ninguém, mas tal 'fé' não os tornava livres do pecado (Jo 8:33). Há quem creia em Cristo, como alguns judeus, mas segundo a concepção do seu coração enganoso. Embora esta pessoa tenha 'fé' (creia), tal fé é sem proveito para a salvação, ou seja, não os faz livres do pecado: **“Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”** (Jo 8:31).

Muitos judeus criam em Cristo, mas quando arguidos, continuavam confiados que eram livres por serem descendentes de Abraão (Jo 8:31 e 39). Poderia tal 'fé' salvá-los? Pode alguém ser salvo, por crer na existência de Deus? Não!

Neste sentido, que proveito há, se alguém diz que tem fé, mas não crê em Jesus? Que proveito há em dizer que conhece a Deus, se não guardar o Seu mandamento? Tal pessoa é mentirosa e nela não está a verdade (1 Jo 2:3-5). Que proveito há em dizer: 'nunca fomos escravos de ninguém', se não é liberto pela verdade? (Jo 8:31-32)

O irmão Tiago não estava questionando se há proveito em ter fé em Cristo, ou seja, se quem crê em Cristo não será salvo, pois é evidente que quem crê em Cristo será salvo (1 Jo 5:13). A fé em Cristo pode salvar o crente, pois, acerca de Cristo, testemunharam todos os profetas, de que recebem o perdão dos pecados, todos os que creem n'Ele (At 10:43). Por Cristo é justificado todo aquele que crê, ou seja, qualquer que tem fé n'Ele (At 13:39).

A abordagem de Tiago, em relação àqueles que diziam que tinham fé, é a mesma que fez o apóstolo Paulo, ao escrever a Tito, quando disse: **“Professam conhecer a Deus, mas o negam pelas suas obras...”** (Tt 1:16). É sem proveito dizer que se conhece a Deus, ou dizer que se tem 'fé', se esse alguém não guarda o seu mandamento (1 Jo 2:4). E qual é o mandamento a cumprir, para que o homem passe a conhecer a Deus? Que creia em Cristo, no nome do Filho de Deus (1 Jo 3:23), pois, o que guarda esse mandamento, permanece em Deus e Deus nele (1 Jo 3:24; Gl 4:9).

Qual a obra que o homem deve realizar? Crer em Cristo! (Jo 6:28-29). É sem valor

algum, professar que se conhece a Deus, mas não se crê em Cristo, ou seja, se o nega pelas obras. Cristo é salvação para todos quantos O obedecem, portanto, Ele salva quem realiza a sua obra: “E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hb 5:9).

O questionamento de Tiago só é compreendido quando o leitor perceber que a obra a qual ele fez referência diz da obra de Deus, que é crer em Cristo e não das obras decorrentes da lei: guardar os sábados, a circuncisão, dias, luas, etc. Aquele que diz que crê em Deus, se não crê em Cristo, a obra exigida por Deus, tal ‘fé’ é morta em si mesma (Tg 2:17).

Ao ler esta passagem de Tiago, tem que se ter em mente que, quem crê em Cristo, não crê somente em Cristo, mas também em Deus e vice-versa: “E Jesus clamou e disse: ‘Quem crê em mim, crê, não somente em mim, mas também naquele que me enviou’” (Jo 12:44). Ora, quem diz ter fé, tem que ter a obra, ou seja, crer em Cristo. Quem crê em Cristo crê no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho Jesus Cristo (1 Jo 5:10).

Muitos judeus diziam que criam que Deus é um só, mas, apesar de ser bom crer na existência de Deus, não consideravam que os demônios também criam e estremeçam, mas, tal fé não salva os demônios.

O que salva o homem é o mandamento de Deus, contido no evangelho: realizar a obra de Deus, ou seja, crer em Cristo, não a disposição do homem em crer na existência de Deus, ou em milagres, ou em anjos, ou no sobrenatural, ou na circuncisão, ou na carne de Abraão, etc.

Quando Tiago utiliza o termo ‘louco’, ‘insensato’, deixa evidente que estava tratando com cristãos convertidos dentre os judeus. Os profetas utilizavam o termo ‘louco’, ‘ignorante’ para fazer referência aos filhos de Israel, e, Tiago ao escrever às doze tribos da dispersão, escreveu a cristãos convertidos, dentre os judeus (Dt 32:6; Jr 4:22).

Tiago destaca que, somente dizer acreditar (fé) em Deus, sem obedecê-Lo (obras) é inútil e utiliza a pessoa do patriarca Abraão como exemplo, que, ao oferecer o seu único filho em holocausto, demonstrou confiar em Deus (Tg 2:20).

O irmão Tiago evidencia que Abraão foi justificado pelas obras, quando ofereceu o seu filho Isaque sobre o altar (Tg 2:21). Como? Ao dizer que Abraão foi justificado

pelas obras, isto não significa que Abraão foi justificado pelas obras da lei, visto que à época do patriarca ainda não havia sido entregue a lei aos filhos de Israel (Rm 4:13). O apóstolo Paulo é específico: ninguém é justificado 'pelas obras da lei', na verdade o homem é justificado pelas obras, em função da lei (mandamento) da fé.

As 'obras da lei' referem-se à lei de Moisés, que é antagônica à 'lei da fé', ou seja, ao mandamento do evangelho: crer em Jesus Cristo: **"Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé"** (Rm 3:27). **"Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei, nenhuma carne será justificada"** (Gl 2:16).

Se Abraão tivesse proposto de si mesmo fazer um sacrifício, oferecendo o seu filho em holocausto, a sua ação não o justificaria. Mas, como Deus ordenou a Abraão que oferecesse o seu único filho em holocausto (Gn 22:2) e ele obedeceu ao mando do Senhor, foi justificado por sua obra: a palavra de Deus operou nele: **"Por isso, também, damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes"** (1 Ts 2:13).

Tudo o que não é ordenado por Deus, é pecado e oferecer um filho em holocausto, sem Deus ter ordenado, é pecado **"... e tudo o que não é de fé é pecado"** (Rm 14:23), pois o justo viverá da palavra de Deus, ou seja, da fé (Dt 8:3; Hc 2:4).

Abraão foi justificado por ter colocado o seu único filho sobre o altar? Não! Foi justificado por Deus, porque confiou que Deus era poderoso para ressuscitar o seu filho, quando iria imolá-lo sobre o altar (Hb 11:19).

Ao falar com Saul, Deus deixa claro que importa ao homem obedecer, não sacrificar. (1 Sm 15:22). Abraão demonstrou confiança em Deus, quando colocou o seu filho sobre o altar para imolá-lo, o que demonstra que, quem confia, obedece. É dito que Abraão foi justificado pelas obras, porque não se resignou em acreditar na existência de Deus, antes realizou o que Deus ordenou.

Com relação ao evangelho, o homem é salvo pela obra e não porque acredita que Deus é um só. Qual a obra em questão? Crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus,

pois este é o mandamento de Deus, para todos os homens durante o tempo sobre modo oportuno de salvação - hoje - (2 Co 6:2).

Enquanto de Abraão Deus exigiu o seu único filho, hoje, Deus exige de todos os homens que creiam em seu Filho, Jesus Cristo. Abraão acreditava na existência de Deus, e quando foi realizar a obra exigida por Deus, ficou claro que a sua crença na existência e poder de Deus, cooperou com a sua obra, e assim, pela obra, a confiança foi 'aperfeiçoada' (Tg 2:22).

A confiança do homem em Cristo é designada 'perfeita' (τελειώω - teleioó) quando o crente realiza o que lhe foi determinado. O termo grego traduzido por 'aperfeiçoada' é τελειώω, e não tem o sentido de melhorar a confiança, antes aponta para um quesito funcional: cumpre o propósito para o qual foi estabelecida.

Enquanto Tiago utilizou o termo 'obra', para fazer referência ao imperativo de obedecer ao mandamento de Deus, o apóstolo João faz uso do termo 'amor' (ágape), para fazer referência a esse mesmo imperativo.

“Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que pelas obras, a fé foi aperfeiçoada” (Tg 2:22);

“No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena e o que teme não é perfeito em amor” (1 Jo 4:18).

Considerando que, quem ama a Deus, cumpre o seu mandamento (Jo 14:15 e 23 e 24), segue-se que quem ama (obedece), não tem medo (temor), pois a obediência perfeita lança fora o medo. O medo decorre da pena, de modo que, quem tem medo é porque não obedeceu, de fato.

Pela palavra de Deus que disse: *“Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei”* (Gn 12:1), ou seja, pela fé (a palavra de Deus é firme fundamento, prova do que não se vê), Abraão obedeceu e saiu, mesmo não sabendo para onde ia (Hb 11:8). A confiança só é perfeita quando cumpre, exatamente, a finalidade: a obediência.

Quando diz que o homem é justificado pela 'fé', o apóstolo Paulo está apontando para a verdade do evangelho, que evidencia Cristo como o salvador do mundo. Quando diz que Abraão foi justificado pelas obras, o irmão Tiago está apontando

para o mandamento de Deus, que diz: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto, sobre uma das montanhas, que eu te direi” (Gn 22:2).

Sem o mandamento para imolar o filho, Abraão poderia crer na existência de Deus, mas não seria aprovado. Sem o mandamento de Deus, para sair do meio da sua parentela, Abraão poderia deixar pai e mãe, mas não seria herdeiro da promessa. Abraão podia gerar um filho de suas entranhas, o que ocorreu com Hagar e Quetura (Gn 16:4; Gn 25:1-2), porém, tal capacidade não o tornaria pai de muitas nações.

É significativo que, diante da promessa de que a sua descendência seria como as estrelas do céu, Abraão nada fez, antes confiou em Deus, ao que isto lhe foi imputado por justiça. Diante da palavra da promessa, que disse que Abraão teria um filho com Sara (Gn 17:19), a jactância foi excluída, pois não havia nada que Abraão pudesse fazer para que Sara concebesse um filho.

Apesar do questionamento de Abraão, de que era impossível a um homem com mais de cem anos gerar filhos (Gn 17:17), posteriormente, Abraão teve filhos com Quetura (Gn 25:1). Dos filhos que teve com Quetura, Abraão podia jactar-se da sua carne, porém, do filho que teve com Sara, a promessa excluiu qualquer possibilidade de jactância, pela impossibilidade inerente ao homem, e ao oferecer sobre o altar o seu único filho, Abraão teve que, em figura, recobrá-lo dentre os mortos (Rm 3:27; Hb 11:19).

Sair do meio da parentela era algo que Abraão podia fazer, mas, ao fazê-lo, indica que ele se sujeitou, como servo, ao mandamento do Senhor. Oferecer Isaque sobre o altar era algo que Abraão podia fazer, e o fez, demonstrando total submissão à ordem de Deus. Agora, o nascimento de Isaque e a vinda do descendente, foram estabelecido pela palavra de Deus, ao que Abraão resignou-se a crer, pois, com relação à promessa, nada podia fazer a não ser crer naquele que é fiel e não pode mentir.

Fé com obras

Por má compreensão da exposição de Tiago, Martinho Lutero[6] chegou a classificar a epístola de Tiago como ‘insossa’, ou ‘cheia de palha’.

Se não compreender que o evangelho constitui um mandamento de Deus e que crer em Cristo é realizar a Sua obra, dificilmente o leitor compreenderá a epístola de Tiago: “Mas, nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem creu na nossa pregação?” (Rm 10:16).

O apóstolo Paulo, ao escrever a Tito, utiliza a mesma linguagem do apóstolo João e Tiago:

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, desobedientes e reprovados para toda a boa obra” (Tt 1:16);

“E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade” (1 Jo 2:3-4).

Dizer que ‘conhece a Deus’ e ‘negar com as obras’, tem o sentido de honrar a Deus somente com a boca e com os lábios, vez que tal pessoa não guarda o mandamento de Deus (temor). É crer (ter fé) sem as obras (obediência, honra). Os filhos de Israel se aplicavam a um temor que não era o princípio da sabedoria, antes era mandamento de homens: “Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo, consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído” (Is 29:13).

Primeiro, é dada a palavra da fé, ou seja, o evangelho (Rm 10:8). A palavra da fé é condicionada, vez que ‘se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo’ (Rm 10:9).

A palavra implantada é fé e a condição estabelecida é crer, de modo que possibilita ao homem crer para a justiça e confessar para ser salvo (Rm 10:10). A confissão é o fruto dos lábios de um coração que recebeu a semente incorruptível, a palavra da fé (Hb 13:15; 1Pd 1:23).

A obra exigida de Deus, dos homens, é crer no coração (intelectualmente), que Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos e, com a boca, confessá-lo como Senhor e Cristo. Essa obra decorre da palavra da fé apregoada: “Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires” (Dt 30:14). Por isso é dito: Cri, por isso falei (Sl 116:10), pois com a boca se confessa e com o coração (mente) se crê.

O exemplo que Tiago apresenta, através de Raabe, se dá da mesma forma que com o cristão, pois ela ouviu que Deus havia dado a Israel a terra onde estava a cidade de Jericó, bem como ouviu que Deus secou as águas do Mar Vermelho e o que foi feito dos povos que se opuseram aos filhos de Israel, após a travessia do Jordão, de modo que Raabe concluiu que Deus é Deus em cima nos céus e embaixo na terra (Js 2:11).

Raabe ouviu e creu em Deus, a ponto de confessar aos espias os seus temores e pedir por misericórdia (Js 2:11-13). Por crer que Deus é Deus acima nos céus e embaixo na terra, pelo que ouviu acerca dos feitos dos filhos de Israel, Raabe acolheu os espias no eirado da sua casa e os despediu por outro caminho (Tg 2:25).

A informação que Raabe ouviu, acerca dos filhos de Israel, era firme e verdadeira, pelo que é dito: **“Pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias”** (Hb 11:31). Pela informação que recebeu, acerca do povo de Israel e do Deus que tirou o povo da terra do Egito, ou seja, pela fé (πίστις-pistis), Raabe tomou a iniciativa de acolher em paz os espias (obra).

Seria sem proveito, Raabe dizer que acreditava no evento histórico em que Deus secou as águas do Mar Vermelho, se não tivesse rogado por misericórdia aos espias. Seria sem proveito Raabe confessar que Deus é Deus nos céus e na terra sem se sujeitar a Ele, servindo aos espias.

Se entender o termo ‘fé’, segundo o que é usual em nossos dias, Raabe seria uma mulher de fé, se ela acreditasse que não seria atingida pela guerra, ou em algum absurdo ou em algum evento mágico. Nesse diapasão, a fé de Raabe deveria se opor à razão, ou como propuseram: *‘credo quia absurdum’* (creio, porque é absurdo).

Semelhantemente, Abraão foi justificado quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque. Ora, oferecer um filho em holocausto é um absurdo, porém, Abraão o fez pela fé, ou seja, apoiado na palavra de Deus, que disse: **“Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi”** (Gn 22:2). Ele ofereceu o seu único filho, porque era a palavra de Deus e não porque era absurdo.

Embora Deus tenha ordenado a Abraão que oferecesse o seu único filho em holocausto, Abraão considerou a palavra que diz: **“Em Isaque será chamada a tua**

descendência” (Hb 11:18). Sem Isaque não havia descendência, e nem viria o Descendente, pelo que se entende que ele considerou que “Deus era poderoso para, até dentre os mortos, ressuscitar a seu filho e daí, também, em figura ele o recobrou” (Hb 11:18-19).

É pela fé, ou seja, pela palavra de Deus, que diz: ‘Em Isaque seria chamada a sua descendência’, que Abraão foi aprovado por Deus. Por causa dessa promessa: “Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí” (Rm 4:17), Abraão creu que Deus vivifica os mortos e que chama à existência as coisas que não são, como se já fossem, vez que Deus teria que cumprir a Sua palavra (Rm 4:21).

Sem a palavra de Deus (fé), seria impossível Abraão ter a esperança de que o seu descendente (Cristo), viria ao mundo, quando colocou o seu único filho sobre o altar (creu contra a esperança).

“Pela fé, ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para, até dentre os mortos, ressuscitá-lo; E daí também, em figura, ele o recobrou” (Hb 11:17-19)

Abraão tinha fé em Deus (cria na existência de Deus) e executou a obra que Deus mandou realizar, ou seja, a fé (crer) cooperou com as obras, de modo que, pelas obras de Abraão a fé (crer) foi aperfeiçoada, ou seja, cumpriu o seu propósito.

Identificando um erro na pergunta:

“A salvação é somente pela fé ou pela fé, mais as obras?”

Há quem acredite que essa é a pergunta mais importante, em toda a Teologia Cristã. Outros, que essa pergunta motivou a Reforma: a separação entre a igreja Protestante e a igreja Católica, entretanto, não atentam para o fato de que há um erro na pergunta, que leva a um entendimento equivocado, acerca da fé e das obras.

Quando é perguntado: ‘A salvação é somente pela fé...?’, é essencial que se dê o

significado do termo 'fé' na frase. Se o significado de fé for 'crer', jamais a salvação é somente pelo 'crer'.

Quando a Bíblia apresenta a salvação somente pela fé, na verdade está dizendo que a salvação é somente por Cristo, ou seja, pelo evangelho. Não existe outra alternativa que não seja o evangelho (fé). A alternativa "... ou pela fé mais as obras?", inexistente!

Quando questionam: "A salvação é pela fé mais as obras?", geralmente, os termos 'fé' e 'obras' não possuem o mesmo significado que o empregado pelo irmão Tiago no verso: "Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé" (Tg 2:24). Tiago diz que 'o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé', o que é completamente diferente da ideia que a pergunta sugere: 'Salvação é pela fé, mais as obras'.

Para quem construiu a pergunta, obras possui o significado de 'boas ações', 'bom comportamento' e até de 'frutos', questões que o irmão Tiago não aborda neste verso em comento. O homem é salvo 'apenas' quando crê em Cristo, pois crer em Cristo é o suficiente para ser salvo, vez que quem salva é Cristo.

Quem crê em Cristo, produziu a obra exigida por Deus, de modo que Tiago não está dizendo que, para ser salvo, é necessário ter fé (crer) e fazer boas ações (obras). É um equívoco entender que Tiago '*enfatizou o fato de que a fé em Cristo produz boas obras*'[\[7\]](#).

Tiago não faz referência à fé em Cristo, antes à 'justificação pelas obras', que na verdade, é crer em Cristo. Quando ele diz: 'não somente pela fé', Tiago não se refere à fé, como a verdade do evangelho, mas, sim, a alguém dizer que crê em Deus, mas que não realiza a sua obra (mandamento).

Realizar boas ações (boas obras) não é prova de que o homem foi verdadeiramente justificado, antes o justificado já produziu a obra exigida por Deus, e Deus, por sua vez, gerou um novo homem, através da semente incorruptível, criado em verdadeira justiça e santidade. O bom porte, o bom comportamento, as boas ações, etc., não decorrem da fé (crer) em Cristo, antes, o bom comportamento se dá quando o homem é admoestado e redarguido, e muda o seu comportamento, pelo transformar do entendimento (Rm 12:2; 1Pd 1:13-14).

A segunda parte da pergunta é equivocada e também induz ao erro, pois Tiago diz

que o homem é justificado pelas obras (crer em Cristo), não pela fé (crer em Deus). Em momento algum Tiago aponta para uma salvação pela 'fé mais as obras', antes ele apresenta a salvação pelas obras (obediência ao mandamento de Deus) que decorrem da fé (crer) em Cristo.

[1] "Proposição que se assume como verdadeira, independentemente de seu conteúdo";

[2] "3049 λογίζομαι *logizomai* voz média de 3056; TDNT - 4:284,536; v 1) recontar, contar, computar, calcular, conferir 1a) levar em conta, fazer um cálculo 1a1) metáf. passar para a conta de alguém, imputar 1a2) algo que é considerado como ou é alguma coisa, i.e., como benefício para ou equivalente a algo, como ter a força e o peso semelhante 1b) constar entre, considerar 1c) considerar ou contar 2) avaliar, somar ou pesar as razões, deliberar 3) de considerar todas as razões, para concluir ou inferir 3a) considerar, levar em conta, pesar, meditar sobre 3b) supor, julgar, crer 3c) determinar, propor-se, decidir Esta palavra lida com a realidade. Se eu "logizomai" ou considero que minha conta bancária tem R\$ 25,00, ela tem R\$ 25,00. Do contrário eu estaria me enganando. Esta palavra refere-se a fatos e não a suposições" Dicionário Bíblico Strong.

[3] "Fidedigno - adj. Merecedor de crédito (confiança); que é real e verdadeiro; autêntico: realizou um fidedigno levantamento das dívidas da empresa. P.ext. Figurado. Caracterizado por ser real e verdadeiro; autêntico. (Etm. do latim: fide dignus)". Dicionário Online de Português.

[4] "4102 πιστις *pistis* de 3982; TDNT - 6:174,849; n f 1) convicção da verdade de algo, fé; no NT, de uma convicção ou crença que diz respeito ao relacionamento do homem com Deus e com as coisas divinas, geralmente com a ideia inclusa de confiança e fervor santo nascido da fé e unido com ela 1a) relativo a Deus 1a1) a convicção de que Deus existe e é o criador e governador de todas as coisas, o provedor e doador da salvação eterna em Cristo 1b) relativo a Cristo 1b1) convicção ou fé forte e benvinda de que Jesus é o Messias, através do qual nós obtemos a salvação eterna no reino de Deus 1c) a fé religiosa dos cristãos 1d) fé com a ideia predominante de confiança (ou confiança) seja em Deus ou em Cristo, surgindo da fé no mesmo 2) fidelidade, lealdade 2a) o caráter de alguém

em quem se pode confiar” Dicionário Bíblico Strong.

[5] “A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Observe os exemplos abaixo: 1 - Autor pela obra: Gosto de ler Machado de Assis. (= Gosto de ler a obra literária de Machado de Assis.) 2 - Inventor pelo invento: Édson ilumina o mundo. (= As lâmpadas iluminam o mundo.) 3 - Símbolo pelo objeto simbolizado: Não te afastes da cruz. (= Não te afastes da religião.) 4 - Lugar pelo produto do lugar: Fumei um saboroso havana. (= Fumei um saboroso charuto.) 5 - Efeito pela causa: Sócrates bebeu a morte. (= Sócrates tomou veneno.)” Só Português < <http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil3.php> > Consulta realizada em 06/05/2016.

[6] “Em suma: o evangelho, segundo João e sua primeira epístola, as epístolas de Paulo, particularmente, as dirigidas aos romanos, gálatas, efésios, e a primeira epístola de Pedro, estes são os livros que lhe apresentam Cristo e lhe ensinam tudo que é necessário e bom saber, ainda que jamais visse ou ouvisse qualquer outro livro ou doutrina. alquer forma, não tem natureza evangélica. Mas disso ainda falaremos em outros prefácios” Lutero, Martinho. *Pelo Evangelho de Cristo: Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma*. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia & São Leopoldo: Sinodal, 1984. pp. 171-177; “Embora esta epístola de São Tiago fosse rejeitada pelos anciãos, eu elogio-a e considero-a um bom livro, porque estabelece não doutrinas de homens, mas vigorosamente promulga a lei de Deus. No entanto, afirmo a minha própria opinião sobre isso, embora sem prejuízo para ninguém, eu não considero como uma escrita de um apóstolo, e as minhas razões seguem. Em primeiro lugar, é terminantemente contra São Paulo e todo o resto da Escritura em atribuir a justificação às obras. Ela diz que Abraão foi justificado por suas obras, quando ofereceu seu filho Isaac, embora em Romanos, São Paulo ensine o contrário, que Abraão foi justificado sem as obras, por sua fé, antes que ele tivesse oferecido seu filho, e prova isso por Moisés em Gênesis 15. Agora, embora esta epístola pode ser ajudada e uma interpretação concebida para essa justificação pelas obras, não pode ser defendida em sua aplicação às obras da declaração de Moisés em Gênesis 15. Pois, Moisés está falando aqui apenas da fé de Abraão, e não de suas obras, como São Paulo demonstra em Romanos. Esta falha, portanto, prova que esta epístola não é o trabalho de qualquer apóstolo” Lutero, Martinho. Prefácio à tradução alemã das Epístolas de S. Tiago e S. Judas, em 1522.

[7] *“Tiago e Paulo não discordam em seus ensinamentos sobre a salvação. Eles abordam o mesmo assunto, sob diferentes prismas. Paulo, simplesmente, enfatizou que a justificação vem somente pela fé, enquanto Tiago enfatizou o fato de que a fé em Cristo produz boas obras”*. A salvação é somente pela fé ou pela fé mais as obras? Got Questions < <http://www.gotquestions.org/Portugues/somente-a-fe.html> > Consulta realizada em 19/05/16.

Há mérito em crer em Cristo?

Crer em Cristo é mérito por parte do homem, ou obediência a um mandamento de Deus? Quando o homem crê em Cristo humilha-se a si mesmo, pois se faz servo, portanto, a jactância é excluída.

Há mérito em crer em Cristo?

“E seja achado nele, não tendo a minha justiça, que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé” (Fl 3:9)

A fé

Após ler o livro ‘Tudo de Graça’, do pregador Charles H. Spurgeon, no capítulo ‘Pela graça, mediante a fé’, deparei-me com o seguinte posicionamento:

“Que imensa é a graça de Deus! Quem poderá medir sua extensão? Quem poderá imaginar sua profundidade? Como os demais atributos divinos, ela é infinita. Deus é cheio de amor, pois “Deus é amor”! [1João 4.8]. Bondade e amor fazem parte da real essência do Deus triuno. Ele é todo bondade. Exatamente, porque Deus é misericordioso, que não somos todos destruídos. Lembre-se disso, ou você poderá cair em erro, fixando tanto a sua mente na fé, que é o meio da salvação e esquecendo-se da graça, fonte

da própria fé. Fé é obra da graça de Deus, em nós. Ninguém poderá dizer que Jesus é o Cristo, senão por obra do Espírito Santo. “Ninguém poderá vir a mim,” disse Jesus, “se, pelo Pai, não lhe for concedido” [João 6.65]. De maneira que a fé, que é o ato de ir a Cristo e concessão divina da graça. A graça é a primeira e última causa movedora da salvação; e a fé, por mais essencial que seja, é apenas parte importante do mecanismo utilizado pela graça. Somos salvos “mediante a fé”, mas “pela graça”. Soam essas palavras como que, proferidas pela voz do arcanjo: “Pela graça sois salvos”. Que boas novas para quem não merece (...) Ainda assim, quero lembrar que a fé é apenas um canal ou aqueduto, não a própria fonte. Não deveríamos considerá-la, além da fonte de todas as bênçãos, a graça de Deus. Jamais figure Cristo, a partir de sua fé, nem pense nela como fonte independente para a sua salvação. Nossa vida é achada quando olhamos para Jesus, não quando olhamos para a nossa fé” Spurgeon, C. H. Tudo de Graça, Título Original, All of Grace (1894), Tradução Wadislau Martins Gomes, 2010, pág. 25.

De que ‘fé’ Spurgeon está tratando?

Como no início do capítulo 7, do livreto ‘Tudo de graça’, Spurgeon cita o versículo: **“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé”** (Ef 2:8). Eu esperava que ele fizesse referência à ‘fé’ como ‘evangelho’, por meio da qual o homem é salvo, mas fui frustrado.

Apesar de ter dito boas coisas, acerca da graça de Deus, o texto de Spurgeon não passa de tergiversações, acerca da graça e da fé, pois, a sua exposição, decorre de má leitura do texto bíblico, o que o tornou doutrinariamente tendencioso.

Quando o apóstolo Paulo diz: **“Porque, pela graça sois salvos, por meio da fé”** (Ef 2:8), acerca de qual ‘fé’ o apóstolo está escrevendo? Da ‘fé’ que é anunciada aos gentios e que deve ser obedecida (Rm 1:5 e 8), ou, da que significa ‘crer’, ‘acreditar’ em Cristo, disposição decorrente da verdade do evangelho que, também, é nomeada ‘fé’ (Rm 4:3)? Spurgeon fez a sua exposição, apontando para a ‘fé’ que é anunciada (pregada) ou, para a necessidade de ‘crer’ no evangelho? Neste sentido, a ‘fé’ é objetiva (doutrina, crença) ou, diz de uma ‘fé’ subjetiva (acreditar, crer, questão de foro íntimo)?

Ora, o apóstolo Paulo, ao afirmar que os cristãos de Éfeso eram salvos, por meio

da fé, na verdade, estava abordando a própria fonte da salvação: Cristo. Cristo Jesus é a 'fé' que se manifestou na plenitude dos tempos e que faz os homens agradáveis a Deus:

“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” (Gl 3:23).

“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam” (Hb 11:6).

Enquanto, o que está sendo apresentado pelo apóstolo dos gentios aos cristãos de Éfeso, diz da fé[1] como verdade, fidelidade, etc., Spurgeon leu o termo 'fé', no sentido de crer[2], de acreditar. Spurgeon fez má leitura do termo 'fé', tradução do termo grego πίστις (pistis), conforme empregado no versículo: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé” (Ef 2:8), o que afetou a sua compreensão.

Enquanto o apóstolo Paulo apresenta a 'fé' que salva e é 'firme fundamento' (Hb 11:1), Spurgeon faz referência à disposição do indivíduo de 'crer', 'acreditar'. Enquanto o apóstolo Paulo trata da fé, como o dom de Deus - Cristo - Spurgeon faz elucubrações equivocadas, tanto da fé, como doutrina (πίστις), quanto do ato de crer, acreditar (πιστεύω).

Por definição, a 'fé', da qual o escritor aos Hebreus faz referência, diz do 'firme fundamento', que é Cristo, o fundamento dos apóstolos e dos profetas (Ef 2:20; 1Co 3:11). O escritor aos Hebreus não fez referência à certeza de alguém que espera um evento, pois, o homem, mesmo equivocado, pode nutrir uma certeza e esperança que jamais se concretizarão. O escritor aos Hebreus fez referência ao firme fundamento, à prova, que, apesar de não estar ao alcance dos olhos, torna o que se espera confiável.

O termo hebraico עֲמוּנָה (emunáh), traduzido por 'fé', decorre, etimologicamente, de diversos significados, quais sejam: veracidade, sinceridade, honradez, retidão, fidelidade, lealdade, seguridade, crédito, firmeza e verdade. A 'fé', como 'firme fundamento' e 'prova', diz da palavra de Deus, que é fiel e digna de toda aceitação: “Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus, veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1:15).

O apóstolo Paulo, no capítulo 2 de Efésios, verso 8, disse que o homem é salvo, gratuitamente, pela misericórdia de Deus (graça), por meio de Cristo (fé), pois Cristo é o dom de Deus (Jo 4:10). Equivocadamente, Spurgeon trata a fé (πίστις), que o apóstolo Paulo aborda no verso 8 de Efésios 2, como crença (πιστεύω). Ele não considerou que o termo grego πίστις, transliterado pistis, comumente, traduzido por 'fé', na verdade, foi empregado pelo apóstolo Paulo, na qualidade de figura de linguagem: metonímia ou transnomação[3].

Metonímia é recurso de estilo linguístico e um desses recursos, consiste em substituir o autor, pela obra. Assim, como é possível dizer: gosto de ler Jorge Amado, em lugar de dizer: gosto de ler os livros de Jorge Amado, sabendo que Cristo é o autor e consumidor da 'fé', é possível dizer: guardei a fé (πίστις), em vez de dizer: guardei o mandamento ou, o evangelho (1Tm 3:9; 1Tm 6:14; 2Tm 4:7; 1Jo 2:4 -5).

[“Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus” \(Hb 12:2\).](#)

Sabemos que o homem é salvo por intermédio do evangelho (Ef 1:13), que é o poder de Deus (Rm 1:16). Sabemos, também, que, por diversas vezes, o termo εὐαγγέλιον (evangelho) é substituído pelo termo πίστις (fé). É possível dizer: 'batalhar pelo evangelho', ou: 'batalhar pela fé' (Jd 3). Neste sentido, desviar-se da 'fé', é o mesmo que desviar-se de Cristo, um exemplo de metonímia [“A qual, professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém”](#) (1Tm 6:21). Esse mesmo recurso permite dizer: 'mistério da fé', 'mistério do evangelho', 'mistério da piedade', 'mistério de Cristo', etc. (1Tm 3:9 e 16; Cl 4:3; Ef 6:19).

Quando nos deparamos com o seguinte verso: [“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro”](#) (Cl 1:23), devemos considerar que 'permanecer fundado e firme na fé', é o mesmo que permanecer em Cristo, o fundamento dos apóstolos e profetas (Ef 2:20).

Cristo, a nossa 'fé', também é nomeado 'conhecimento' e 'sabedoria': [“Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de](#)

Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1:24); “Destruindo os conselhos e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo” (2 Co 10:5); “E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo” (Fl 3:8); “E isto digo, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono, porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (Rm 13:11).

Ao iniciar o capítulo 7 do seu livreto, sob o título *“Pela graça mediante a Fé”*, Spurgeon cita Efésios 2, verso 8: *“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé”*. Em seguida, Spurgeon fez algumas considerações acerca da extensão da misericórdia de Deus, onde afirma que: *‘... você poderá cair em erro, fixando tanto a sua mente na fé...’*, e conclui: *‘... que é o meio da salvação e esquecendo-se da graça, fonte da própria fé’*.

Ora, o homem é salvo pela misericórdia de Deus, demonstrada em Cristo, ou seja, por meio da fé (verdade, evangelho). Por isso, é dito pelo apóstolo Paulo a Tito que *‘a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens’* (Tt 2:11), assim como foi dito aos cristãos da Galácia que, quando estavam debaixo da lei, estavam encerrados para *‘aquela fé que se havia de manifestar’* (Gl 3:23). A graça de Deus se manifesta em Cristo e Cristo manifesta a graça de Deus. Quando Cristo foi manifesto em carne, manifestou-se a graça de Deus a todos os homens, ou seja, manifestou-se a fé, manifestou-se a palavra: *“TU, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus”* (2Tm 2:1).

No que consiste o argumento de Spurgeon: *‘fixando tanto a sua mente na fé’*? Ora, se a fé da qual Spurgeon está tratando, diz de crer, com relação a quem crê em Cristo, não se pode dizer que está fixando a sua mente no ‘crer’. Mas, se ele estivesse falando da ‘fé manifesta’, que é Cristo, não há erro em fixar a mente na ‘fé’, pois o apóstolo Paulo afirma que é necessário ao cristão ter firmeza na fé (Cl 2:5; 2Pd 3:17).

É necessário ‘reter a palavra da vida’, ou seja, ‘guardar a fé’ (Fl 2:16). E como fazê-lo, sem fixar a mente na ‘fé’? Fixar a mente no ‘evangelho’, na ‘fé’ é segurança, tanto que o apóstolo Paulo não se cansava de escrever acerca das mesmas coisas (Fl 3:1). Reter a palavra da vida é a obra perfeita da fé: perseverança (Tg 1:2). Aquele que persevera na doutrina, não se deixa envolver

por doutrinas várias e estranhas, vez que se fortificou na graça, ou seja, na fé. “Não vos deixeis levar em redor por doutrinas várias e estranhas, porque bom é que o coração se fortifique com graça e não com alimentos que de nada aproveitaram aos que a eles se entregaram” (Hb 13:9).

Os termos ‘fé’, ‘graça’ e ‘evangelho’, são intercambiáveis, por causa da pessoa de Cristo, de modo que podemos dizer que o homem é justificado pela fé, ou pelo evangelho, ou pela graça, ou por Cristo: “Para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna” (Tt 3:7); “Porque se introduziram alguns, que já, antes, estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo” (Jd 1:4); “Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada” (1Pd 1:10); “Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade” (Hb 12:28).

Infelizmente, Spurgeon não soube ler a mensagem que o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos de Éfeso, concernente à ‘fé’ e a ‘graça’, vez que o apóstolo, ao escrever, trouxe à memória dos cristãos que, antes de crerem em Cristo (Ef 1:13), todos eram por natureza filhos da ira (Ef 2:3). Em seguida, o apóstolo aponta para a infinita misericórdia de Deus, pois, apesar da condição deles no passado (mortos em delitos e pecados), Deus os vivificou juntamente com Cristo.

Nos versos que se seguem (vv. 5 à 10), o apóstolo continua a descrever o que Deus fez pelos cristãos, sem abordar nenhuma questão pertinente aos homens, nem mesmo a necessidade de crer. Tudo o que o apóstolo aborda, restringe-se ao que Deus faz pelo homem (Ef 2:10; Is 26:12).

Quando o homem morre com Cristo, Deus é justo, pois ‘a alma que pecar essa mesma morrerá’ (Ez 18:4). Mas, apesar de não ter dívida alguma para com aqueles que morrem com Cristo, ao satisfazer o que a lei exige, pela sua misericórdia e graça, Deus faz ressurgir um novo homem, uma nova criatura, criada em verdadeira justiça e santidade (somos feitura Sua).

Deus é misericordioso por salvar o homem, porém, jamais poderia passar por sobre a sua justiça, por isso, a sua misericórdia é demonstrada em Cristo, para que Ele seja justo e justificador “... pela sua benignidade para conosco em Cristo”

(Ef 2:7). A misericórdia de Deus é demonstrada em Cristo, porque é necessário aos descendentes de Adão serem participantes da morte de Cristo, para serem justificados do pecado (Rm 6:7), e, em seguida, Deus age, poderosamente, ressuscitando-os, segundo a sua maravilhosa graça (Ef 1:19; Cl 3:1).

É Deus justo e justificador, que salva segundo a Sua misericórdia e graça, mas, por meio da fé, ou seja, por meio do evangelho, que é poder de Deus para todo aquele que crê (Rm 1:16 -17).

Crer

Spurgeon dá testemunho de que ficou confuso, diante dos diversos conceitos de 'fé':

“Que fé é essa da qual é dito: “Pela graça sois salvos, mediante a fé”? Certamente, há muitas descrições de fé, mas quase todas as definições que tenho encontrado, levam-me a entender menos do que entendia antes. É possível que, ao tentar explicar muito alguma coisa, ela se torne ainda mais confusa. Podemos explicá-la tanto, até que ninguém mais entenda. Espero não ser culpado dessa falta. A fé é a mais simples de todas as coisas e, talvez, por causa de tal simplicidade, ela seja de mais difícil explicação”.
Spurgeon, C. H. Tudo de Graça, Título Original, All of Grace (1894), Tradução Wadislau Martins Gomes, 2010, pág. 27.

Parece que Spurgeon se deixou levar pelas definições que encontrou, pela má leitura que fez de Efésios 2, verso 8 (“Pela graça sois salvos, mediante a fé”), demonstrando que ele nada entendeu acerca do assunto ‘fé’ e ‘graça’, e que o medo que nutria da possibilidade de se fazer culpado, ao abordar o tema, se concretizou.

Vamos à definição de ‘fé’, apresentada por Spurgeon:

“O que é fé? Resumidamente, a fé é feita de três coisas: conhecimento, crença e confiança. Conhecimento vem primeiro. “como crerão naquele de quem nada ouviram?”. É preciso que eu seja informado de um fato antes que possa crer nele (...) A confiança é a corrente sanguínea da fé; sem ela, não haverá fé salvadora. Os puritanos estavam acostumados a explicar a fé,

utilizando o termo recumbência (do verbo recumbir). A palavra significa recostar, inclinar; repousar em Jesus Cristo. Haveria melhor ilustração do que dizer: Lance todo o seu peso sobre a Rocha eterna? Entregue-se a Jesus; descanse nele; confie nele” Idem, págs. 27 e 28.

No grego, temos o substantivo πιστις (pistis), comumente traduzido por ‘fé’ e o verbo πιστευω (pisteuo), traduzido por ‘crer’. Nas línguas de origem latina o radical do substantivo ‘fé’ não se flexiona para traduzir a ideia do verbo grego πιστευω (pisteuo - crer), o que obrigou os tradutores a utilizarem o radical da palavra “credere”, vertendo o verbo πιστευω (pisteuo) para ‘crer’.

Crer em Cristo é, simplesmente, acreditar no que as Escrituras dizem acerca d’Ele: **“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre”** (Jo 7:38). Não há qualquer outra exigência nas Escrituras, além de crer, para ser salvo (Is 28:16). O poder para a salvação não está no ato de crer, mas no poder da ‘fé’, ou seja, no poder do evangelho (Jo 1:12; Rm 1:16; 1Co 1:18 e 24).

É pelo poder contido no evangelho que o homem é concitado a crer, acreditar, confiar, descansar, repousar, etc. A segurança está na pedra bem fundada e firme, provada e preciosa que Deus assentou em Sião, de modo que quem crer não perece (Is 28:16).

A fé salvadora é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. A fé, que é poder de Deus, não possui ‘corrente sanguínea’ e nem depende da confiança do homem. O homem, confiando[4] ou não, a fé (evangelho) é **salvadora**, pois se o homem for infiel, Ele permanece fiel: **“Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo”** (2Tm 2:13).

“A confiança é a corrente sanguínea da fé; sem ela, não haverá fé salvadora”
Idem.

A fada Sininho, da estória do Peter Pan, necessita de crianças que acreditem que fadas existem para sobreviver. Não é assim o evangelho de Cristo, pois Ele é salvador, quer o homem creia ou não. A ‘fé’ é firme, indissolúvel, fidedigna, portanto, não depende da confiança do homem, antes, a confiança e a esperança decorrem da ‘fé’. A confiança do homem não salva e nem garante a salvação, antes, é Deus que se interpôs como garantia: **“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu”** (Hb 10:23; Tt 1:2; Rm 1:2; Hb 10:23). A segurança de quem crê, está em Deus, que é poderoso e fiel.

Antes que o homem fosse criado, já na fundação do mundo, Deus providenciou salvação a todos os homens, pois o cordeiro de Deus foi morto desde a fundação o mundo (1Pd 1:20; Ap 13:8). Não é a confiança do homem que estabeleceu a salvação em Cristo, mas a verdade de que Cristo foi morto, desde a fundação do mundo, que promove a confiança do homem.

Crer em Cristo é suficiente para ser salvo da condenação, portanto, a ideia de que, além de crer, é necessário se entregar, totalmente, à misericórdia de Deus, é redundância. Crer em Cristo é o mesmo que se entregar à misericórdia de Deus. Considerar que crer é distinto de se entregar à misericórdia de Deus, é uma brecha criada pelos enganadores que, privarão os incautos de desfrutarem da graça de Deus. Quando alguém crê, na verdade, entregou-se 'completamente' à misericórdia de Deus.

Outra aberração, é desvincular o 'arrependimento', do ato de 'crer' e de 'arrepender-se'. Crer é consequência do arrependimento. Só se arrepende de fato quem, após ouvir o evangelho, crê em Cristo. Quem crê que Jesus é o Cristo de fato mudou de concepção (metanoia), acerca de como ser salvo. Primeiro é anunciada a fé, em seguida o homem se arrepende (metanoia), e, por fim, crê.

'Crer' decorre da 'fé', não o contrario. Arrependimento decorre da 'fé' (evangelho) e nunca a 'fé' do arrependimento. Sem a fé manifesta, que é Cristo, é impossível o homem arrepender-se e crer para a salvação. Sem o conhecimento de Deus, a mensagem do evangelho, não há no que o homem possa crer, que o livre da condenação. O homem pode crer em Deus, crer em anjos, crer em milagres, crer no impossível, etc., mas se não crer em Cristo, o dom de Deus, não será salvo (Jo 14:1).

A palavra 'fé', quando é empregada nas Escrituras, no sentido de 'crer', não é 'conhecimento' e nem 'crença'. Spurgeon equivocou-se ao conceituar que *'a fé é feita de três coisas: conhecimento, crença e confiança'*. 'Crer' em Cristo é somente confiança n'Ele, por causa do testemunho que o Pai deu acerca do Filho nas Escrituras. A 'fé' (evangelho) é conhecimento, doutrina, crença e a 'fé' (crer) é somente confiança. Para que o homem possa crer, primeiro é necessário o 'conhecimento', que, em relação ao evangelho, é informação, mensagem, doutrina, espírito, etc., revelado por Deus em Cristo, assim com profetizado pelo profeta Isaías:

“Ele verá o fruto do trabalho da sua alma e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si” (Is 53:11)

É impossível a quem crê em Cristo, se gloriar de ter crido. É impossível reputar que há mérito em confiar em Cristo. Quem crê em Cristo, conforme as Escrituras, na verdade gloria-se em Cristo (Fl 3:3). Quem crê em Cristo, na verdade rendeu-se diante da fidelidade de Deus, expressa na sua palavra. O mérito, a glória e a virtude estão no evangelho, mensagem de boas novas de que Cristo veio ao mundo salvar os pecadores: “Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1:15).

Aquele que crê no evangelho, não necessita preocupar-se com o erro de se gloriar diante de Deus, pois o próprio evangelho exclui a jactância: “Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé” (Rm 3:27).

Não há como alguém se gloriar de ter amado a Cristo, pois quem ama, não se envaidece e não se vangloria (1Co 13:4). Quem crê, não tem como se vangloriar de ter crido, pois crer em Cristo é obra de Deus (Jo 6:29), que Ele opera, por meio do evangelho. Crer em Cristo é o mandamento de Deus, e quem crê se fez servo. Como gloriar-se de tomar sobre si o jugo de Jesus? Onde está a jactância, no ato de levar sobre si o fardo de Jesus?

Quando Jesus concitou os seus interlocutores, cansados e sobrecarregados, a tomarem sobre si o seu jugo, na verdade, estava requerendo que eles se sujeitassem como servos (Mt 11:28-30).

Por não se sujeitarem a esse ‘conhecimento’ específico, é que os judeus, sem entendimento, procuraram estabelecer uma justiça própria, não se sujeita à justiça que vem de Deus - Cristo (Rm 10:1-3). Se compreendessem que o justo vive da fé, ou seja, que o homem só vive através da palavra que sai da boca de Deus (Dt 8:3; Hc 2:4), os judeus saberiam que o homem só é justificado pela pregação da fé (Gl 3:2 e 5).

A lei exige realizações (Rm 10:5), a fé (evangelho) exige que se creia (Rm 9:33). A justiça, que vem por intermédio da ‘fé’, se dá quando o homem morre e ressurgue com Cristo e o que permite ao homem morrer e ressurgir, é crer na palavra da fé, que foi anunciada pelos apóstolos e profetas (Rm 10:8). Os judeus ouviam e

acreditavam que seriam justificados pela lei, mas como a lei estava enferma pela carne, ela era inócua para o que os judeus pretendiam alcançar (Rm 2:17; Gl 3:11).

A fé (crer) que os judeus depositavam na lei, é a mesma fé (crer) que o arrependido deposita no evangelho. O diferencial está em que, a lei não tem o poder que o evangelho possui. O propósito da lei é conduzir o homem a Cristo e o propósito do evangelho, é conduzir o homem a Deus, por intermédio de Cristo.

Spurgeon parece exalar sabedoria e humildade nas palavras:

“De maneira que a fé, que é o ato de ir a Cristo é concessão divina, da graça. A graça é a primeira e última causa movedora da salvação; e a fé, por mais essencial que seja, é apenas parte importante do mecanismo utilizado pela graça” Idem.

Mas, quando se questiona: que ‘fé’ é essa que é o ato de ir a Cristo? A concessão divina da graça está em que, Deus deu o Seu Filho, como mediador entre Deus e os homens. A fé, como concessão divina, não diz do ato do homem ir a Cristo, mas do ato de Deus vir até os homens. Em Deus revelar-se aos homens na pessoa de Cristo, está a primeira e última causa movedora da salvação (Jo 1:18).

A graça de Deus veio sobre todos os homens, através de um ato de justiça, realizado por Cristo Jesus (Rm 5:18). Como Cristo foi entregue pelos pecados da humanidade e ressuscitou para a justificação dos que creem (Rm 4:25), os crentes são justificados por Cristo, ou seja, pela fé (Rm 5:1). É por Cristo que o homem alcança a graça de ter paz com Deus, mediante o evangelho (fé) (Rm 5:2). É no evangelho (fé) que o cristão permanece firme e gloria-se na esperança da glória de Deus (Rm 5:2).

Crer é o ato de receber a Cristo, para ir a Deus (Jo 1:12). Portanto, crer, não é o ato de ir a Cristo, mas de receber a Cristo. Não há como o homem ir a Deus, por isso Deus veio aos homens, concedendo Cristo como mediador (graça), para que os homens pudessem ir a Deus (Jo 14:6). A ‘fé’ não é o ato de o homem ir a Cristo, antes, a ‘fé’ está no ato de Deus conceder Cristo aos homens (Gl 3:23).

Observe:

“Fé é uma palavra muito significativa. Implica fidelidade a Deus (Mt 24:45)”

e confiança absoluta n'Ele, como aquela demonstrada pelas pessoas que iam a Jesus à procura de cura (Lc 7:2-10). Fé pode ser definida, positivamente, como uma esperança segura, inabalável (Hb 11:1), ou, negativamente, como uma crença infecunda que não redunde em boas obras (Tg 2:14-26). Mas o que Paulo quis dizer, quando falou de 'fé salvadora', em Romanos? O apóstolo relacionou a fé à salvação. Não é necessário praticar boas obras para alcançar a salvação; se fosse, esta seria mais um feito humano, e Paulo deixou bem claro que as obras não nos podem salvar (Gl 2:16). Embora, a fé seja uma dádiva concedida por Deus, porque Ele deseja nos salvar (Ef 2:8), é a graça de Deus e não a nossa fé, que nos salva. Em sua misericórdia, ao nos salvar, Deus nos concede a fé, a fim de que tenhamos um relacionamento com o seu Filho, que nos ajuda a ser como ele. Por meio dessa fé, que recebemos do próprio Deus, passamos da morte para a vida (Jo 5:24) (...) Como seria trágico se transformássemos a fé em uma obra e tentássemos desenvolvê-la por nossa conta! Nunca poderíamos chegar a Deus por meio de uma fé humana, assim como o povo do Antigo Testamento não o poderia,, por meio dos seus sacrifícios. Assim, devemos aceitar a bondosa oferta de Deus com ações de graça e permitir que Ele plante a semente da fé dentro de nós” Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal, Versão Almeida Revista e Corrigida Edição 1995, pág. 1552.

Percebe-se que os editores da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal compartilham da mesma concepção de Spurgeon, de que é a graça de Deus e não a fé, que salva. A Bíblia afirma que quem crer será salvo e os editores da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal afirmam que, ao salvar o homem, Deus concede fé para que possa relacionar-se com Cristo. É esse o posicionamento das Escrituras?

Na verdade, os que creem em Cristo recebem de Deus poder para serem feitos filhos de Deus e não fé. Na verdade, Deus concedeu o seu Filho, Jesus Cristo, para que, por Ele, o homem tenha comunhão com Deus. Cristo é mediador entre Deus e os homens, portanto, a ideia de que a fé é para ter um relacionamento com o Filho é descabida, qualquer que seja a ideia que nutrem acerca do termo 'fé'.

A 'fé' (crer) do homem não é uma semente que Deus planta em seu coração, antes a fé, no sentido de crer, surge da fidelidade de Deus, expressa em sua palavra. A palavra de Deus é fiel, verdadeira, firme, imutável, etc., portanto, digna de ser aceita (1Tm 1:15). A palavra de Deus que é descrita como 'semente incorruptível', porque o homem é gerado de novo, por meio dela (1Pd 1:23). Essa semente é a

palavra da fé, a boa doutrina (1Tm 4:6), que, quando aceita pelo homem (crê), Deus faz surgir a nova criatura.

Somente a palavra de Deus é descrita como semente (Lc 8:11), pois, dela resulta a nova criatura (1Jo 3:9). 'Crer' na palavra de Deus, nunca é descrito como semente, pois o poder de conceder nova vida está na palavra de Deus e não na crença do homem. Deus salva o homem por meio da fé (evangelho), o que é diferente da ideia de que Deus salva e concede a fé (crer).

Se o leitor não souber diferenciar os versos que utilizam o termo 'fé' no sentido de 'evangelho', 'verdade', 'Cristo', etc., dos textos que utilizam o termo 'fé' no sentido de 'crer', 'acreditar', etc., chegará à mesma conclusão equivocada a seguir:

“Fé é obra da graça de Deus em nós. Ninguém poderá dizer que Jesus é o Cristo, senão por obra do Espírito Santo. “Ninguém poderá vir a mim,” disse Jesus, “se, pelo Pai, não lhe for concedido” [João 6.65]” Idem.

Cristo é a graça de Deus manifesta, que trouxe salvação a todos os homens (Tt 2:11), portanto, a 'fé' é a própria graça de Deus manifesta: **“Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”** (Jo 1:17; Gl 3:23). Deus deu o Cristo para realizar a sua obra: crede naquele que Ele enviou (Jo 6:29).

A 'fé', a 'verdade', é o testemunho que Deus deu acerca do seu Filho Jesus Cristo, para que todos honrem o Filho, da mesma forma que honram o Pai. Aquele que ouve as palavras de Cristo e crê, na verdade, crê em Deus, pois crê no testemunho de Deus, ou seja, nas Escrituras (Jo 5:23-24; Jo 5:39; 1Jo 5:10). O ensino de Jesus não era d'Ele, mas, de Deus, de modo que, quem crê em Cristo, faz a vontade de Deus (Jo 7:16-17).

Jesus disse: **“... ninguém pode vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido”** (Jo 6:65), porque alguns dos seus discípulos não criam em suas palavras, que eram espírito e vida (Jo 6:63-64). Embora Jesus anunciasse: - **“Eu sou o pão da vida”,** contudo não criam (Jo 6:35-36). Embora anunciasse: - **“Eu sou o pão que desceu do céu”** (Jo 6:41), murmuravam (Jo 6:42-43).

Foi predito pelos profetas que **‘todos seriam ensinados por Deus’** (Jo 6:45; Is 54:13), de modo que **‘todo aquele que o Pai me dá virá a mim’**, ou **‘ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer’**, ou **‘ninguém pode vir a mim, se**

pelo Pai não lhe for concedido', são modos distintos de dizer que as Escrituras dão testemunho de Cristo, de modo que todos os que se ouvem o Pai e se deixam instruir (aprende dele), creem em Cristo (Jo 6:45).

Quem o Pai deu a Cristo? Conforme o previsto nas Escrituras, aqueles que esperam no Senhor, que escondeu o seu rosto da casa de Israel, ou seja, Cristo, que apesar de ser santuário, tornou-se pedra de tropeço para Israel (Is 8:17-18). Quando é dito: - *"Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor"* (Is 8:18), é porque *'todos os teus filhos serão ensinados do Senhor'* (Is 54:13), de modo que, aquele que ouve o ensino de Cristo, aprende de Deus, que O enviou (Jo 7:16).

Salvação

"E seja achado nele, não tendo a minha justiça, que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé" (Fl 3:9)

O que é ser 'achado n'Ele'? É estar em Cristo, ou seja, ser uma nova criatura (2Co 5:17). Por definição, quem 'está em Cristo' é 'nova criatura'! A nova criatura alcança a justiça que vem de Deus, por intermédio de Cristo, que é sabedoria, justiça, santificação e redenção (1Co 1:30).

Nestas duas orações: *"... mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé"*, o termo 'fé' foi empregado com dois significados distintos, a saber:

- a) *'mas a que vem pela fé em Cristo'* - nesta oração o termo 'fé' foi empregado no sentido de 'crer', 'acreditar'. O apóstolo está enfatizando que a justiça de Deus é concedida aos que creem em Cristo;
- b) *'a justiça que vem de Deus pela fé'* - nesta oração, o termo 'fé' foi empregado no sentido de 'evangelho', 'Cristo'.

Como a justiça de Deus é imputada ao homem?

Quando discursou aos cristãos de Antioquia da Pisídia, o apóstolo Paulo deixou claro que o homem é justificado por Cristo ao crer n'Ele. O homem precisa crer em Cristo, não porque a sua crença será causa de justificação, antes, porque, por Cristo, o homem é justificado: *"E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes*

ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê” (At 13:39).

Os profetas deram testemunho de que, por Jesus Cristo, os que creem, recebem o perdão dos pecados (At 10:43). Há alguma virtude em acreditar em Cristo? Não! Na crença do indivíduo não há poder, antes, a virtude está em Cristo, pois, por Ele, é que o homem confia em Deus (2 Co 3:4). Sem Cristo, por quem vem a fé (crer), não há justificação (At 3:16).

Pelo fato de Cristo ter morrido por todos os homens, e todos os que creem morrem com Ele, o crente desfruta de uma nova vida (At 5:20), pois, vivem para Aquele que morreu e ressurgiu dentre os mortos (2 Co 5:14-15). Ser uma nova criatura provém de Deus, que reconciliou os que creem consigo mesmo por Jesus Cristo (2 Co 5:18), ou seja, a reconciliação por meio da fé não vem dos homens (Ef 2:8).

Não é a crença do homem que promove a reconciliação com Deus, antes, a fé (Cristo) é o meio pelo qual o homem tem acesso a Deus. Cristo veio ao mundo sem pecado, mas por Deus foi feito pecado, para quem estiver n’Ele (os que creem), sejam declarados justos (2 Co 5:21). Agora, sendo justificados por sua graça, os cristãos são embaixadores da parte de Deus anunciando a graça de Deus aos homens, em tempo oportuno (2 Co 6:1).

O ato de crer resulta em confissão (admitir o que é), conforme dispõe o salmista: ‘Cri, por isso falei’ (2 Co 4:13; Sl 116:10). A evidência exterior de quem crê em Cristo está na doutrina que professa, ou seja, na confissão, que o escritor aos Hebreus denomina ‘fruto dos lábios’ (Hb 13:15). Confissão que João Batista observou que faltava aos escribas e fariseus: ‘**frutos dignos de arrependimento**’ (Mt 3:8).

Ao acreditar que Cristo ressurgiu dentre os mortos (Rm 10:9-10), isto conforme a palavra da fé, apregoada pelos apóstolos e profetas, o homem é salvo. É salvo todo aquele que confessa a Jesus como Senhor e crê que Deus O ressuscitou dos mortos, pois, com a boca se faz confissão para a salvação[5] e com o coração, se crê para justiça. Ao crente é imprescindível o mesmo espírito de fé anunciado pelo salmista: crer e professar, pois a boca fala do que o coração está pleno (Mt 12:34).

Por meio do evangelho, a graça de Deus é derramada, pois Cristo trouxe salvação sobre todos os homens. A graça (bondade e benignidade de Deus para com os

homens) e o evangelho (verdade) decorrem de Cristo, pois por Ele é concedido aos homens redenção e remissão dos pecados: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8); “Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (Jo 1:17).

Deus criou a humanidade em função do beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir n’Ele todas as coisas, para que em tudo Ele fosse preeminente (Ef 1:9-10). Mas, para fazer parte deste propósito, a humanidade teria que ser participante da glória de Deus, semelhante a Ele, pois só entre semelhantes é possível ser preeminente. Cristo é espírito vivificante, o último Adão, pois por Ele muitos são conduzidos à glória de Deus e feitos semelhantes a Ele (1Jo 3:2; 1Co 15:48 -49).

Como é impossível aos homens serem semelhantes a Deus, em poder e glória, o Verbo se fez carne e em tudo se fez semelhante aos homens (Hb 2:14 e 17), para fazer propiciação pelos pecados do povo. Os que ressurgissem dentre os mortos com Cristo são santos, irrepreensíveis e semelhantes a Ele. Como Cristo se fez servo em tudo, Deus o exaltou soberanamente, constituindo-o como a cabeça da igreja, que é o seu corpo, posição de primogênito entre muitos irmãos, o que lhe confere a preeminência em tudo.

Jesus despiu-se da sua glória e se fez homem, porém, sem pecado. Em tudo foi provado como homem, tendo que confiar nas Escrituras e ser obediente ao Pai. A missão de Jesus era reparar a ofensa de Adão: obediência pela desobediência, para estabelecer a justiça: “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Rm 5:19).

A humanidade entrou em condenação eterna pela ofensa de Adão (desobediência). Os homens entram na vida eterna pela obediência de Cristo (justiça). Quando o homem crê que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, morreu pelas ofensas e pecados da humanidade e, que ressuscitou dentre os mortos será salvo, conforme as profecias. A encarnação, morte e ressurreição do Filho de Davi são eventos históricos que tornam os homens justos aos olhos de Deus, isso, porque, esses eventos se deram, segundo a palavra de Deus.

Ao crer nos eventos históricos do nascimento, morte e ressurreição e, na doutrina de Cristo, efetivamente, o crente está crendo na palavra de Deus: a verdade (Sl

119:160; Sl 138:2). Os apóstolos viram e testificaram que Deus enviou o seu Filho como salvador do mundo, pois, crer nesta verdade, para salvação, é imprescindível: “E aquele que o viu, testificou e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais” (Jo 19:35; 1 Jo 4:13-15; At 10:39-43). Ao crer nessa verdade, o homem confirma que Deus é verdadeiro: “De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras e venças quando fores julgado” (Rm 3:4).

Crer em Cristo é crer em Deus, declarando-O verdadeiro, fiel e justo. “Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê, mentiroso o fez, porquanto, não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho” (1Jo 5:10-11); “Na verdade, na verdade, vos digo que, quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida” (Jo 5:24); “Porque, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus; pois não lhe dá Deus o Espírito por medida” (Jo 3:34); “Porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles as receberam e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti, e creram que me enviaste” (Jo 17:8); “Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17).

Ao escrever ao irmão Tito, o apóstolo Paulo faz alusão a três aspectos do evangelho: a) manifestou a sua palavra; b) pela pregação confiada; e, c) segundo o mandamento de Deus: “Mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra, pela pregação que me foi confiada, segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” (Tt 1:3). O primeiro aspecto diz da palavra de Deus manifesta, que se refere a Cristo, o Verbo que se fez carne, na plenitude dos tempos e, por quem o homem é justificado. O segundo aspecto refere-se à pregação, que tem por tema Cristo e deve ser anunciado a todos os povos, pois, ‘como crerão naquele de quem não ouviram’? (Rm 10:4) O terceiro aspecto do evangelho é o mandamento: crer (1 Jo 3:24).

Um erro do [calvinismo](#), está em reputar que, no ato de crer, alguém possa jactar-se de se salvar por seus próprios méritos, pois, com relação ao evangelho, ter mérito por crer é impossível. Crer é mandamento, de modo que, quem crê, se faz servo, sujeitando-se ao senhorio de Cristo. Crer é obedecer ao evangelho, de modo que o crente não tem como se vangloriar e nem como se ensoberbecer.

Com relação ao evangelho, não podemos pecar pelo preciosismo ou pela omissão, pois, em ambos os casos, é prevaricar contra o evangelho. Há quem contrarie as Escrituras, ao dizer que ‘não basta apenas confessar com a boca que Jesus Cristo é o Senhor para ser salvo’, para encontrar ocasião de impor obrigações sobre os incautos e há quem diga que ‘a fé é apenas um canal ou aqueduto e não a própria fonte da salvação’, invocando o medo de um risco de o crente gloriar-se de ter crido em Cristo, pervertendo a fé de alguns.

O crente não pode perder de vista, que a salvação que alcançou em Cristo é graça de Deus; que é graça ter recebido poder de ser feito filho de Deus; que ter uma herança no céu é graça de Deus; desfrutar do cuidado de Deus, no dia a dia, é graça; que ser coerdeiro de Cristo e reinar com Ele é graça. A obra de Cristo nos homens é graça de Deus, de modo que se pode afirmar, categoricamente, que Cristo é a graça de Deus, pois todas essas benesses decorrem de Cristo (2 Co 1:20).

O ápice da graça se encontra na ressurreição que Deus concede aos homens, pois o salário do pecado é a morte. Como todos pecaram, todos são merecedores de morte. Quem morre sem Cristo segue-se ao juízo, sob condenação, mas quem crê em Cristo, passou da morte para a vida, pois de fato morre para o pecado, conformando-se com Cristo, na sua morte e através da ressurreição de Jesus Cristo, ressurgue para a vida eterna: maravilhosa graça!

O crente não pode demover-se da fé, ou seja, da graça de Deus. Estar firme na graça (1 Pe 5:12), é estar firme na fé (1Pe 5:9). A graça de Deus tornou-se notória a todos os homens, pelo fato de Cristo Jesus, sendo rico (Tt 2:11; Tt 3:7), por amor dos que creem, se fez pobre, para que, pela sua pobreza fossem, feitos ricos (2 Co 8:9).

[1] “4102 πιστις (*pistis*) de 3982; TDNT - 6:174,849; n f 1) *convicção da verdade de algo, fé; no NT, de uma convicção ou crença, que diz respeito ao relacionamento do homem com Deus e com as coisas divinas, geralmente com a ideia inclusa de confiança e fervor santo, nascido da fé e unido com ela 1a) relativo a Deus 1a1) a convicção de que Deus existe e é o criador e governador de todas as coisas, o provedor e doador da salvação eterna em Cristo 1b) relativo a*

Cristo 1b1) convicção ou fé forte e benvinda de que Jesus é o Messias, através do qual nós obtemos a salvação eterna no reino de Deus 1c) a fé religiosa dos cristãos 1d) fé com a ideia predominante de confiança (ou confidência) seja em Deus ou em Cristo, surgindo da fé no mesmo 2) fidelidade, lealdade 2a) o caráter de alguém em quem se pode confiar” Dicionário Bíblico Strong.

[2] *“4100 πιστευω (pisteuo) de 4102; TDNT - 6:174, 849; v 1) pensar que é verdade, estar persuadido de, acreditar, depositar confiança em 1a) de algo que se crê 1a1) acreditar, ter confiança 1b) numa relação moral ou religiosa 1b1), usado no NT para convicção e verdade, para a qual um homem é impelido por uma certa prerrogativa interna e superior e lei da alma 1b2) confiar em Jesus ou Deus, como capaz de ajudar, seja para obter ou para fazer algo: fé Salvador 1bc) mero conhecimento de algum fato ou evento: fé intelectual 2) confiar algo a alguém, i.e., sua fidelidade 2a) ser incumbido com algo”* Dicionário Bíblico Strong.

[3] *“Metonímia ou transnomação é uma figura de linguagem que consiste no emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança entre o segundo e o termo entre as orações ou a possibilidade de associação entre cinco ou mais figuras de linguagem destes. Por exemplo: “Palácio do Planalto” é usado como um metônimo (uma instância de metonímia) para representar a presidência do Brasil, por ser esse o nome do edifício do governo federal”,* Wikipédia.

[4] *“A ideia de Deus (...) nasce da reflexão sobre as operações do nosso próprio espírito...”* Hume - Vida e Obra, Coleção Os pensadores, 1999, pág. 37.

[5] *“Podemos sentir no próprio espírito que desta qualidade de caráter depende até mesmo a nossa própria salvação eterna. Sim, porque não basta apenas confessar com a boca que Jesus Cristo é o Senhor para que sejamos salvos, porque isso qualquer um pode fazer”.* Macedo, Edir. O poder sobrenatural da fé. 1º Ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2011 pág. 120. Grifo nosso.